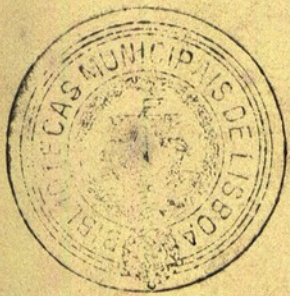


COMPRA
ABR. 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA.
— AS FURNAS E AS SETE CIDA-
DES. — NAS GARRAS D'UM TIGRE. —
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — FO-
LHA D'ALBUM. — TRAGICOS DESTI-
NOS. — SANTA ADOZINDA. — TU ÉS
COMO UMA FLOR. — PULVERISANDO
MONTANHAS. — A FEIRA DE EVORA. —
MODAS. — PING-PONG. — VARIEDADES.

VOL. I

JULHO - 1901

NUM. 4

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag
CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA. — NA EGREJA DE S. ROQUE. — <i>Por</i> SOUSA VITERBO. — <i>Com 7 gravuras, photographias de Bobone e Camacho.</i>	195
AS FURNAS E AS SETE CIDADES. — VALLES PITTORESCOS DA ILHA DE S. MIGUEL, NOS AÇORES. — <i>Por</i> ARMANDO DA SILVA. — <i>Com 7 gravuras.</i>	201
EM JULHO, NA EIRA. — <i>Reproducçã d'um desenho.</i>	205
NAS GARRAS D'UM TIGRE. — AVENTURA AUTHENTICA NA INDIA. — <i>Com 4 illustrações.</i>	206
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por</i> ANTONIO ENNES. — <i>Capitulo IV</i> — MOÇAMBIQUE, O PORTO, A ILHA, A CIDADE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — (<i>Continuação</i>) — <i>Com 11 gravuras, reproducções de photographias, e assignatura autographa.</i>	209
FOLHA D'ALBUM. — <i>Por</i> OSCAR DA SILVA.	228
TRAGICOS DESTINOS. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — <i>Com 5 illustrações</i>	231
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por</i> ABEL BOTELHO. — <i>Capitulo IV</i> — A SENHORA DA LAPA. — <i>Com 1 gravura, desenho de A. Benarus</i>	169
TU ÉS COMO UMA FLOR. — <i>Reproducção de um quadro de</i> SCHMID	246
PULVERISANDO MONTANHAS. — <i>Com 4 illustrações</i>	247
A FEIRA DE EVORA. — <i>Com 6 gravuras, copia de photographias</i>	251
MODAS. — <i>Com 2 illustrações.</i>	254
PING-PONG. — <i>Com 1 gravura.</i>	256
VARIEDADES. — SPORT AEREO, MEMENTO ENCYCLOPEDICO, PHOTOGRAPHIA PRACTICA, PROBLEMAS. — <i>Com 3 gravuras.</i>	XXV

53 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	{	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empreza.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusive na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea — **A revolução de 1820 e o Congresso de Verona**, 1 vol. 700

FERNANDO MAYA

A tactica das tres armas, 1 vol. 1\$000
Da Cavallaria, sua missão estrategica e tactica, 1 vol. 1\$500

RIBEIRO ARTHUR — **A legião portugueza ao serviço de Napoleão**

Illustrado com quatro aguarellas do auctor, 3 photogravuras e desenho de Ed. Detail
1 vol. — 3\$000 réis.

NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA — **TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

Henryk Sienkiewicz — *Quo Vadis*

- » » *Par le fer et par le feu*
- » » *Bartek le victorieu*
- » » *En vain*
- » » *Sans dogme*
- » » *Hania*
- » » *Suivons-le*
- » » *Chevaliers de la Croix*

Gautier — *Année Scientifique.*

- Hospitalier** — *Formulaire de l'electricien.*
- Hourst** — *Notre marine de guerre.*
- V. Hugo** — *Lettre à la fiancée.*
- Zola** — *Travail.*
- Heidenstam** — *L'epopée du roi.*
- Dreyfus** — *Cinq années de ma vie.*
- Brassey's** — *Naval Annual.*

ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASSEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

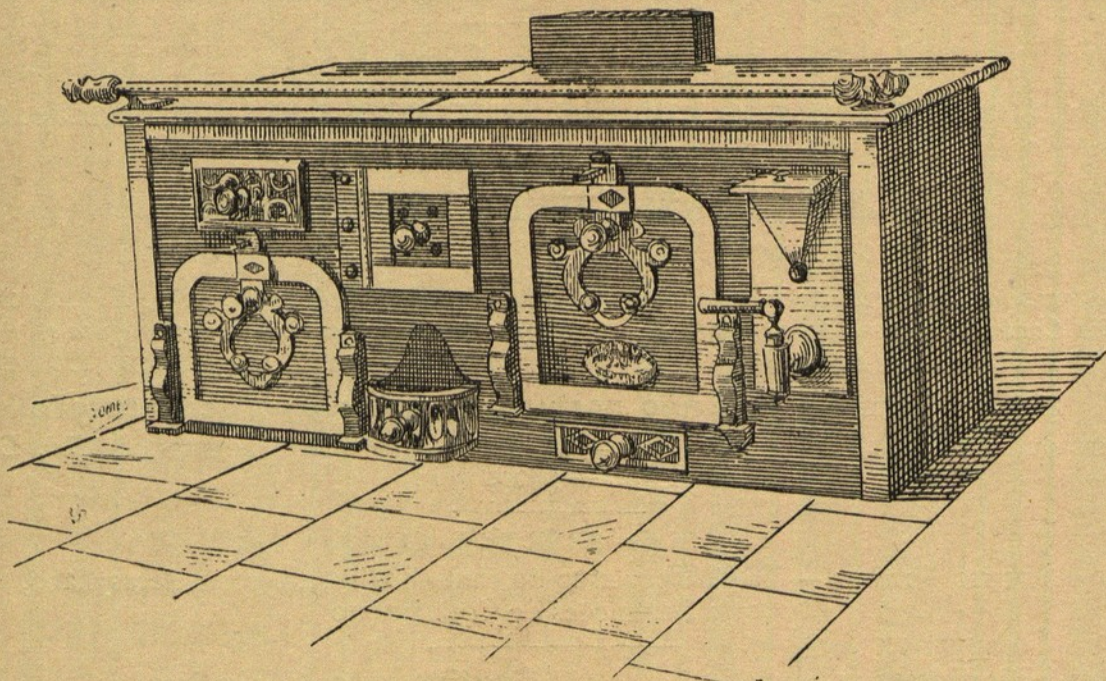
«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70 — Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

—000—

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS

Lopes de Sequeira

Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.^A

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.



Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS

CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

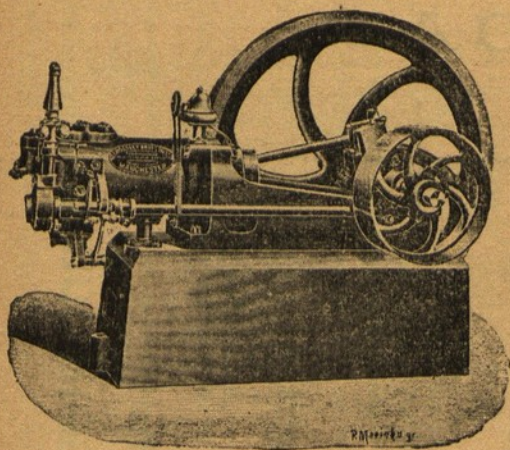
GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA

Obturadores, prensas, aparelhos de ampliação, tinas; emfim, todo o material
necessario ás manipulações photographicas

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

BONUS AOS NOSSOS LEITORES

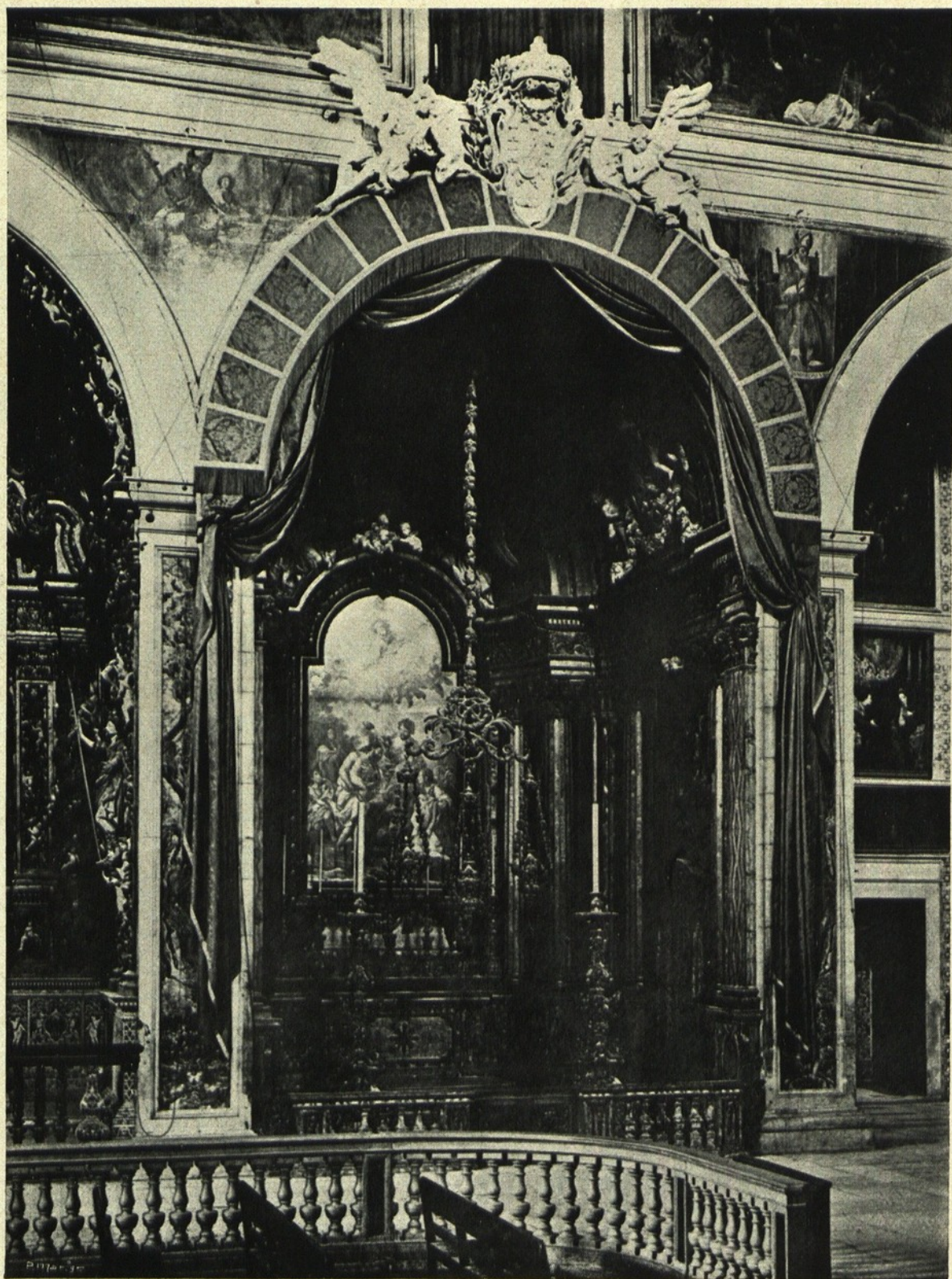
Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empresa, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — *Rua do Ouro, 285 a 293.*

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — *Rua de S. Julião, 83 a 87.*

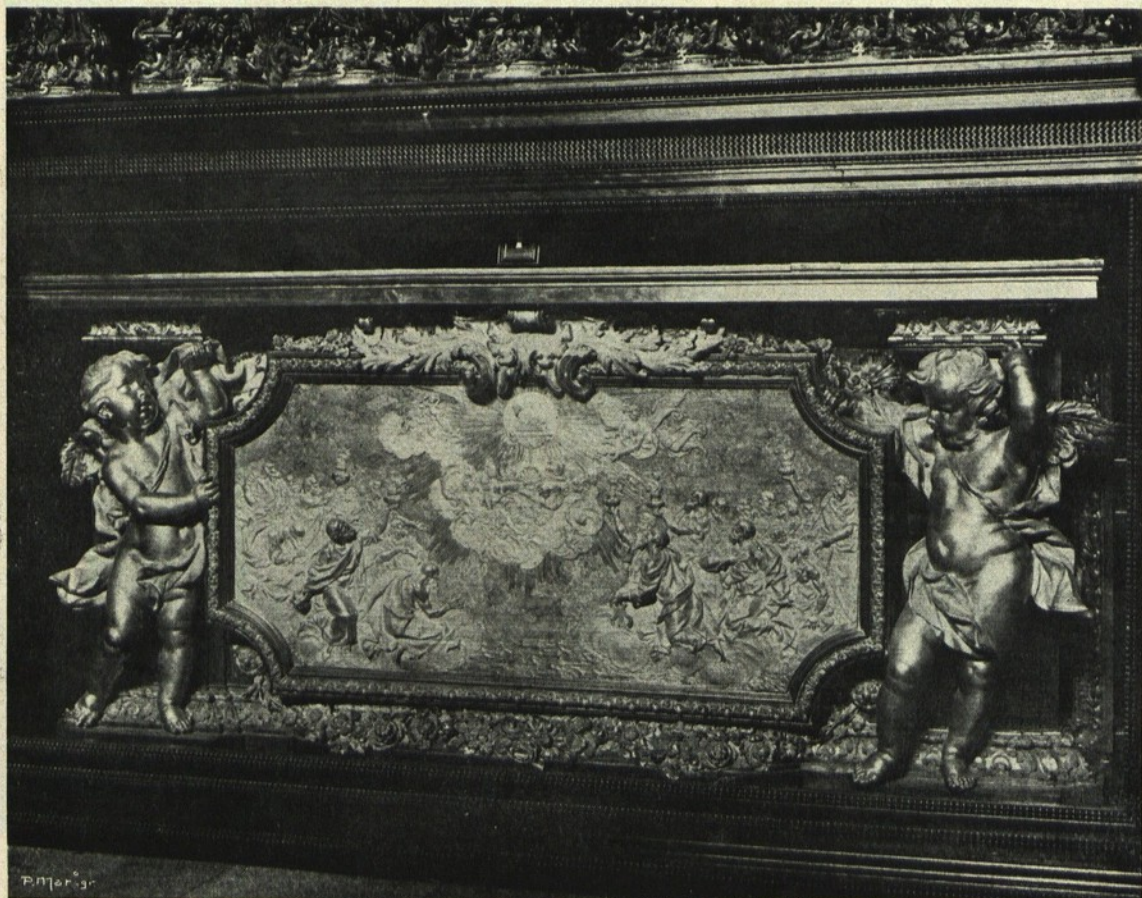
CAMISARIA — **Pitta** — *Rua Augusta, 195 e 197.*

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — *Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.*



Cliché Camacho.

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE, EM LISBOA



Cliché Bobone.

FRONTAL DE PRATA E LAPIZ-LAZULI

Capella de S. João Baptista

Na Igreja de S. Roque, em Lisboa

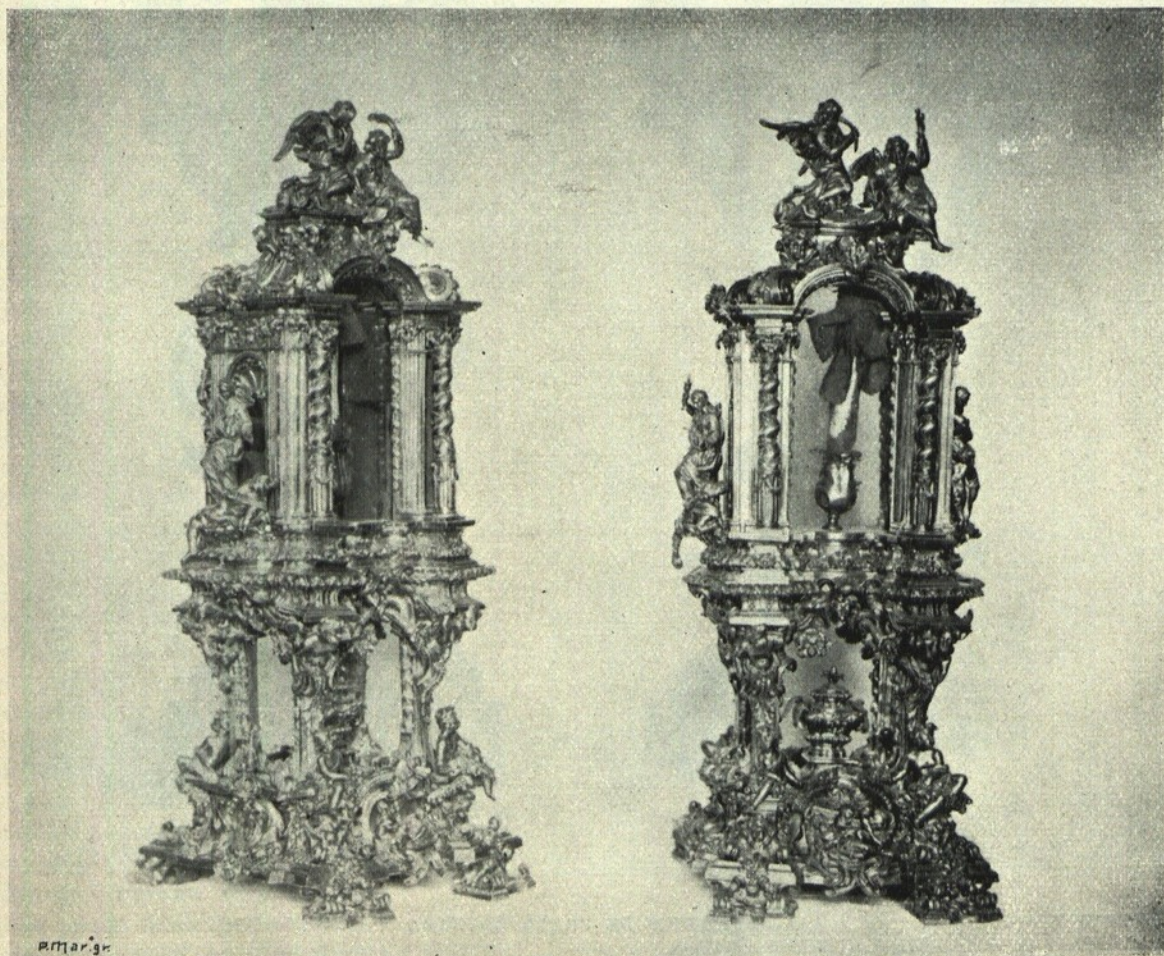
A EXPRESSÃO *estyló D. João V* vae-se vulgarizando entre nós e tomando fóros de cidade, á similhaça d'aquella outra *estyló manuelino*, já hoje entrada definitivamente na tecnologia artistica. Se pela phrase *estyló D. João V* se pretende determinar e classificar chronologicamente um objecto ou um monumento produzido durante o periodo em que imperou aquelle monarcha, nada ha que se opponha á sua admissão, porque corresponde a uma verdade historica. Outro tanto, porém, não succede, se com ella quizermos considerar artisticamente um producto, como tendo uma feição especial, d'uma originalidade typica, propria unicamente da evolução esthetica portugueza n'aquella época. E' innegavel que o filho de D. Pedro II procurou dar, sob todas as fórmãs, um grande impulso á civilisação portugueza, mas esse movimento realisou-se quasi exclusivamente á custa de elementos estranhos, desprezando os caseiros, ou não os aproveitando conve-

nientemente. Esses elementos não foram assimilados, não se inocularam no intimo do nosso organismo, e ao entrarem no nosso paiz não soffreram uma influencia salutarmente poderosa que lhes imprimisse um accentuado cunho de naturalisação. Phenomeno identico se deu no reinado de D. Manuel, mas n'outras condições e com resultados muito differentes. Da Hespanha, da França, das Flandres, foi importante a corrente de imigração artistica, assim como era grande o numero de especuladores de toda a sorte que vinham das diversas partes da Europa, attrahidos pela novidade e fama das nossas navegações. João de Castilho e seu irmão Diogo eram biscainhos. Da Biscaya provinha tambem Danzinho; Boytac, João de Ruão, mestre Nicolau, eram francezes. Antonio de Hollanda tinha no seu appellido patronymico a certidão de baptismo. Portugal, porém, atravessava então um periodo de actividade febril como nunca mais se repetiu. A ancia



dos descobrimentos preocupava todos os espiritos e julgava-se que o mundo era estreita bainha para a nossa espada conquistadora. A fauna, a flora, a ethnographia dos novos climas estampava-se no nosso cerebro e dava motivos singulares de ornamentação aos architectos e esculptores. Não admira, portanto, que os artistas estrangeiros, cahindo n'este cadinho, no momento de tão palpitante effervescencia, não fundissem n'elle as suas idéas, não as vazassem em novo molde, não se dei-

tellectualidade portugueza, embora reconheça desde já que essa acção foi bastante sensivel, extendendo-se não só á cultura intellectual propriamente dita, á litteratura e ás sciencias, mas tambem, e muito especialmente, ás bellas-artes, ás artes industriaes e ás industrias. E não formulo esse juizo, porque o reputo extemporaneo, e por conseguinte falso, ou pelo menos incompleto, emquanto se não proceder a uma especie de syndicancia e inventario, formando-se quadros synopticos dos



Cliché Bobone

RELICARIOS DE PRATA DOURADA

xassem empolgar da força dominante e não transmittissem por conseguinte á sua obra o quer que seja de imperiosamente occasional, que nos surprehende e nos encanta. No reinado de João v o gosto faustoso d'um monarcha substitue-se á vida d'um povo; a seiva nacional não sóbe impetuosa nem se expande por todos os ramos da arvore e apenas o ouro do Brazil injecta uma vida artificial na estatua da opulencia.

Eu não me atrevo a sentenciar juizo definitivo sobre a resultante da acção benefica do governo de D. João v na esphera da in-

stitutos que organisou, dos monumentos que erigiu, dos estudos que favoreceu, das fabricas que creou, dos melhoramentos que introduziu ou realisou, de tudo que produziu emfim, que se destaque pelo seu character progressivo, utilitario ou esthetico. Essa resenha seria hoje bastante difficil de levar-se a cabo completa, porque bastantes monumentos e objectos desapareceram, destruidos principalmente pelo terramoto, como por exemplo, a Patriarchal com o seu riquissimo thesouro. A par d'este trabalho outro não menos indispensavel e complementar se deveria effectuar,



Cliché Bobone.

RELICÁRIOS DE PRATA DOURADA

explorando as correspondências diplomáticas e as chancellarias, d'onde se extrahiriam as relações dos objectos encomendados no estrangeiro e os nomes dos artistas, tanto nacionaes como estranhos, que se contractaram e que receberam diversas mercês. Depois d'isso é que se faria o confronto entre o existente e o que desapareceu; procedendo-se igualmente ao exame comparativo, não só entre o que se conserva entre nós, mas com o similar da mesma época nos outros paizes e assim, e só assim, ficaria determinado se effectivamente a denominação de *estyllo D. João v* contém fundamento razoavel. Para mim, não obstante faltarem-me os subsidios apontados, mas em vista da minha limitada observação,

é fóra de duvida que alguma cousa da personalidade de D. João v se reflecte na obra do seu tempo, embora elle não fosse senão um satellite do *rei-sol* e a côrte de Lisboa uma segunda edição em formato menor da côrte de Versailles.

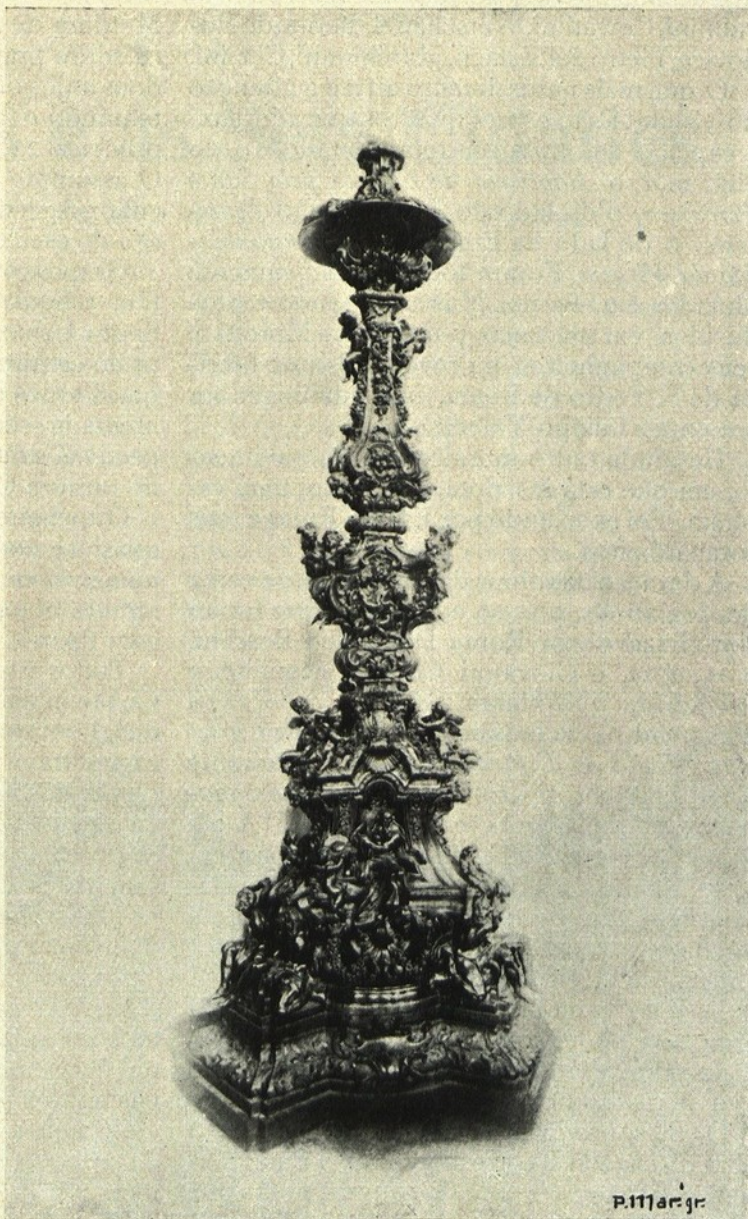
Uma prova evidentissima e flagrantemente demonstrativa da these que tão ligeiramente esbocei, encontrar-se-ha, sem necessidade de grande concentração de espirito ou de profunda analyse dos factos, na capella de S. João Baptista, erecta na egreja de S. Roque, d'esta cidade. Toda ella veiu fabricada de Roma e com ella toda a baixella, todo o arsenal do culto e das cerimonias, incluindo as cousas mais insignificantes, como as vélas, as

lamparinas, os pavios, as vassouras, as escovas, até o vazilhame de uso mais correntio, tanto de metal como de louça. Ao examinar as listas d'esses utensilios, dir-se-hia que as artes e as industrias portuguezas marcavam zero na columna thermometrica da sua laboriosidade.

A capella de S. João Baptista é uma basílica de Mafra em miniatura, com a differença de que esta foi construida no nosso paiz, ao passo que aquella foi executada completamente em Roma. N'uma a corpulencia do gigante; n'outra o limitado das fórmás; em ambas o mesmo caprichoso conjuncto de sumptuosidades. A capella de S. João Baptista não é uma obra anonyma; a sua época está perfectamente determinada, sabendo-se, sem a menor omisão, o nome dos artistas e artifices que concorreram para a sua execução e acabamento. Foi o voto d'um rei e esse voto cumpriu-se com toda a exactão e liberalidade da palavra real. Diz-se que D. João v, frequentador assiduo da igreja de S. Roque, da Companhia de Jesus, reparando na pobreza relativa da capella consagrada ao santo do seu nome, promettera mandar edificar outra, que correspondesse dignamente á sua munificencia e ao seu affecto religioso. Esta lenda não está historicamente averiguada, mas qualquer que fosse o motivo, o que é certo é que em fins de 1742 se fez a encomenda para Roma, sendo ahi nosso agente politico Manuel Pereira de Sampaio, que ainda mais que aos negocios diplomaticos, tinha de attender a mil outras minudencias a com que côrte de Lisboa tornava em excesso trabalhosa a sua missão. O plano e as linhas geraes da obra foram remettidas da nossa côrte, não se executando nada sem que esta visse primeiramente os desenhos e fizesse n'elles os reparos e observações que julgava convenientes e apropriados aos seus desejos. Um italiano e jesuita, homem de vario saber e aptidão, o padre Carbone era quem, na nossa capital, superintendia sobre os pormenores e tinha na mão os fios da meada.

A capella não se destaca, como já disse, pela grandeza das suas proporções, nem pela belleza das suas linhas geraes. De estylo classico, de columnas corinthias é sobretudo recommendavel pela riqueza dos seus materiaes e ornatos, pela perfeição das suas partes, pela harmonia do seu conjuncto, que nada perde com a variedade de cada uma das suas peças.

O sagrado recinto dir-se-hia um museu de mineralogia, mas um museu selecto, em que se exposeram apenas as pedras mais raras, mais bellas ou mais custosas, de mais seductor aspecto e colorido. O artista que lavrou e po-



P.111ar.gr

Cliche Bobone. UM DOS TOCHEIROS DA CAPELLA

liu estas pedras foi Rotoloni, que bem se pode dizer, sem grave impropriedade e sem grande emphase, o *joalheiro da cantaria*, pois o ma-

terial é dos mais finos. E assim como os paramentos de rica seda são recamados de bordados a ouro, assim a cantaria é moldurada e ornamentada de bronze dourado, em que trabalharam metallistas e ourives como Guerrini, Roza, Annibaldi, Kaiser, Giardoni, Mascelli e Arighi.

Nicolau Salvi e Luiz Vanvitelli foram os architectos que deram a traça do monumento, embora em Lisboa se fizessem modificações, ás quaes não foi extranho o celebrado architecto de Mafa Ludovice.

Os diversos trabalhos de esculptura, já em figura, já em baixo-relevo, já em festões e outros ornamentos são devidos ao cinzel de Giovannini, Corradini, Werschaffel, Bernardo Ludovice, Pietro del'Estach, Marchionni, Corsini.

O que mais naturalmente attrae a attenção do visitante são os tres quadros que adornam a capella, em mosaico, representando o do altar mór o *Baptismo de Christo pelo Santo Percursor*; o do lado do Evangelho o *Pentecoste*: o do lado da Epistola o da *Annunciação da Virgem*. Foram todos primitivamente pintados em tela por Massucci, sendo reproduzidos em mosaico por Mattia Moretti e seus companheiros na reverendissima fabrica de S. Pedro de Roma, cujo administrador era então Filippo Valerij.

Ha ainda outro mosaico, é o do pavimento, em que está inscripta, ao centro, uma esphera. Foi executado por Enrigo Enno e seus companheiros.

A duração das obras da capella foi de cerca de dez annos, pois só em 1752 é que foram contractados em Roma Domenico Bussoni, mosaicista, e Giovanni Corsini, engenheiro machinista que vieram a Lisboa collocar os dois quadros de mosaico, *Baptismo de Christo* e *Vinda do Espirito Santo* e juntamente fazer qualquer reparo que necessitasse o mosaico da *Annunciação* e o pavimento. A capella, porém, tinha já vindo para Lisboa em 1747, estando promptos os alicerces em dezembro. Entre os artistas encarregados de a montarem conta-se o celebrado esculptor Giusti, que ficou em Portugal.

D. João v não logrou vêr completa a sua obra nem pode, com a sua presença, dar toda a pompa á inauguração, se com effeito esta se realisou com grande solemnidade.

O thesouro completa admiravelmente a obra da capella e corresponde á sua magnificencia, senão a excede. E convem notar que elle já não se apresenta hoje na integridade primitiva, faltando-lhe na parte metallica algumas peças de grande importancia, como a custodia e a pixide de ouro, a cruz processio-

nal, 4 relicarios de prata branca semelhantes aos de prata dourada, que ainda existem, uma banquetta de 30 castiças, etc. O que sobrenadou ao naufragio, graças a Deus e a S. João Baptista, ainda é de excepcional valor e bem merece o nome de thesouro pelas preciosidades que encerra, como se pode verificar nas estampas que apresentam o conjuncto da sua exposição.

Reproduzem-se aqui tambem alguns dos objectos, a principiar pelo frontal, que só serve no festa do Orago.

E' de prata e lapiz-lazuli. No centro um baixo relevo representando o passo do Apocalypse — o *Cordeiro adorado pelos anciãos*. Moldura de grandes ramagens de prata branca sobre prata dourada. De um e outro lado dous anjos de prata, de tamanho natural, sustentando o friso de prata. Altura 1^m,12; comprimento 2^m,30. Peso bruto 322:650 grammas. O assumpto principal foi modelado pelo esculptor Agostino Corsini; os dos anjos lateraes são do esculptor Bernardino Ludovice.

Os quatro relicarios de prata dourada contém reliquias de S. Prospero, S. Valentim, Santo Urbano e S. Felix. Dous tem de altura 86 centímetros e os outros 81. Affectam quasi todos a mesma fórma ricamente ornamentada com episodios das vidas dos respectivos santos e outros assumptos. São obra do ourives Carlo Guarnieri.

O tocheiro, de 2 metros e 85 centímetros, quasi se poderia erigir como pequeno monumento em praça publica. Em fórma de piramide triangular, é ricamente ornamentado com figuras, festões, etc.

Todos estes productos da ourivesaria romana, tão magnificamente cinzelados e trabalhados, honram sobremaneira os artistas que os executaram. Não são d'uma época nem d'um estylo dos mais apreciaveis; mas se perdem na elegancia e singelesa das linhas geraes, se peccam pelo excesso do adorno, compen-sam estes defeitos pela correção do desenho, pelo bem acabado, e por outras qualidades não menos recommendaveis.

Os paramentos, de todas as côres, não desdizem da baixella. São de seda, primorosamente bordados. A rouparia branca, ornada de finissimas rendas, faz principalmente o pasmo dos olhos femininos.

Se a magnificencia, revestindo as fórmas da arte, se impõe á admiração e reconhecimento da posteridade, por certo que o busto de D. João v, personificando essa magnificencia, pôde e deve campear condignamente no meio das preciosidades que constituem o thesouro da capella do Santo Precursor.



VISTA DA CIDADE DE PONTA DELGADA

As Furnas e as Sete Cidades

Valles pittorescos da Ilha de S. Miguel, nos Açores

As mesmas rabidas coleras volcanicas que fizeram surgir do fundo mysterioso do oceano a ilha de S. Miguel, erguendo a pique as suas costas de escoria negra, cavarão-lhe tambem, quasi nas duas extremidades do dorso accidentado, os famosos valles chamados das Furnas e das Sete Cidades, cuja maravilhosa graça natural conquistou de ha muito tão extensa reputação. O mesmo fogo, que por toda a ilha cortou ravinhas á superficie e furou algares subterraneos, abriu igualmente, entre as fendas dos montes, esses deliciosos valles, para mostrar que a sua força criadora era capaz de produzir o flagrante contraste de tão admiraveis expressões de imperecível belleza ao lado do proprio espectáculo cruel das suas catastrophes mais violentas.

Um e outro dos dois valles são situados, effectivamente, no fundo de crateras extinctas, rodeados por cintos de montanhas, que se encastellam umas sobre as outras, todas cobertas por um manto de vegetação ridente e luxuriosa. E das suas cumieiras, dos altos cimos d'esses montes, tanto nas Furnas como nas Sete Cidades, o quadro que se desenrola á vista, com todos os ricos matizes

de finos perfumes, é por tal forma inesperado e surprehendente que, nas Furnas nem os encantadores valles montuosos do Tyrol o excedem, e nas Sete Cidades nem os soberbos lagos da Suissa o ultrapassam. Sobejam os depoimentos entusiasticos dos forasteiros que tiveram a fortuna de contemplar uma vez qualquer das duas incomparaveis estancias michaelenses, porque todos conservaram archivada na sua memoria essa visão extraordinaria e viverão por muito tempo a deliciosa impressão da esthesia do momento delicioso em que a aperceberam na sua ra-



A CAMINHO DAS SETE CIDADES — LOMBA DA CRUZ

diosa suavidade. Nas Furnas são as linhas de prata da agua, que correm pelas vertentes



LAGOA NO VALLE DAS SETE CIDADES



CALDEIRAS DAS FURNAS

abaixo cantando entre os choupos, e vão reunir-se á ribeira que atravessa a povoação; é esta com as suas graciosas casas brancas, os seus bellos chalets, os seus jardins magnificos, a primorosa ermida gothica de José de Canto, destacando nupcialmente entre o verde da vegetação os claros da sua cantaria; são os pittorescos serrados de pujante cultura, divididos entre si por opulentas moitas de hydrangeas, com cachos de flores azul celeste ou côr de carne de mulher; são as suas estranhas caldeiras, semelhantes aos geyzers da Islandia.

A pequena aldeia, com as suas casitas disseminadas por entre as verduras do vigoroso arvoredado e os fios titubeantes dos variados cursos de agua, é alegre e buliçosa, orientalmente chromada, trescalante de aromas, parecendo collocada no meio de um verdadeiro jardim botânico. Aqui são amplas manchas que as grandes folhas dos inhames põem no solo; além as essencias das proveniencias mais diversas e distantes crescendo victoriosamente como se fosse na patria nativa; ali as Palmeiras raras e os Fetos arborescentes ou um lençol de elegantes Gramineas; acolá os canteiros de flôres dos tropicos gritando na vivacidade insolente do seu colorido, já amaciada com tudo pela doçura do clima e pelo intimo convívio com as plantas das regiões temperadas.

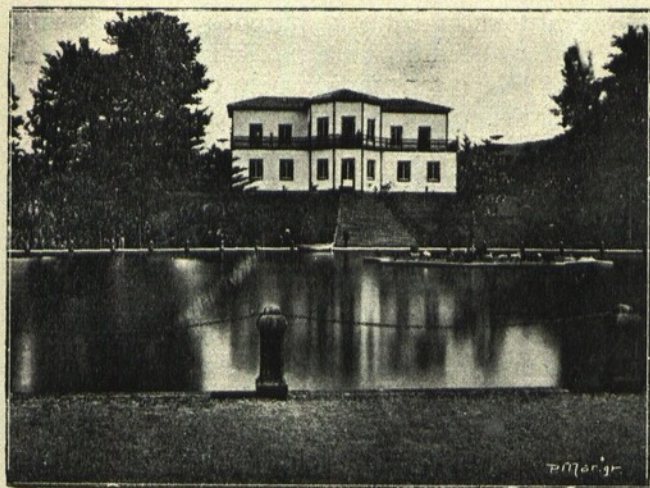
Mas, a par d'esse formoso espectáculo, tão perennemente impregnado da serenidade magestosa da Natureza, subsistem os signaes da actividade vulcanica, ainda não extincta de todo. O bello lago das Furnas é alimentado

aguas claras, onde, apesar d'isso, a vida triumphava na vegetação, composta na mór parte de



EGREJA DE JOSÉ DO CANTO, NAS FURNAS

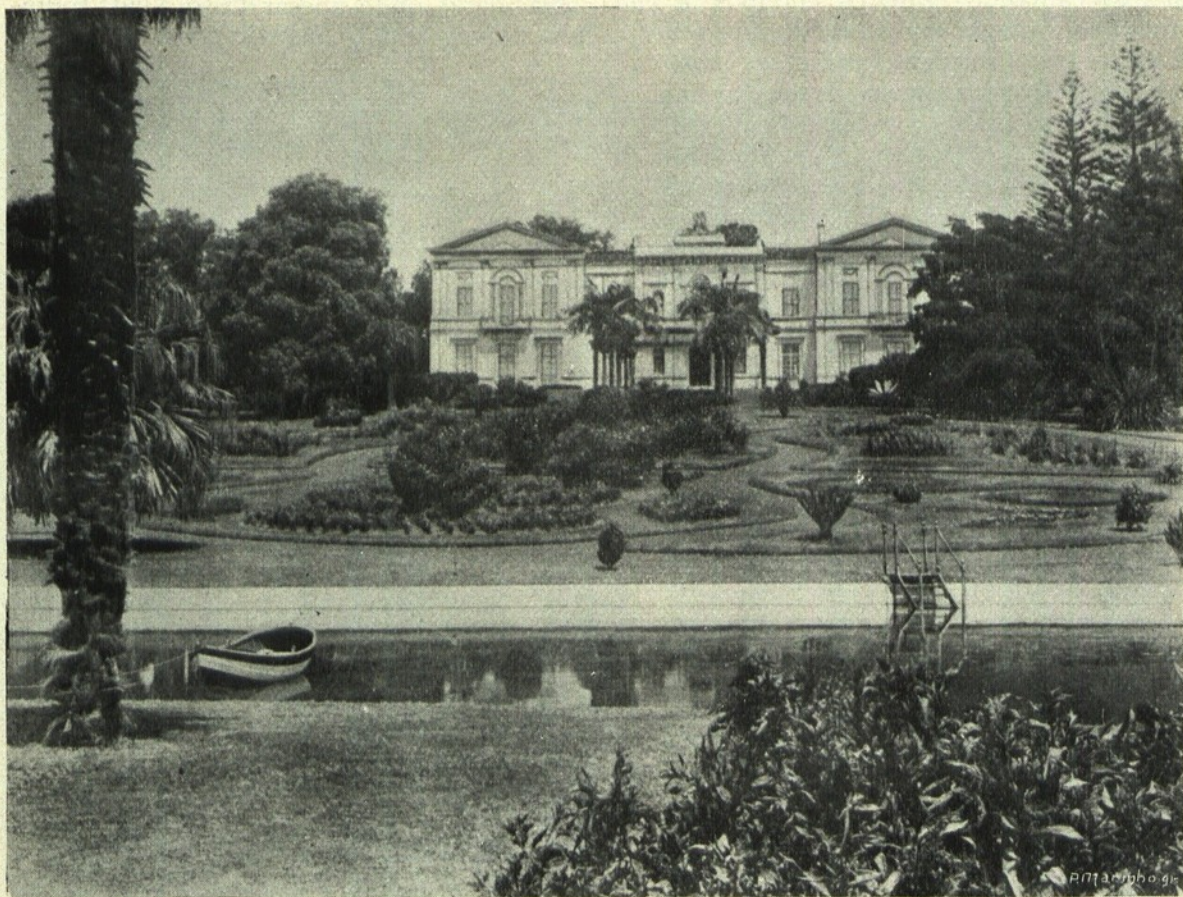
Potamogeton, e nas diferentes especies animaes que se afizeram ao meio desfavoravel. O solo, de onde se elevam columnas de vapor, é formado de pomes desagregado, semeado por toda a parte de crystaes de enxofre, e agitado por um tremor e perpetuo rugido subterraneo. As seis caldeiras que ha no valle, cheias de aguas mineralizadas, cujas propriedades therapeuticas são celebres, fervem constantemente durante o dia e a noite, erguendo ao ar os seus penachos de fumo esbranquiçado. Uma d'ellas, a de Pedro Botelho, é um verdadeiro vulcão de lama, que chofra para todos os lados a distancia de mais de um metro, no meio de rancos soturnos, que se repercutem nos rochedos sombrios que a rodeiam. O chão e o ar conservam-se mornos. Um trecho de jardim é como um cemiterio: é uma mopheta em que não vingam a mais rustica planta e em que os passaros cáem mortos, envenenados pelas emanções deleterias.



CASA E JARDIM DO MARQUEZ DA PRAIA, NAS FURNAS

por uma ribeira de agua quente e as bolhas de gaz atravessam ininterruptamente as suas

O assombro causado pelo contraste de semelhante decoraçào domina invencivel-



PONTA DELGADA — PALACETE DO CONDE JACOME CORREIA, ONDE SÃO HOSPEDADOS OS REIS DE PORTUGAL

mente o espirito, e a intensidade da sua absorvente suggestão não esmorece durante muitas horas.

Mais lindo ainda do que o das Furnas é, porém, o valle das Sete Cidades, situado quasi no extremo occidental da ilha, e certamente a sua perola mais preciosa. As cumieiras que o circundam teem uma altitude de 844 metros. No alto, passada a zona das pastagens, a encosta coberta de Calluna e de Musgos apresenta um aspecto monotonico e frio; mas, depois da lenta ascensão, e attingida a ultima crista alpestre, quando os olhos avistam lá em baixo a maravilhosa lagoa, esmeraldina de um lado pelo reflexo azul do céu e verde do outro devido ao espesso arvoredo que se revê no limpido espelho da sua superficie mais estreita, que extraordinaria impressão! Desce-se então, no empolgamento do mais delicioso pasmo, por entre fileiras de Pinheiros e de Cryptomerias, que erguem, em toda a volta do sinuoso atalho que vem ter ao valle, o seu soberbo porte.

O lago tem uma extensão de mais de quatro kilometros, e uma profundidade que, n'alguns pontos, chega a ser de quasi trinta

metros. Junto d'elle ha um esplendido bosque de Araucarias, Rhododendros, Camélias e Azaleas gigantescas, cujos ultimos massiços se debruçam sobre um vasto charco coberto de Nenuphars. Mais adiante fica, por sua vez, a graciosa povoação, dominada pela sua branca e piedosa igreja. E tudo isto se acha acantonado entre as paredes do antigo vulcão, respirando uma paz calma e amavel, que só é interrompida pelo coaxar rythmico das rãs, que são quem unicamente se permite quebrar o silencio mystico que rodeia aquella hieratica natureza.

No fundo da caldeira perde-se a noção do resto do mundo. E' preciso voltar lá acima para a recuperar. A alma envolve-se n'uma suave tristeza, apesar da alegria pagã das arvores e das duas frescas lagoas, que dirse-hia até que riem sob os beijos luminosos do sol e aos abraços carinhosos das sombras da vegetação das margens. Mas, a tristeza possui um condão de inenarravel graça, que lhe vem do mysterio, e que no meio d'aquelle panorama de sonho ainda mais se afina e idealisa.

A propria origem das Sete Cidades, cujos lagos são os mais antigamente formados dos

Açores, enubla-se poeticamente na trama da lenda. Dizem os ingenuos chronistas antigos que foi no intervallo entre a primeira e a segunda viagem dos descobridores portuguezes que a cratera se abriu no logar de um alto pico que até lhes servira para demarcar a ilha, que, por tal motivo, lhes custou a reconhecer no regresso. E não proviria a denominação dada a encantadora estancia mi-chaelense, porventura, da lembrança da tradição celtica da ilha das Sete Cidades, que tão viva floriu no periodo medieval!

As Furnas e as Sete Cidades são, emfim,

dois trechos de paisagem admiravel, em que a natureza açoriana, por, toda a parte prodiga e radiosa, particularmente se aprimorou com requintes de desusada gentileza, e que não encontram facilmente, em qualquer outro sitio da terra, outros que com elles rivalisem. Para os poder comprehender e amar como elles merecem, porém, é preciso vel-os primeiro e deixar embeber o espirito na sua deliciosa e impressionante contemplação, porque a palavra, como o desenho, são impotentes para dar uma idéa, ainda que longinqua, da sua belleza immortal.

ARMANDO DA SILVA.



EM JULHO — NA EIRA



Nas garras d'um tigre

Aventura authentica
na India

DEVE-
RIA
ter
sidouma terri-
vel aventura, essa
que contam, do tigre,
succedida comsigo, meu caro Barrett?

— Terrível, na verdade, foi a sua curta resposta; e as feições de Barrett denunciaram uma expressão inquieta. Aquelle laconismo significava ser-lhe em extremo desagradavel o assumpto.

Estavamos sentados, Tom Barrett e eu, junto d'uma das pequenas mezas redondas, depois do jantar, á tarde, no Grande Hotel Oriental, em Calcutta. O rapaz a quem me dirigia, ainda na flôr da idade, tinha já os cabelos brancos como a neve, em accentuado contraste com a frescura da sua physionomia. Eramos ambos cultivadores de chá, havia alguns annos; mas nunca nos tinhamos encontrado. As nossas plantações estavam distantes, ainda que no mesmo districto de Nowgong, em Assam. Barrett, o *homem do tigre*, como era sempre alcunhado, voltava agora para a sua plantação, depois de uma licença gosada em Inglaterra.

Passámos juntos uma semana; e, por sympathia reciproca, estreitamos relações n'aquelle curto periodo. Movido pelo grande desejo de ouvir uma das aventuras mais nomeadas e authenticas da India, contada pela propria bocca do protagonista, enchi-me de animo e disse-lhe:

— Barrett, se não é impertinencia da minha parte, peço-lhe que me conte a sua celebrada aventura. Já a tenho ouvido em muitas versões differentes.

Depois de uma pausa disse-me:

— Vou contar-lh'a, meu amigo, apesar de me esquivar quanto possivel á repetição d'essa

historia, pela principal razão de que a narrativa do meu caso desperta quasi sempre signaes de incredulidade ou de dissimulado gracejo aos meus ouvintes. E ainda porque a lembrança d'ella, apesar de ter succedido já ha annos, traz-me sempre crueis recordações; comtudo, o senhor sabe, ha homens ainda vivos, que foram tambem testemunhas da aventura, ou me viram logo depois da minha afflicta situação.

Uma tarde o moço Radcliffe e eu voltavamos a cavallo para casa da estação B... , onde fomos para negocios urgentes; e, de passagem resolvemos visitar na plantação contigua o nosso commum amigo e administrador Jack Williamson. Encontramol-o com uma ponta de febre, e, para lhe fazer companhia, e porque já era tarde, acceitámos o convite que elle nos fez, de ficar a jantar e pernoitar em sua casa. Tomando whisky e soda na varanda do *bungalow* antes do jantar, o nosso hospedeiro informou-nos:

— Sabem, amigos, que esta noite tive aqui uma aventura! O meu guarda foi arrebatado d'esta varanda pelas dez horas da noite por um tigre, justamente quando me tinha recolhido á cama. Os gritos de afflicção do pobre homem levaram-me a sair ao terraço com a carabina; mas a fera tinha desaparecido na escuridão e não mais pude pôr-lhe a vista em cima. O exame das pégadas mostrou-me esta manhã que devia ser monstruoso. Acónteceu que foi passar quasi perto do alinhamento das barracas dos coolies, lá em baixo, e aos gritos do pobre guarda, que era levado pela fera, reuniram-se alguns coolies carregadores, que, com torchas, bambus e paus, deram-lhe caça e fizeram com que o tigre largasse a victima, deixando o pobre rapaz terrivelmente ferido, no entanto ainda vivo. Esforçou-se em penar até esta manhã e depois morreu.

— Olá Jack, interrompi; que qualidade de armas de fogo tens?

— Para quê? Suppões que o tigre seja tão atrevido que volte aqui outra vez, depois de ter sido batido pelos coolies esta noite?

— Certamente que sim — foi a minha resposta ao nosso hospedeiro — elle ha de voltar á busca da preza que lhe falhou hontem.

— Pois bem; temos ahi uma carabina de caça Snider, uma da associação do governo e outra D. B. de 12, com munições para todas.

Foram devidamente distribuidas, e arranhou-se tudo para depois do jantar esperar pelo nosso amigo, sequioso de sangue. Pelas dez horas o nosso hospedeiro lembrou-nos que era tempo de cada um tomar a posição que lhe estava destinada. Williamson e Radcliffe na varanda da frente, no fim de cada um dos lados; e eu nas costas do *bungalow*.

Todas as luzes apagadas, excepto uma no quarto do centro, e essa mesma diminuida. Devo recordar-lhe que muitos dos *bungalows* n'aquelle tempo eram construidos sobre pilastras de pouca altura, chamados *betis*, de dois a tres pés apenas e não como agora, de seis e mais pés da parte de fóra. Passaram as dez horas, as onze, e nada de tigre.

«Isto vae-se tornando monotono», disse comigo; «comtudo ainda espero meia hora, e depois irei vêr o que os outros companheiros estão fazendo.» Não tenho engenho para abrihantar descripções; portanto só lhe direi que passada a meia hora o tigre chegou! Eu tinha perdido a esperança de receber aquella visita nocturna, por isso encostára a minha carabina á parede e estendera casualmente o braço para fóra da esquina da parede da varanda corrida, quando repentinamente sinto o meu pulso nas fauces do tigre! Deveria estar a curta distancia quando pousei a carabina, e chegando subtilmente me agarrou. O que poderia fazer! Era inutil lutar com tão gigantesco animal. A dôr que soffri foi cruciante. Os seus grandes e finos incisivos enterraram-se na carne do meu pulso até aos ossos.

— Olhe para aqui, dizia-me Barrett, mos-

trando a mão esquerda e o pulso onde estavam bem visiveis as profundas cicatrizes das feridas produzidas pelos dentes do tigre.

— Como deveria ter soffrido! exclamei.

— Não se pôde negar que muito, mas não foi nada para o que se seguiu. Vendo ser inutil a resistencia, cedi ao empuchão do animal, que procurava levar a sua presa, e caminhei tão vagorosamente quanto possivel ao lado do tigre. Concluindo que da mais leve resistencia me resultaria morte instantanea, dilacerado pelas terriveis garras da enorme fera, sujeitei-me a este extranho passeio, levando-o a meu lado, e com o pulso nas guellas do tigre.

No momento em que a fera me seggrou, gritei para os meus companheiros: — O tigre agarrou-me, acudam-me! Parece que elles tambem se haviam cançado de esperar e es-

tavam dormitando nas compridas cadeiras de verga, com as espingardas ao lado. Comtudo ao meu grito de soccorro levantaram-se surprezos e fugiram para o *bungalow* instinctivamente, fechando as portas e ficando por momentos paralyzados de pavor. Entretanto eu ia andando ao lado do tigre, e cada passo causava-me agonias horriveis, com os dentes do bruto rangendo e deslocando os ossos do



Caminhei ao lado do tigre...

pulso. O animal arrastava-me e eu ia caminhando assim talvez uns cincoenta metros, quando se aproximou do *nullah*, calleira de riacho secco, que formava limite entre o *bungalow* e as matas de chá do outro lado. N'um relancear, na aguda e lucida comprehensão do perigo, conclui que se o monstro me levasse para aquelle *nullah* estava irremediavelmente perdido. Dei um grito de despedaçar o coração: — Por amor de Deus, rapazes venham salvar-me! Radcliffe ouviu-me, recobrou animo, comprehendeu rapido, e sem um momento de hesitação sahiu pela porta fóra, com a carabina na mão, na qual pelos modos tinha armado a bayoneta e veiu em meu soccorro. O tigre havia-me então trazido já para a margem do *nullah*, e eu sabendo que ia ter proximo auxilio, porque Radcliffe tinha-me gritado: — Coragem, espera, ahi vou, — recuei tanto quanto me permittiam as forças e as dôres que estava

soffrendo. O tigre voltou-se deliberadamente, olhando me de cara, levantando-se sobre as



...collocou as patas da frente sobre os meus hombros...

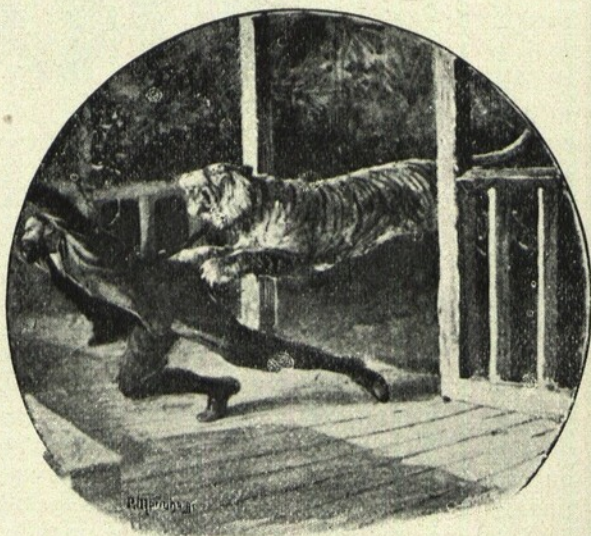
patas trazeiras, collocou as suas immensas patas da frente, sobre os meus hombros, mas sem nunca me deixar o pulso! Poderei descrever as afflicções de espirito e de corpo que soffri n'aquelle supremo momento? Graças a Deus, duraram apenas segundos, mas pareceram-me uma eternidade. Empreguei toda a minha força — e sou como vê bastante reforçado — reuni toda a energia dos nervos e dos musculos para amparar a grande pressão d'aquelle pesado animal, com uma perna para traz a servir de esteio, e esperando a todo o momento ser derrubado pelo peso e pela força do tigre.

Subito um passageiro clarão passou-me pelos olhos; e o tigre cahiu para traz, abrindo felizmente as guellas na queda. — Fuja, fuja! gritou-me Radcliffe — Não perdi um instante para fazer o melhor uso das minhas pernas, mas estava fraco com a dôr soffrida e perda de sangue. Radcliffe chegou á porta do *bungalow* uns segundos antes de mim. O tigre entretanto recobrára vigor, levantára-se, e mais uma vez me perseguia! Quando puz o pé no degráu fui arremessado até ao quarto do cen-

tro tendo-se aberto com o meu pezo a pequena cancella. O tigre impellira-me com o proprio salto que formára raivoso, n'um impeto supremo e veio cahir ao travez e por cima do meu corpo, mas finalmente morto.

Vê esta marca na minha face? continuou Barrett que fizera uma pausa na sua narrativa visivelmente commovido, mostrando-me uma cicatriz vermelha de dois centimetros de comprimento. Foi um rasgão feito na carne por uma das garras do tigre, quando se levantou e pôz as patas sobre os meus hombros. Radcliffe teve grande difficuldade — porque a lua apenas começava a apparecer — em me differenciar do tigre, e foi só muito perto de mim que apontou a carabina por sobre os meus hombros, disparou e quasi simultaneamente n'uma estocada energica cravava a bayoneta no peito do monstro. Assim me salvou a vida.

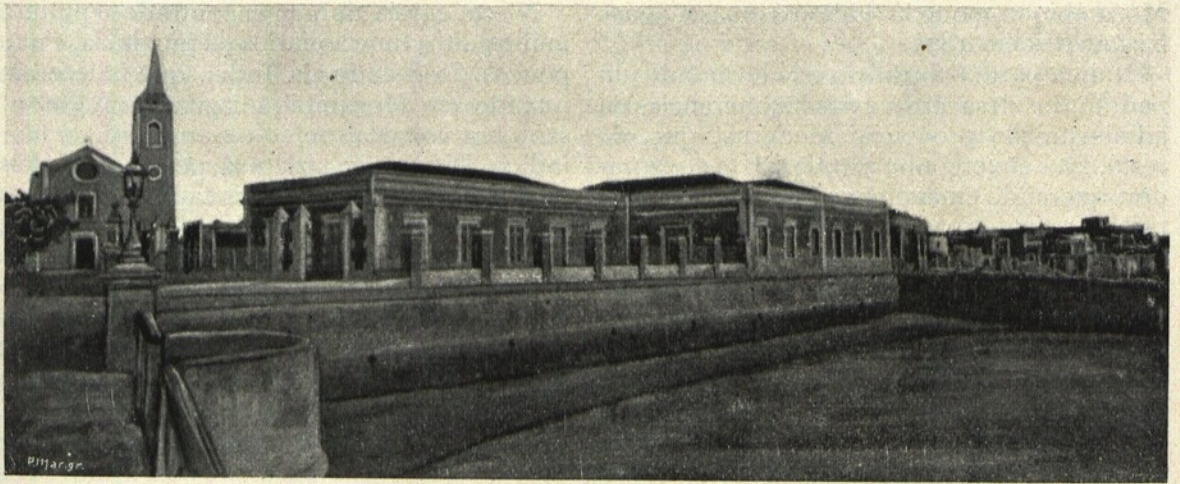
Resta-me dizer-lhe que levei muitos mezes para me curar e ficar soffrivelmente bom para andar. Parecia que tinha o sangue envenenado, e fui levado de casa para bordo logo que estive em estado de me mecher. Em Madras, o capitão do navio, aconselhou-me a ir para terra e acabar pacificamente os meus dias no hospital, tanto lhe parecia que eu era mais um moribundo do que um passageiro. Tomára, porém, passagem para a minha terra, e tencionava chegar lá, se podesse. Depois de passar Colombo experimentei grandes e rapidas melhoras e estou agora, como vê um pouco abatido ainda, mas sempre proseguindo nas



Veio cahir por sobre o meu corpo...

minhas antigas visitas a este paiz encantador, apesar das feras.





MOÇAMBIQUE — O EDIFÍCIO DA ALFANDEGA

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO IV

Moçambique — O porto — A ilha — A cidade — O continente
As Cabaceiras — O Mossuril (*Continuação*)

Os edificios publicos de Moçambique teem, em geral, a necessaria decencia e capacidade. A secretaria do governo é que está peor alojada, desde que foi transferida do palacio para um predio arrendado, junto do edificio da alfandega.

Este edificio teve principios modestos e comparativamente recentes. Até o primeiro quartel do seculo XVIII, a administração fazendaria não reconheceu a necessidade d'uma casa fiscal, porque mandava cobrar os direitos a bordo dos navios; só em 1729 se construíram uns barracões para serviço aduaneiro, e em 1791 foram esses barracões demolidos e substituidos pela actual alfandega, que, todavia, pouco ou nada conserva da sua construcção primitiva, por ter sido muitas vezes modificada, ampliada e transformada, até adquirir as vastas proporções, as amplas dependencias, a solidez e o aceio que hoje a distinguem. Conserva, todavia, sobre a porta uma lapide, que recorda o nome do seu fundador, Antonio Manoel Castro, um dos melhores capitães-generaes que teve a provincia.

A repartição de fazenda provincial veiu a ser herdeira da Companhia de Jesus. Os padres tinham fóra do collegio de S. Francisco Xavier um edificio, em que davam hospedagem aos seus numerosos confrades, que apor-

tavam a Moçambique em caminho para o Oriente, e esta casa, quando os bens da Companhia entraram na posse do Estado, continuou a servir de hospedaria a personagens officiaes, depois foi destinada para a repartição da ouvidoria e por ultimo para a junta de fazenda. Soffreu, porém, tão radical transformação que ninguem lhe reconheceria a remota origem sob a sua apparencia moderna e acasquilhada. Aloja igualmente a repartição de fazenda do concelho, e o seu pavimento terreo é occupado pela imprensa nacional.

Tambem as ordens religiosas prepararam as actuaes installações da direcção das obras publicas e da repartição de agrimensura e minas. No espaçoso terreno que ellas cobrem erigiram os frades de S. Domingos um convento e uma igreja, depois que a sua primeira casa foi destruida pelos hollandezes, e esse convento ainda hoje está de pé, tendo servido para escola, para quartel e para asylo, antes d'ir parar ás mãos dos engenheiros, que o modernisaram. A igreja foi deitada abaixo ahi por 1854 ou 1855, e na demolição sumiram-se as ossadas e as campas d'alguns homens conspiciosos, a quem os dominicanos haviam offerecido o derradeiro asylo, sendo um d'elles o poeta brasileiro Thomaz Antonio Gonzaga, que as intolerancias politicas deportaram para

Moçambique, e que lá acabou as suas maguas e saudades em 1801.

N'uma parte do edificio está levantado um padrão dos desacertos e das incoherencias da administração provincial moderna, que, de resto, não envergonha a antiga. Um governador, querendo emancipar a fazenda da tyrannia usuraria dos padeiros, que se combinavam para vender pão ao Estado pelo preço dos bolos de ovos, deliberou montar uma padaria, que fornecesse a tropa, a estação naval, os estabelecimentos officiaes, e montal-a com todos os progressos e todos os aperfeiçoamentos que a mechanica tem introduzido na

N'esta igreja tinham encontrado sepultura muitos altos funcionarios da provincia, e não poucos do Estado da India, que falleceram quando em Moçambique aguardavam monção para voltar ao reino ou atravessar o mar indico. Diz-se que jaziam lá, pelo menos, dois vice-reis da India, dezeseis capitães generaes de Moçambique, e o prelado da diocese, bispo de S. Thomé, D. Frei Bartholomeu dos Martyres; mas as suas lousas já haviam sido levantadas quando se fez a demolição. Uma d'essas personagens era o capitão-general João Manoel de Mello, que se suicidou em 1758, atravessando-se com a propria espada,

por motivos que hão de parecer extravagantes aos politicos do nosso tempo. Tendo encontrado os cofres publicos exhaustos e não podendo satisfazer os encargos da administração, esmoreceu, enlouqueceu, e imaginou resolver a crise fazendaria acabando com a vida, vinte e um dias depois de tomar posse do governo. A sua campa ainda existe, com um epitaphio que diz humildemente: *Aqui jaz João Manoel de Mello peccador. Pelo amor d' Deus P.^e um P. N. e Ave M.^a por sua alma.* Sobre este memorial do triste louco batem roupa as lavadeiras pretas d'um poço da cidade!



MOÇAMBIQUE — REPARTIÇÃO DE FAZENDA

industria da panificação. Preparou-se uma casa para o estabelecimento, vieram do estrangeiro amassadores, fornos, engenhosos aparelhos, que foram installados com enorme despeza, mas... a padaria, nunca funcionou e lá está em perfeito estado de virgindade. Não funcionou, porque? Segundo dizem, porque ninguem se entendeu com os seus mecanismos. Foram experimentados uma vez, e o forno reduziu o pão a torresmos. Os pragueiros accrescentam, porém, que se inutilisaram tanto gasto e tanto trabalho por suggestão de interesses particulares.

Nas salas occupadas pela repartição de minas installou o antigo commissariado um pequeno museu mineralogico.

Os correios dispõem hoje d'uma modesta casa, ageitada ao serviço, com seus *guichets* exteriores, que ha dois annos foi construida em frente da entrada do arsenal, na orla d'uma praça, sobre cujo terreno existia a velha sé matriz, que em 1885 foi apeada, antes que desabasse.

A prelazia gosa as brisas frescas da contra-costa, n'uma casa que ainda se denomina do *Bispo*, porque a comprou o bispo de S. Thomé, em 1821, para sua residencia e dos seus successores. Hoje pertence á fazenda. Por incompleta não tem largueza para accommodar ao mesmo tempo a familia do prelado e as repartições e archivo da camara ecclesiastica. A sala de recepção official tem de servir tambem de sala particular de visitas, misturando-se na sua decoração o sagrado com o profano, o solio prelaticio com os sophás de conversação. Ainda assim é menos mesquinha do que os honorarios — 2 contos de réis, — da primeira auctoridade religiosa da provincia!

Os prelados tinham d'antes uns paços, chamados *de verão*, junto do forte de Santo Antonio, tambem na contra-costa, mas só quasi resta d'elles a memoria.

A justiça não se queixa dos alojamentos, que lhe deram, n'uma casa do Largo da Sé, porque se acostumou em Portugal a viver

em espeluncas; e estando mal accommodados os juizes e os escrivães, muito exigentes seriam os criminosos se reparassem que faltam largueza e condições hygienicas á cadeia.

A casa da camara é espaçosa, mas mal tratada. Foi construida em 1781, vinte annos depois da elevação de Moçambique á categoria de villa, por mercê de D. Maria I, e antes da sua promoção a cidade, em 1818.

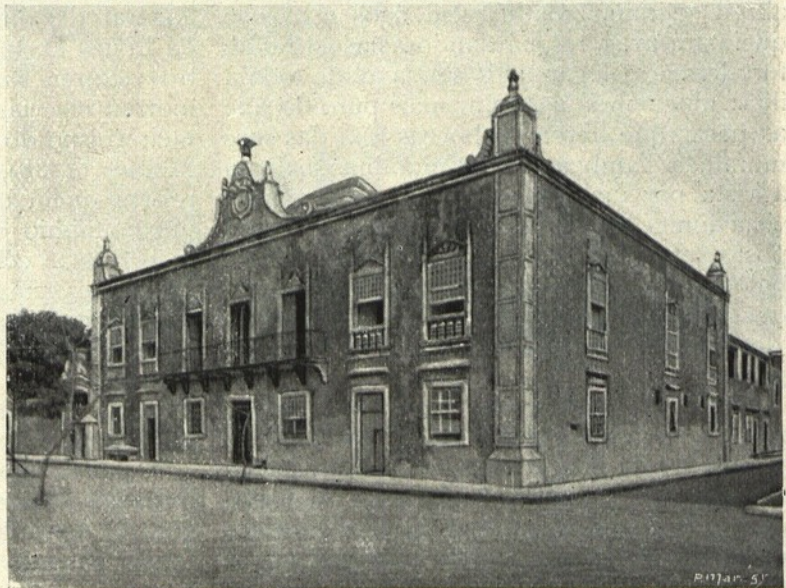
As tropas — batalhão de caçadores n.º 1, — têm quartéis na fortaleza de S. Sebastião, que também serve de deposito de degredados.

Essa fortaleza é o brazão nobiliarchico da ilha e da provincia. O seu vulto colossal e denegrido, erecto sobre asperos rochedos, sobranceiro ao mar, mostrando peças pelos recortes das canhoneiras como um tigre mostra os dentes, tem altivo porte de velho guerreiro, magestade de força, solemnidade de grandeza. Impõe, asoberba. Faz pensar que lhe bastaria desabar para fechar o porto; que, se a guarnecessem modernos armamentos, seria inexpugnável; que, construida ha tres seculos com pedras carregadas da India ou da Europa, é um monumento heroico do esforço, da decisão, do poder e da riqueza, com que Portugal d'outras éras se apostára para defender e guardar o mundo, que descobrira e conquistára. Como o portuguez d'hoje se sente apocado ao pé d'aquella memoria gigante d'uma epopéa acabada em deshonras!

A formidavel mole é formada por quatro alterosos baluartes ligados por cortinas, dois voltados contra o mar e dois contra a ilha, e duas baterias razantes, mais modernas, exteriores aos baluartes de *Nossa Senhora* e *S. João*, medindo o perimetro total d'estas obras setecentos e oitenta metros. Penetra-se n'ella por uma larga porta, relativamente nova, porque foi aberta em 1712, — *sem despeza alguma para a fazenda*, diz uma lapida que a encima, — da qual corre uma couraça para o angulo do baluarte de *S. Gabriel*; e uma rampa flanqueada por altos muros leva á praça d'armas, enorme terreiro fechado por construcções, que servem de casernas á tropa, de prisões aos degredados, de arrecadações e depositos á propria fortaleza. N'esse terrelro, suavizando o torvo aspecto que lhe dão as grades das masmorras, a que se collam negros rostos patibulares de

olhos sanguineos, debicam e esvoaçam bandos de pombos, symbolo de paz domiciliados na estancia de guerra, que n'ella gozam de tantas regalias e immunidades que ainda ha pouco o Estado abonava um subsidio annual para seu sustento. Atreva-se alguem a maltratar-os, ou sequer a espantal-os! Não, que em tempos um degredado, que com uma pedrada partiu uma perna a uma d'essas avesinhas, recebeu cem varadas por ordem do governador, mais misericordioso para pombos do que para homens. A tradição d'este castigo fez lei, e, confiados n'ella, os pombos brejeiros vão arrulhar ternuras para cima das severas peças seculares, e as timidias pombas pousam nos hombros dos assassinos!

Da praça d'armas sobe-se por escadas e rampas para as vastas plataformas das baterias, que já estiveram artilhadas com cem canhões, dos quaes ainda restam muitos de proporções avantajadas, quasi todos montados em picadeiros, que para nada servem, e alguns, sobre reparos de madeira, que só pres-



MOÇAMBIQUE — CASA DA CAMARA

tam para salvar. Entre este velho armamento ha peças notaveis pelo seu valor, como sejam um *camello* de quasi tres metros e meio de comprimento, que jogava pelouros de pedra de 28 centimetros, todo ornamentado com medalhões, carrancas, escudos e uma figura em meio relevo de Hercules armado de clava, cujo symbolismo pagão não diz com a legenda: PARA OS IMIGROS DA FE; uma colubrina de perto de 4 metros de comprimento e apenas 14 centimetros de bocca, com azas em fórma de golphinhos, rendilhados na garganta e junto da scotia da bolada, um escu-

do amparado por figuras mythologico-phantasistas, folhagens no cascavel e no botão da culatra, e uma inscripção que perpetúa o nome do fundidor, um tal *Kylianus Wegurast*, e a data da fundição, 1640; e outra colubrina de igual calibre, não menos ornamentada, cujo botão da culatra figura uma mão fazendo uma figa, como o do falconete do patim do palacio de S. Paulo, tendo gravado o nome do governador da India Antonio Telles de Menezes, e a era de 1640. Tambem existem dois obuses, com golpinhos por azas, um dos quaes foi fabricado em Lisboa, em 1774, por Manoel da Costa.

Misturadas com officinas e arrecadações militares ha, em volta da praça de armas ou sobre as platafórmãs das cortinas e dos baluartes, casas espaçosas onde hoje reside o governador da praça e d'antes habitaram os capitães-móres de Moçambique, outras menos soberbas para o ajudante e mais funcionarios militares, e algumas d'ellas têm jardins arborisados, onde, á força de cuidados e mercê das virações frescas que n'aquella altura sopram, amadurecem figos e não se queimam uvas, resguardando-as as parras. A fortaleza é o logar mais saudavel de toda a ilha: ninguem lá aspira ar mais puro do que as peças que abrem as boccas fóra das suas muralhas. Tambem d'essas muralhas se dilata a vista por um horisonte que só a propria vista limita, e por isso se montou n'ellas o posto semaphorico, que avisa a cidade, com balões e bandeiras, do que se passa no mar, e dá signal ás baterias para saudarem os navios que entram com um ou dois tiros de peça.

Destinada para resistir a cêrcos e, sendo preciso, para abrigar dentro de seus muros a população da ilha, a fortaleza foi dotada com tres grandes cisternas, fechadas e abobadadas, que têm fama de guardar nos seus bôjos a melhor agua de Moçambique, talvez por serem bem vedadas e andarem sempre limpas e caiadas. Da maior declara-se, n'um letreiro collocado sobre a sua porta, pouco legivel hoje, que foi acabada no anno de 1605 e que póde levar 19:523 pipas d'agua. Juntas todas, devem abastecer a guarnição normal da fortaleza durante dois annos; todavia, como d'ellas sae muita agua para fóra, cada anno se despejam, e põe-lhe o fundo a descoberto qualquer consumo extraordinario, como foi o do corpo expedicionario a Moçambique, em principios de 1891. N'esse anno, como as chuvas tardassem, chegou a faltar agua na fortaleza e em toda a cidade.

Fóra das muralhas, sobre um alto rochedo a cavalleiro do mar, levantou-se uma ermida, cujos muros exteriores estão sempre caiados

a primor, para que a sua alvura sirva de marca aos navios que demandam o porto. Chama-se de Nossa Senhora do Baluarte, e d'ella diz Frei João dos Santos que deveu o titulo «por respeito de ser a mesma igreja antigamente «um baluarte, onde estava a artilheria, para «defender a barra, antes que se fizesse a fortaleza». E' abobadada e artezoada, de acanhadas dimensões, e antecede-a um peristyllo de mais recente fabrico. No seu unico altar adora-se a Virgem, e ao lado d'ella guardava-se o antigo bastão, insignia do governo, de marfim acastoadado de ouro, que modernamente levou sumiço. Os governadores ainda agora vão orar, em seguida ao acto de posse, n'esse modesto mas reverencioso templo, onde alguns dos seus antepassados tiveram sepulturas e outros desafogaram em lagrimas lutos do coração. O seu pavimento é lageado de campas, e nas inscripções lêem-se os nomes dos capitães Fernão Martins Freire de Andrade (1564) e Bernardo Teixeira (1726), dos governadores Correia de Lacerda (1868), Fernando da Costa Leal (1869) e Coelho do Amaral (1873), d'um vice-rei da India, o conde da Louzã D. João de Lencastre (1765), d'outro vice-rei, Ruy Lourenço de Tavora, que morreu em viagem para Gôa (1576), do primeiro bispo do Japão, o jesuita Sebastião de Moraes (1588), d'um Clemente de Sá Correia, a quem uma piedade poetica compoz um epitaphio em fórma de acrostico; e ao lado d'estas commemorações de militares e sacerdotes que caíram no seu posto de honra, lê-se o nome de uma senhora, D. Helena Freitas (1592), victima talvez da dedicação conjugal que a moveu a compartilhar os perigos do marido, D. Jeronymo d'Azevedo, capitão da praça.

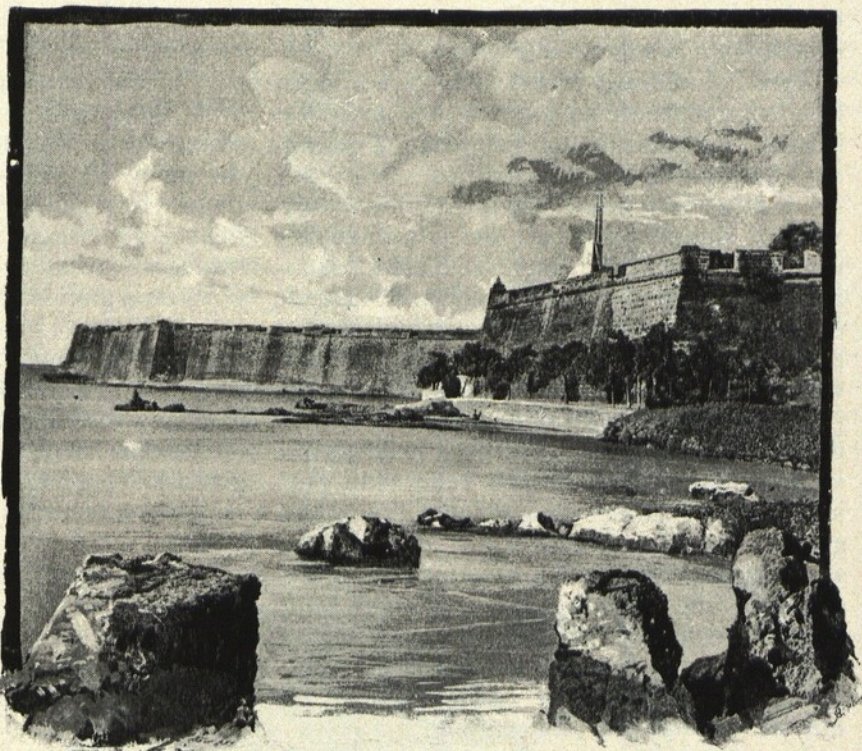
A genealogia da fortaleza é conhecida e das mais illustres. Na raiz da sua arvore figura D. João de Castro. O honrado vice-rei, tendo passado por Moçambique em 1545, a caminho de Gôa, julgou mal situadas as fortificações que Duarte de Mello, ainda antes de 1508, levantára no local onde depois os padres da Companhia fundaram o seu collegio, e deu traça para que outras se construíssem, de mais poder e em sitio melhor escolhido para a defeza do porto. Treze annos depois foi da India para Africa Fernão de Sousa de Tavora, provido na capitania de Sofala e Moçambique, e diz-se que levou comsigo o plano da nova fortaleza; mas a sua construcção só principiou em 1588, em tempos de Sebastião de Sá, sob a direcção d'um architecto mandado de Gôa. D'este artista diz Frei João dos Santos que «foi sobrinho «do arcebispo santo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, da ordem dos pér-

«gadores; o qual architecto sendo mancebo «se foi a Flandres, d'onde tornou grande «official de architectura, e depois d'isso foi «mandado á India pela rainha D. Catharina, «quando governava este reino, para fazer es- «tas fortalezas; o que foi no anno do Senhor «de 1558, quando D. Constantino foi vice- «rei da India. E tornando este architecto da «India foi-se para Castella, onde tomou o «habito da ordem de S. Jeronymo, e foi mui «acceito a El-Rei Philippe II e por cuja traça «se fizeram muitas obras no Escorial.»

Muitas vezes inter- rompida, — porque a cantaria vinha de fóra a bordo de náus, não sei se de Lisboa se da India, e o seu transporte difficil nem sempre era regular, — a obra colossal só no seculo XVII foi dada por prompta, soffrendo ainda depois modificações e accrescentamentos; mas, a exemplo de alguns heroes lendarios, que já antes de homens feitos praticaram altas cavallarias, a fortaleza de S. Sebastião salvou a ilha de Moçambique, e talvez o dominio portuguez na Africa Oriental, ainda antes de estar acabada. Os holandezes accometteram o porto com oito náus, e entraram-n'ó a 29 de março de 1607, o que

denota que a fortaleza não estava ou estava mal artilhada. A' entrada, uma das náus caiu sobre um banco, provavelmente o da Cabeceira Pequena, mas poude safar-se com o auxilio dos escaleres das outras, o que decerto não conseguiria debaixo do fogo inimigo. Fundeada a frota em segurança, lançou em terra um golpe de gente que se apoderou da povoação portugueza sem resistencia, porque seus habitantes, cêrca de dois mil, segundo o testemunho de Fr. João dos Santos, não esperaram o ataque para se abrigarem na praça, que logo foi investida. Os holandezes occuparam o convento de S. Domingos, e no vasto terreno, que já então se chamava campo de S. Gabriel, abriram vallas, levantaram trincheiras, assestaram canhões, um dos quaes jogava pelouros de 52 arrateis, e durante dois mezes bateram as muralhas ainda mal enxu-

tas, chegando a acercar-se tanto d'ellas que a coberto de montes de madeira principiaram de picar o baluarte de S. Gabriel. A defeza, no dizer dos nossos chronistas, só dispunha dos braços fortes de cento e quarenta e cinco homens d'armas; mas esses bravos, capitaneados por D. Estevam d'Athayde, tanto maltrataram os sitiantes com a *espingardaria* — nunca se fala em artilharia na relação coeva do feito, — e com os penedos que de cima das muralhas despenhavam sobre os gastadores, e com as *luminarias* de alcatrão com



MOÇAMBIQUE — FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO

que lhes illuminavam os trabalhos para os destruir, e com as sortidas inopinadas com que, certa vez, vinte homens apenas lhes fizeram grandes estragos, que afinal obrigaram-n'os a tornarem-se ás náus com perda de trezentas vidas, antes que apparecesse uma frota que do reino era esperada. Já depois de embarcados, propozeram ao capitão da fortaleza resgatar elle a dinheiro a povoação, de que estavam senhores; e não sendo acceito o concerto puzeram fogo aos edificios, cortaram os palmares que havia antes na ilha, e com a bruta satisfação d'este estrago, avaliado em cem mil cruzados, se partiram para as ilhas de Comoros.

No seguinte mez d'agosto tentaram outra vez a empresa, e fundearam para dentro da ilha de Gôa; mas tendo sido informados de que no porto estava D. Jeronymo Coutinho

com tres náus do reino e dois mil homens de peleja, levantaram ferro depois de ligeiras escaramuças com os portuguezes, para dois annos depois apparecerem de novo com maior poder.

N'esse anno, de 1609, foram treze as náus hollandezas que forçaram o porto, e as suas guarnições tambem se assenhorearam da povoação aberta, principiada a renascer da total ruina que soffrêra em 1607; mas a fortaleza resistiu a perto de tres mezes de investidas, e esta guerra deixou memoria de si n'um rasgo da cavalleirosa mas ás vezes feroz lealdade, com que tantos portuguezes da idade épica esmaltavam o esforço intemerato.

Tres hollandezes desertaram para a fortaleza, a pretexto de se converterem ao catholicismo, e alentaram a resistencia da guarnição, já extenuada por trabalhos e privações, revelando-lhe o apuro em que tambem estavam os sitiantes por falta de mantimentos e munições. Querendo vingar-se d'estes traidores, o almirante pediu a D. Estevam d'Athayde que lh'os entregasse em troca de muitos mais prisioneiros portuguezes, que havia tomado na costa em um navio do reino; mas o capitão respondeu nobremente que os estylos da guerra defendiam-lhe restituir homens que voluntariamente se tinham offerecido para servir o rei e confessar a religião dos portuguezes, ou abandonal-os ao alvedrio dos seus antigos camaradas, volvidos seus inimigos, para que elles os matassem, o que tanto montava como ser elle quem os assassinasse. Exasperados com esta resposta os hollandezes, ameaçaram trucidar os prisioneiros que em mão tinham, e então, conta um estrangeiro contemporaneo, passou-se uma scena de horrores. Os verdugos amarraram as mãos das victimas atraz das costas, e, segurando elles os braços, fizeram-n'os sair para fóra das tranqueiras, á vista e á fala da fortaleza, para que com seus gestos de lastima e brados de misericordia enternecessem os compatriotas e os movessem a resgatarem-n'os com a entrega dos desertores; mas D. Estevam exhortou-os, de cima dos muros, a morrerem corajosamente, porque Deus e El-Rei prohibiam-lhe sacrificar os que se haviam fiado da fé portugueza, e então os miseros foram mortos ali mesmo a tiros de arcabuz. Apoz esta galhardia de algoz, os assaltantes retiraram para Sonda, e Moçambique ficou segura, proseguindo as obras da fortaleza, já baptisada e chrismada a fogo.

Do capitão que duas vezes a defendeu com tanta bizzarria e tambem, seja dito, com tão duro fanatismo de lealdade, diz Fr. João dos Santos que «se houve não somente como sa-»

»soldado, sendo o primeiro na vigia e na bri-»
 »ga, com que dava grande animo a seus solda-»
 »dos.» Parece, porém, que, como tantos heroes da India, deslustrou os brios de guerreiro com ruins manhas de administrador cubicoso, porque em 1612, no seu segundo governo, foi demittido e syndicado, sendo-lhe sequestrados os bens. Recolheu-se então ao collegio da Companhia de Jesus, em cuja capella, hoje pertencente ao palacio, ainda existe uma lapida funeraria, cuja legenda conta d'elle que foi *duas vezes capitão d'esta fortaleza que defendeu de dois cêrcos que teve dos hollandezes e geral da conquista e das minas de prata, a quem a companhia recebeu.* Foram as minas famosas de Chicova que o perderam.

A fortaleza de S. Sebastião tambem posteriormente se defendeu contra uma esquadra do iman de Mascate e de alguns ataques de arabes de Mombaça, e, por ultimo, no fim do seculo passado, repelliu uma esquadra franceza, causando-lhe graves estragos. Tem, pois, uma gloriosa folha de serviços, e ainda agora, solida como está, poderia imitar as proprias façanhas do seculo XVII se a dotassem com armamentos modernos, offensivos e defensivos. Mas nem artilheiros tem, que lhe sirvam os obsoletos canhões. São os degredados que dão as salvas, carregando antecipadamente tantas peças quantos devem ser os tiros.

O systema defensivo de Moçambique comprehendia tambem o forte de S. Lourenço, levantado sobre um rochedo destacado da ponta sudoeste da ilha, que hoje serve de paiol da polvora de commercio, e o de Santo Antonio, descahido e inutil, que da chamada contra-costa devia vigiar a navegação pelo canal meridional. Esse canal, porém, guarda-se a si proprio, da passagem de navios de alto bordo, por falta de fundo.

Além de ser quartel de tropa, a fortaleza de S. Sebastião serve de deposito de degredados, que nas suas casamatas e masmorras se amontoam ás centenas, idos do reino e das outras provincias ultramarinas. Esse deposito é um deslustre e um erro economico. Inutilisa os criminosos para si proprios e para a sociedade, e até pode arriscar a segurança da capital. Deixa-os sem trabalho, sem outra disciplina a não ser a que pode impôr a força, sem meios de se melhorarem, acabando de apodrecer n'uma promiscuidade que lhes torna contagiosas as preversões. As auctoridades provincias fazem tambem avolumar este montão de escorias humanas lançando para cima d'elle os vencidos e prisioneiros das guerras e revoltas indigenas, assim como os vadios ruscados nas povoações do litoral, que para ali ficam, a miude

esquecidos, sem pronuncia nem julgamento. Lá fui eu encontrar o Ayana, só criminoso, afinal, por ser inimigo do Gungunhana!

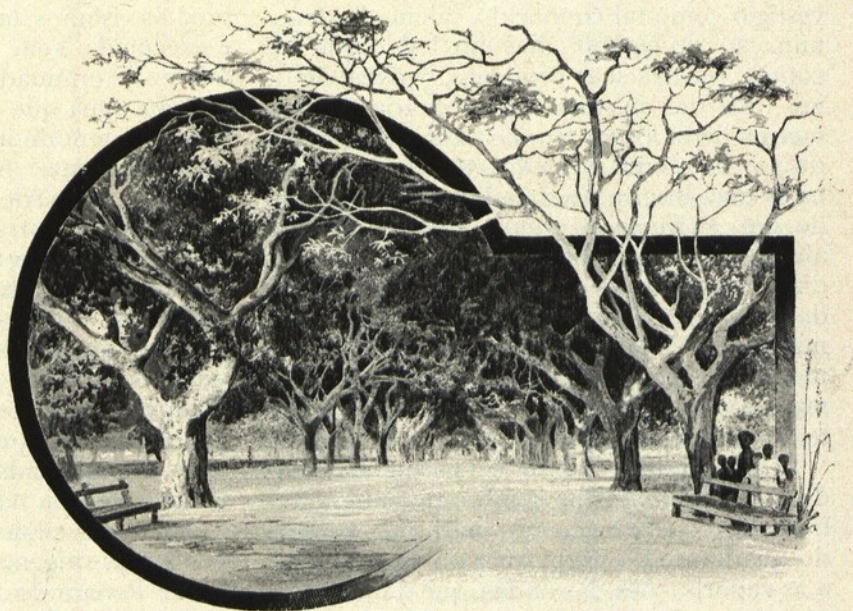
A unica saida e o unico aproveitamento, normaes, que têm os presidiarios, dão-lh'os os particulares, que tomam alguns ao seu serviço, responsabilizando-se por elles, conforme permitem os regulamentos. E tiram-se bons servidores d'aquella malta. Nas residencias do governo, tanto na de S. Paulo como na de Cabaceira Grande, quasi todos os serviços domesticos estão a cargo de degredados. S. Paulo, em 1891, parecia um museu vivo de criminalidade. *Fiel* do palacio era um cabo de caçadores 1, europeu, que tinha assassinado o inimigo com um tiro disparado á queima-roupa. Um china estitico, que desde manhã até a noite não fazia outra coisa senão limpar candieiros, com uma regularidade de pendulo e uma mudez de sombra, tinha pirateado nas aguas de Macau nos seus tempos felizes, e fôra capturado como auctor d'uma pavorosa tragedia em que dois noivos haviam sido trucidados. Os ranchos de gentios, de argola amarella n'uma orelha e trança enroscada na cabeça, que andavam escada abaixo escada acima carregando baldes de agua, suspendendo-os d'um pau que seguravam nos hombros, eram salteadores encartados da nossa India. O cosinheiro, indio, não podia ter vida que chegasse para as penas, mas não supponho que no rol dos seus crimes figurassem envenenamentos. Todavia, no meio d'esta sociedade, que daria que fazer a Lumbroso, dormia-se a somno solto, sem ferrolhos nas portas, sem revolver debaixo do travesseiro, e não faltam donos de casa que considerem o presidio de S. Sebastião como a melhor agencia de creados, porque dá por fiador ao bom comportamento dos que fornece a attricção que lhes inspiram os regulamentos da praça, muitas vezes mais duros pela interpretação do que pela letra.

Tambem alguns presidiarios se occupam em serviços internos e externos da praça, e esses encontram-se nas ruas da cidade, soltos ou acorrentados, com a camisola de grossaria marcados por grandes algarismos de tinta pre-

ta, fazendo carretos e fachinas. Mas a maioria d'elles remanescem inuteis e quem visita a fortaleza vê carceres atulhados de malfeitores estatelados no chão, entre os quaes é raro não se encontrar algum que recree a nobre sociedade tocando harmonium ou marimbas.

Pela ilha vivem á vontade não poucos sentenciados, e a fortuna não tem desdenhado favorecer alguns, pois é sabido que nunca houve bom accôrdo entre esta caprichosa deusa e a da justiça. Em regra não se portam mal. Uma auctoridade da provincia apontou-me na rua um velho, secco, vergado, de cabelleira de linho, dizendo-me que era um dos mais honrados habitantes da ilha e dos mais cumpridores e zelosos funcionarios do Estado: essa joia tinha-se habilitado para o mister de carcereiro, que exercia com aquelle applauso dos superiores, assassinando tres irmãos!

Em 1891 e 1892 havia tambem em Moçambique uma categoria extraordinaria de sentenciados: officiaes inferiores e praças do exercito do reino, implicados na sedição republicana de 31 de janeiro. Viviam todos laboriosamente, prestando alguns meritorio serviço nas repartições e nas officinas publicas, outros accomodados em casas e esta-



MOÇAMBIQUE — O CAMPO DE S. GABRIEL

belecimentos particulares. No palacio do governador estavam tres como creados, e eram irreprehensiveis. A' excepção de alguns sargentos, não pensavam em *politica*, senão quando lamentavam terem sido instrumentos inconscientes de politicos sem consciencia. Só a obediencia, primeiro, depois a fraqueza, os

tinham feito criminosos. Haviam-se levantado dos catres á voz dos sargentos, armando-se sem saber para que, saindo sem saber para onde, e uma vez na fileira, na rua, no tropel dos acontecimentos, tinham marchado para a frente por medo uns dos outros. Comprehendiam, lá, sequer, o que fosse republica! Importavam-se lá com quem governava! Inspiraram-me profundo dó, e esse dó estimulou a minha aversão a todos os desatinados, monarchicos ou republicanos, que despenham victimas incautas e ignaras nos vallos da defeza social, para lhes passarem por cima dos corpos na escalada do poder. Malditas revoluções! maldita ambição! Lá ficaram, em todos os cemiterios da nossa Africa Oriental, óssadas ressequidas, que deviam ranger dia e noite aos ouvidos dos empozarios insanos da revolta do Porto!

Os baluartes da praça de S. Sebastião asserbam, da parte da ilha, um vasto campo, dilatado de costa a costa, que no fim do seculo XVI já era considerado *mui formoso*, e que mais se aformoseou depois, cobrindo-se de esbelto e copado arvoredado, por meio do qual se rasgou uma larga avenida. E' o campo de S. Gabriel, assim chamado d'uma ermida que n'elle houve outr'ora, levantada na parte *defronte da qual surgem as náus do reino*.

D'esse devoto monumento não resta já vestigio como tal conhecido, além da denominação do campo; mas no logar que elle cobria, ou nas suas cercanias, existia ainda em 1892 um massiço de alvenaria de dois metros de lado por tres de altura, sobrepujado por uma cruz de pedra, tendo n'uma das faces uma inscripção datada de 1725, pedindo um *Padre nosso* e uma *Ave-Maria* pelas almas, e junto d'elle via-se uma lousa que dizia cobrir desde 15.5 os despojos mortaes de Pedro de Souza Camello Pereira e sua mulher D. Violante de Souza. Aquelle monumento, e os poucos ossos que esta lousa occultava, foram recentemente deslocados a pretexto de restauração.

O campo de S. Gabriel é o parque da cidade; o arvoredado dá-lhe sombra perenne, e refrescam-n'o as aragens do mar, quer soprem do quadrante do norte quer da parte do sul, e as vaporisações das ondas, que d'uma e outra parte rebentam nos fragedos da costa. Já começaram, porém, a entrar com elle os vandalismos edilicos e as assolações dos egoismos particulares. Despiram-lhe de arvores uma larga facha, confinante com os predios que o fecham do lado do sudoeste, allegando que o raizame d'esses gigantes seculares alluvia, rompia e invadia as cisternas da visinhança. Sobre a mesma praia onde se dava culto a S. Gabriel construíram... um matadouro; e, na cos-

ta fronteira, um montão de saccos de areia serve de espaldar aos alvos d'uma carreira de tiro para exercicio da guarnição. Tambem se principiou já a consentir que se lhe levantem edificações á beira-mar, tirando-lhe o desafio e fechando-lhe o horizonté, que se dilatava por cima das aguas até as orlas do continente.

A' margem d'este campo emprehendera-se uma obra, que ha de ficar sendo o mais arrojado monumento da iniciativa particular em Moçambique, onde essa iniciativa tão raramente se abalança a commettimentos que não promettam segura remuneração immediata!

A casa commercial Mendonça & Silva mandou escavar na rocha uma cisterna colossal, capaz de fornecer agua todo o anno a toda a população de Moçambique e a quantos navios vão refrescar no seu porto, e, para ter vastas superficies que recebessem a chuva precisa para enche-la, rodeou-a de grandes barracões destinados a armazens; na muralha exterior do deposito abrir-se-hão torneiras, a que se possam chegar da praia as embarcações que tomarem a aguada. A obra foi dispendiosa, especialmente por ser enorme o volume das rochas a deslocar e não se poder empregar no seu quebramento explosivos energicos, que ameaçassem a segurança dos predios visinhos; mas parece ter sido planeada e executada com as melhores condições de solidez. Terminada que seja, a cidade, que só bebe agua que cáe do céu, e quando essa escasseia tem de ir buscar outra muito longe ao continente, ficará certamente assegurada contra a sêde. Só a experiencia, porém, poderá dizer se o seu consumo extraordinario e o dos navios remunerará o capital, que a cisterna enguliu no seu monstruoso bojo cimentado.

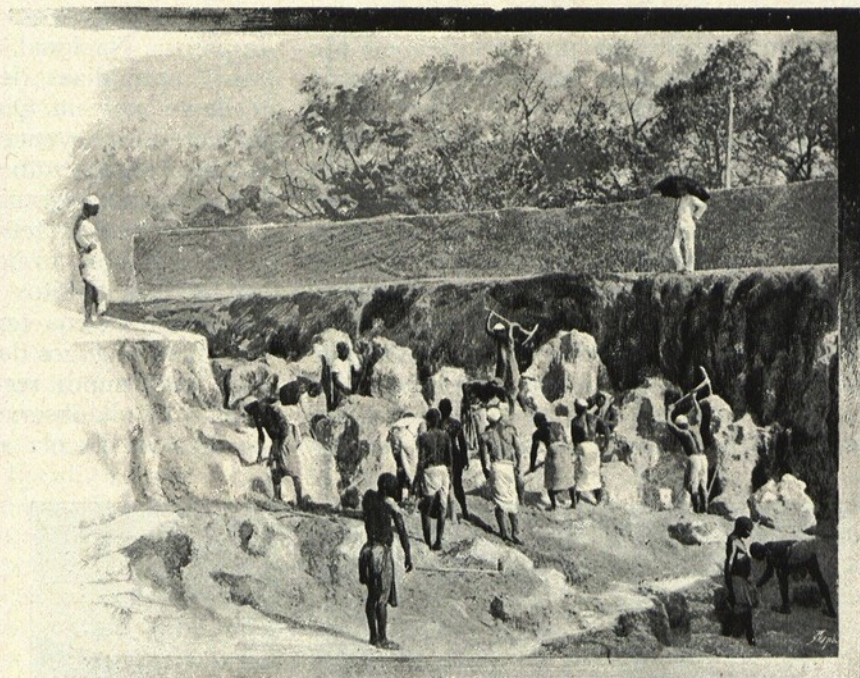
Entre este campo de S. Gabriel e o terreiro onde se construiu o hospital novo é que se dilata o bairro europeu de Moçambique, com o melhor das 45 ruas e travessas, dos 7 largos e das 2 estradas que os curiosos de estatística contaram na ilha. A meio d'esse bairro, a poente do edificio da alfandega, fica o arsenal, cuja origem data do governo de Balthazar Pereira do Lago (1765-1779), que foi o Marquez de Pombal de Moçambique. Cretura do grande ministro de D. José, que o empregou, quando elle ainda era capitão, no serviço melindroso da captura dos Tavoras e seus cumplices, mas decahido depois do valimento e exilado com as honras e os proventos de capitão-general de Moçambique, Pereira do Lago imitou os fins e os meios de Sebastião José de Carvalho, e como elle deixou memoria a um tempo odiosa e illustre.

Attribuem-se-lhe actos e palavras de crueza, e recordam-se beneficios da sua administração, que, além de disciplinar os serviços publicos e realisar importantes melhoramentos materiaes, emprehendeu fomentar a prosperidade economica do paiz com muitas medidas salutaes e, nomeadamente, com a obrigação que impôz aos habitantes de cultivar algodão e mandioca. Um d'aquelles melhoramentos foi a fundação do arsenal, que coincidiu com a criação d'uma escola de pilotagem, logo depois abandonada.

O novo estabelecimento não tomou, porém, desenvolvimento, e pôde dizer-se que o fundou outra vez o general José Guedes em 1876, concorrendo depois para o ampliamto todos os governadores subsequentes. Mas estas iniciativas e protecções nunca se regraram por um plano assente,

nem mesmo se sujeitaram a normas positivamente legaes, e o arsenal foi feito a pedaços, um tanto á aventura, o que se denuncia até na sua installação. E' um acervo de barracões e telheiros espalhados por um vasto terreno marginal, sem boas serventias para o mar, porque não tem pontes, nem rampas, nem caes de qualquer fórma. N'essas edificações funcionam, além das repartições administrativas, officinas de ferraria, serralharia, fundição, calafates, carpinteiros, marceneiros, espingardeiros e espadeiros, latoeiros e funileiros, veleiros e bandeiros, providas de mecanismos deficientes e antigos, quasi sempre aproveitados de navios, de expedições, de outros estabelecimentos, a alguns dos quaes dá impulso um motor tambem engendrado de despojos. Tem picadeiros para pequenas embarcações. O seu pessoal compõe-se de operarios europeus contractados na metropole, alguns chinas e indios, e bastantes indigenas, principalmente saídos da Escola de artes e officios da cidade. Trabalha para o mar e para a terra, para a marinha e para o exercito, para as repartições publicas e para os particulares, e os trabalhos

de que pôde encarregar-se não saem, em geral, imperfeitos. A Mala Real encomendou-lhe algumas obras de certo vulto, como peças torneadas de bronze e grelhas fundidas; já de lá saíram um veio de helice para o *Auxiliar*, e uma chaminé para a machina do *Bufalo*; a



MOÇAMBIQUE — ESCAVAÇÃO DA GRANDE CISTERNA DA CASA MENDONÇA & SILVA

cantoneira para a torre do pharol de Tangelane foi preparada, bem ou mal, nas suas officinas; os seus calafates e carpinteiros constroem escaleres bem lançados e bem acabados; os marceneiros chinas fazem moveis de luxo com regular perfeição; as tropas dão trabalho constante aos espingardeiros, aos latoeiros e funileiros; fabricam-se e concertam-se uma infinidade de artigos para freguezes avulsos. Mas a sua producção sae carissima aos clientes e ainda mais cara ao governo, porque pesam sobre ella despezas desproporcionadas de administração, porque os operarios habeis vencem elevados salarios, e porque é viciosa toda a organização technica e economica do estabelecimento.

Sobre ser oneroso, não satisfaz as necessidades mais imperiosas de conservação e reparação do material naval, por lhe faltar uma doca secca ou um plano inclinado. Os navios da divisão e os da provincia têm de ir ao Cabo ou ao Natal para concertos de algum tomo, e até para limpar e pintar o fundo, quando não podem ser varados n'uma praia. Pensou-se já em remediar esta insufficiencia fundamental, e para isso se estudou uma doca

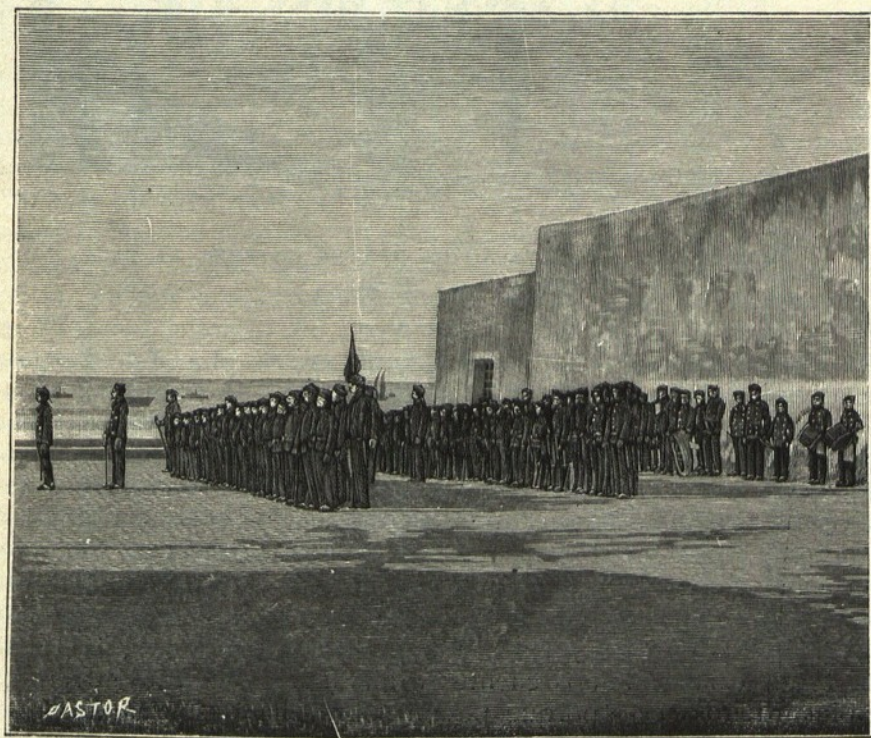
de reparações e projectou um plano inclinado; mas estas obras serão custosas, se tiverem proporções para servir embarcações d'alto bordo, e é duvidoso que o seu custo seja compensado pelo seu serviço. Os navios do Estado não bastarão certamente para assegurar tal compensação, e os particulares que agora navegam na costa, todos estrangeiros, não é provavel que fabriquem em Moçambique, a não ser em raros casos de necessidade indeclinavel.

Na vizinhança do arsenal está alojado o instituto mais sympathico de toda a provincia, o que ella mostra com desvanecimento aos estrangeiros para attestar zelos do dominio portuguez pela cultura moral dos negros, a *Escola d'artes e officios*. E' um asylo em que cem creanças indigenas do sexo masculino, filhas de indigentes, recebem instrucção litteraria elementar, aprendem mistéres que lhes assegurem meios de subsistencia, e são educadas na disciplina da civilisação. O seu regi-

cio d'uma arte ou officio, a cuja aprendizagem o sujeita no proprio estabelecimento ou fóra d'elle. Na Escola ha officinas de sapataria e alfaiataria, regidas por mestres europeus, que trabalham para o publico; fóra da Escola, mas sob as vistas da sua direeção, os alumnos aprendem a compositores, a impressores typographicos ou a encadernadores, na Imprensa Nacional, e o arsenal aceita-os como aprendizes de todos os officios que n'elle se exercem. Quando os juvenis artistas já merecem e vencem salario, repartem-n'o durante alguns annos com o instituto que lhes ensinou a grangeal-o, continuando elle a protegel-os e tutelal-os.

Os alumnos são bem alimentados, e incutem-se-lhes habitos de aceio e hygiene. A disciplina interna tem os rigores necessarios para policiar filhos da selvageria ou da vadiagem, mas nunca recorre a castigos brutaes. Muitas vezes observei que as creanças não perdem na Escola a alegria e a expansibili-

dade da puericia. Um capellão catechisa-as e acostuma-as ás praticas religiosas; ao mesmo tempo, e naturalmente com mais gosto, aprendem exercicios militares. Todo o corpo escolar constitue um batalhão, organizado por companhias, com uma banda de musica, tambem composta de alumnos. Dá gosto vêr aquella tropa infantil, armada com pequenas carabinas e sabres-bayonetas, garrida nos uniformes, firme e expedita nas manobras, marchando nos dias santificados para a capella do palacio, musica á frente, bandeira desfraldada. Fazem gosto em si os negrinhos, alguns tão pequenos que levam os



MOÇAMBIQUE — ALUMNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS

men assemelha-se ao da Casa Pia de Lisboa. Admitte os alumnos na idade em que póde começar a aproveitar-lhes o ensino, e só os despede habilitados para ganhar honestamente a vida. Aos que nas suas aulas de primeiras letras revelam acumen intellectual, facilita o estudo das disciplinas que constituem a instrucção primaria, e destina cada qual, conforme as aptidões que manifestou e o gráu de cultura que adquiriu ao exer-

sabres de rastos; os officiaes aprumam-se soltando as vozes de commando, os ternos dos clarins têm sopros bellicosos, as evoluções da parada da missa são executadas com uma afinação e uma presteza que honrariam veteranos.

A banda dá testemunho da vocação dos negros para a musica; é admittida a dar concertos á noite no coreto da Praça de S. Paulo.

Os professores da Escola não accusam os

discipulos de inaptidão nem de indocilidade. Alguns apparecem tão brancos como muitos brancos, mas outros são dotados de singular e precoce vivacidade de intelligencia. Geralmente aproveitam mais nas tenras edades do que quando se avisinham da adolescencia. Um ou outro oppõe ao ensino e á disciplina a indomavel teimosia da raça, e com esses não ha que fazer senão pôl-os fóra, porque os castigos só os tornam mais teimosos. Têm já saído do instituto alguns bons artistas; é menos frequente educarem-se n'elle homens morigerados. A instrucção fructifica mais do que a educação. Educandos que na casa tiveram sempre exemplar proceder, apenas isentos de coacção tutelar logo se volvem ebrios, vadios, devassos, selvagens. Porque? Attribute-se o phenomeno a influencia das mulheres, e lastima-se não haver um estabelecimento que eduque companheiras para os filhos da Escola, niveladas com elles em cultura do espirito e do coração: as que elles encontram e a que se ligam boçalizam-n'os com a sua boçalidade, deprimem-n'os com a sua depressão, reconquistam-n'os para a Africa bruta. Affigura-se-me, porém, que tal estabelecimento, se existisse, não corresponderia aos intuitos da sua criação, porque daria mais concubinas aos brancos do que esposas aos pretos, e suspeito de que a degradação em que se deixam cair os indigenas, mal saem das mãos que se esmeraram em moralisal-os, é obra, não tanto das femeas, quanto do instincto organico, favorecido pelo meio social em que elles se encontram livres.

A Escola d'artes e officios é sustentada pelos cofres da provincia, por subsidios d'alguns municipios, por donativos particulares, e pelas receitas das suas officinas. Tem vida desafogada. Occupa um edificio espaçoso, limpo e salubre.

No limite do bairro europeu, a nordeste do indigena, levantou-se o novo hospital, no terreno onde existiu outro, administrado desde 1681 pelos padres de S. João de Deus, que para isso recebiam uma dotação de 3:500 cruzados, e que tambem não foi o primeiro que teve a ilha. No tempo de Frei João dos Santos havia um hospital perto da fortaleza velha e junto d'uma ermida do Espirito Santo, o qual estava a cargo do provedor e irmãos da Misericordia, mas era custeado pela fazenda real. Provavelmente destruíram-n'o as invasões hollandezas.

A actual fabrica foi principiada em 1876 pela expedição d'obras-publicas, e ainda hoje, decorridos 17 annos, não está acabada nem se calcula quando o estará. Só funcçãoam alguns dos seus corpos. E' verdadeiramente monumental, nas dimensões, e tem soberbias

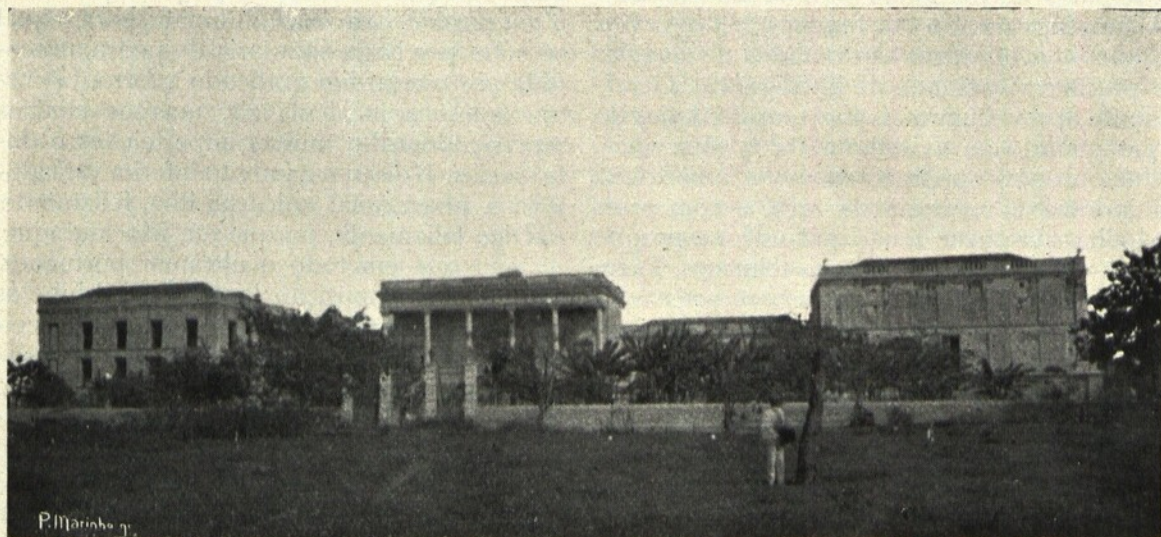
architectonicas, manifestadas principalmente n'um portico, com sua columnata, para o qual se sóbe por larga escadaria de pedra, precedida por um jardim gradeado a ferro. Já custou sommas incalculaveis, mas os clinicos reprehendem-lhe muitas imperfeições e deficiencias. No seu pavimento inferior está alojada a pharmacia, unica na ilha, felizmente.

Digo felizmente, porque em Moçambique, e creio que em todo o ultramar portuguez, vigora uma disposição legal que prohibe ás pharmacias do Estado,— as dos hospitaes civis e militares, — servirem particulares desde que na mesma povoação haja estabelecimento particular identico. Na pratica, esta prohibição cria monopolios de medicamentos, não refreados pela concorrência nem pelos regulamentos, que em algumas terras já fizeram rapidas fortunas á custa dos doentes. Moçambique tem escapado a mais esta exploração odiosa.

Tão espaçoso hospital, se não foi riscado só pela mania de *faire grand*, de que tanto adoecem as nossas direcções d'obras publicas, denota uma opinião pessimista ácerca da nosologia da ilha e da cidade. Parece até que previniu a hypothese de adoecerem ao mesmo tempo todos os seus habitantes, e todos se recolherem ás enfermarias publicas.

Semelhante pessimismo, porém, não receberia plena justificação dos factos e das suas estatisticas. Frei João dos Santos— cito a miude o illustre dominicano, porque quem visitou Moçambique delicia-se com a leitura da *Ethiopia Oriental*, onde encontra a cada pagina informações e observações ainda hoje verdadeiras e acuradas,— Frei João dos Santos escreveu que a ilha «logo no principio, quando «foi povoada pelos portuguezes, era mui doentia, e assim estão n'ella enterrados muitos «milhares d'elles, mas já agora pela bondade «de Deus é mais sadia». D'então para cá, quasi tres seculos volvidos, augmentou muito, naturalmente, o numero das victimas do clima, que em menos de cem annos depois da occupação já se contavam por milhares; mas tambem Deus com a ajuda dos homens, ou os homens com o favor de Deus, continuaram a melhoral-a em salubridade.

Já hoje a não affligem as revoadas, como epidemias, de biliosas e perniciosas quasi fulminantes, de que os antigos se recordam ainda com pavor, e europeus ha que têm conseguido viver vinte annos, e mais na capital sem nunca virem refrescar-se ao reino; todavia, Moçambique continúa a ser um dos pontos do littoral portuguez da Africa Oriental mais desfavoravel aos brancos, sendo-lhes ainda mais funesto do que a mal afamada villa de Quelimane. Porque? Não se percebe



MOÇAMBIQUE — O HOSPITAL

bem. Do mar, que a banha, já ahi se escreveu que era a sepultura dos microbios. Pantanos, não os ha; apenas se empoçam aguas fluviaes nas escavações de algumas pedreiras. As praias recebem, é certo, os despejos d'uma população numerosa, mas as marés lavam-n'as de contínuo. As temperaturas reinantes não são das mais elevadas; de resto, bem mais quente é o Ibo, e gosa-se lá melhor saude, e o forno de Aden não mata ninguem. Serão exhalações telluricas que determinam a maior insalubridade relativa da ilha? Será a accumulção dos seus habitantes indigenas, ou o máu regimen hygienico dos europeus? Não sei senão que n'estes se manifesta frequentemente o impaludismo, n'alguma das suas variadas fórmãs, — dezoito contam os medicos, — e que poucos d'elles deixam de ser apalpados pelas febres.

A principio resiste-se bem á infecção, em Moçambique como nos outros logares da provincia que não são positivamente pantanos. Na Europa suppõe-se geralmente que a saude dos recémchegados á Africa periga mais do que a dos *acclimados* por uma demorada residencia; creio, porém, que a realidade dos factos contraria este preconceito. As minhas curtas e superficiaes observações até me fizeram duvidar de tal *acclimação*.

O europeu acostuma-se apenas a ter febres, a aguentar-se com ellas, a desprezal-as ou a ataca-las ingerindo quinino sem peso nem medida; não conheci um só a quem a diuturnidade da residencia isentasse d'esse tributo ao clima, mais ou menos pesado, mais ou menos frequente. A immuidade só favorece, em geral, os que ainda estão frescos, o que, todavia, não quer dizer que favoreça to-

dos. Os biliosos, os que já levam da Europa infecções palustres, assim como os desregrados, os miseraveis e as creanças, caem logo ou quasi logo; os são e sobrios resistem, conforme a sua organização e o seu regimen, seis mezes, um anno, dois, até se lhes viciar o sangue. De mim para mim estabeleci como regra que os prudentes podem estar seis mezes em Africa sem tomar quinino, outros seis tomando febrifugos, e que no fim do anno devem fugir, se os aterram os calafrios das crises febris. Na commissão de delimitação das fronteiras observou-se bem accentuadamente a inefficacia das suppostas acclimações. De todos os seus membros, tanto portuguezes como britannicos, só morreu um official inglez, que estava desde muito tempo no paiz dos Matabelles em serviço da *South-Africa*; estiveram doentes no campo, ou adoeceram logo que chegaram ao littoral, outros, que já deviam considerar-se habituados ao clima, como os capitães Freire d'Andrade e Serano; os que iam frescos da Europa, incluindo alguns que nunca tinham avistado Africa, passaram incolumes pelas duras provas de seis mezes de vida de acampamentos e marchas, mal alimentados, bebendo agua de charcos, apanhando relentos e soalheiras.

A ilha de Moçambique é principalmente insalubre nos mezes de abril e maio, na transição da quadra chuvosa, que é tambem a do maior calor, — dezembro a abril, — para a estação secca e fresca, relativamente fresca. Quando se enxuga o solo encharcado, as suas exhalações espalham os germens do impaludismo agudo, que todos os annos faz victimas. Depois, a mortalidade diminue, attingindo o seu minimo em agosto e setembro; em com-

pensação, n'esta epoca amiudam-se entre os pretos as epidemias de variola, que, segundo se diz, não se communicam aos brancos. N'estes, as enfermidades que não derivam do impaludismo, ou que o impaludismo não desenvolve, são menos vulgares do que na Europa, mesmo antes da Europa ter sido invadida pela *influenza*, e os órgãos respiratorios, especialmente, parecem dar-se bem com o clima, que tão pernicioso é para o figado e outros apparelhos da nutrição, confirmando-se assim o annexim popular, segundo o qual *o que faz bem ao bofe faz mal ao figado*.

O calor, sendo incommodo, não é comtudo excessivo em Moçambique. Não se compara com as temperaturas que Aden e Zanzibar supportam, e não o estranha quem já andou pelas charnecas do Alemtejo debaixo do sol d'agosto. Temperam-n'o as frequentes virações do mar. No estio é quasi certo levantar-se depois do meio dia vento do quadrante do sul, que toda a ilha recebe como uma caricia. No inverno faltam esses alivios, porque a monção do nordeste é quente, e é quente a propria agua que desaba do céu em bategas; mas ainda então não é a intensidade do calor mas a sua continuidade, com a rarefacção e com a estagnação do ar saturado de humidade, que principalmente atormenta os europeus. Tanto assim que as noites são peores que os dias. O ambiente é de vapor d'agua morna; os pulmões não se satisfazem com as aspirações; a epiderme gotteja de contínuo, creio que mais por falta de pressão atmospherica do que por effeito da temperatura; sentem-se tonturas e esvaimentos; a mais ligeira roupa pesa no corpo como se fosse de folha de chumbo; não se extingue a sêde; falta o appetite; digere-se a custo; todo o trabalho é insupportavel, e mórmente o trabalho mental: todavia, o thermometro raramente terá subido a 36 gráus centigrados. Essa quadra é tambem a das trovoadas, muitas vezes armadas d'um momento para outro, trazidas por farrapinhos de nuvens, flocos escuros de algodão em rama, que n'um relance se alastram e entumecem no céu em bulções tenebrosos, e lá das alturas opprimem a terra, parece que sugam o ar, pesam nas aguas do oceano e achatam-n'o, estreitam o espaço, apertam os craneos com aros de ferro, carregam sobre os peitos, quebram os membros, emquanto se não descarregam. As explosões são grandiosamente medonhas, são apocalypticas. Os raios, jorrados de muitas crateras a um tempo, ora rebentam na massa das nuvens em clarões deslumbrantes, ora se disparam em zigue-zagues que mergulham no mar em chapadas de luz, são tão illuminantes que fazem jactos de dia azul, tão incessantes que

hypnotisam a vista, como se corressem por deante dos olhos fachas alternadas de trevas e fogos. A chuva despenha-se em catadupas a prumo, copiosa como se n'um novo cahos os oceanos se tivessem virado por cima da terra; e as detonações, repetidas como se fossem repercutições de si mesmas, fazem crêr que os raios estão espedaçando o mundo e que os seus escombros vão rolando uns sobre os outros, de abysmo em abysmo, até alguma voragem tão funda que devora o proprio som. Formidavel! As nossas trovoadas europêas parecem-se tanto com as dos tropicos como se lhes assemelha a ellas um fogo d'artificio!

Mesmo na melhor estação, o clima de Moçambique é deprimente e depauperante.

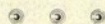
Quem escapa das febres ainda se arrisca á anemia, e quando não tem tempo de chegar a esse estado morbido, ou consegue debellar-o a poder de exercicios physicos e de medicamentos tonicos, sente pelo menos um enfraquecimento geral, um affrouxamento de todas as funcções, e mórmente das funcções cerebraes. Nos meus trabalhos em Moçambique tive um companheiro estrangeiro, homem robusto e moço, sobrio e hygienista, que se jactava, na primeira epoca da sua residencia na cidade, de ser insensivel a todos os influxos do clima, contra os quaes luctava banhando-se em agua fria, passeando de ponta a ponta da ilha, jogando o *cricket*, fazendo gymnastica; ao cabo de tres mezes abateu-se-lhe a soberbia a ponto de pedir ao chlohydrato de quinino que lhe levantasse as forças decadentes. A mim foram as frequentes viagens maritimas, foram os ares salinos, que me ampararam; mas não tanto que não sentisse profundas alterações physiologicas. Observei especialmente uma sensível depressão intellectual e uma afflictiva perda de memoria. Lembrei-me então de uma anedocta attribuida a um alto funcionario da secretaria do ultramar, e achei-lhe o valor d'um commentario scientifico. Esse funcionario, — diz-se, — quando lhe chegava noticia d'um desacerto, d'um grave erro, commettido em Africa por algum subordinado seu, perguntava logo se elle já tinha mais de seis mezes de residencia n'esse continente, e, no caso affirmativo, desculpava-o, encollendo os hombros. Lançava o dislate á responsabilidade do clima.

Moçambique poderá produzir o que quizerem, mas decerto não dotará a patria portugueza com um segundo Camões. Peçam-lhe tudo, menos genios, — a não serem maus genios. Isso sim; tem-nos e fabrica-os em profusão. Se está provado que as enfermidades do figado e do baço influem sobre o ca-

racter e determinam melancolias, irascibilidades, azedumes, displicencias, a ellas se deve attribuir, principalmente, uma ordem inteira de phenomenos caracteristicos da sociedade europêa na Africa Oriental, phenomenos que collaboram com as depressões mentaes na lastimosa inferioridade da administração e do governo da provincia, de agora e de sempre, com raros intervallos abertos pelo predominio de alguns figados levados e de alguns cerebros de eleição. Effectivamente, mesmo quem tenha o cuidado de conservar essas visceras em bom uso e de impedir que a bilis lhe suba á cabeça e lhe invada o coração, — perdoem-me o barbarismo physiologico, — estranha em si uns impulsos, uns pruridos de irritabilidade, que se não explicam só pelo exemplo. Faz-se a lingua mais comprida e aguçada, tornam-se os amores proprios mais susceptiveis, a auctoridade mais imperiosa, as emulações mais asperas, as opiniões menos tolerantes, as paixões mais violentas, e o intimo mal estar physico vem á supporação sob variadas formas de insaciabilidade. Não se foge facilmente a esta condição, que, segundo me dizem, tambem é sensível nas possessões estrangeiras da Africa Oriental. Tambem lá os figados mettem doentes os europeus, e principalmente os funcionarios, em constantes meadas de intriga e bulhas de malquerença; tambem lá as aptidões directivas se abatem e atrophiam, a ponto de desluzirem os creditos ganhos na Europa ou nas estreias do seu exercicio, o que aconselha os governos das potencias coloniaes, não a substituirem a miude os seus funcionarios em Africa, porque as substituições não deixariam nenhum juntar cabedal de experiencia feita, mas a obrigarem-nos a frequentemente aspirarem os ares puros da patria e da civilização.

D'estas ligeiras observações, — que cairiam no ridiculo se tivessem aspirações a parecerem scientificas ou sequer sizudamente comprovadas, — tiro eu uma conclusão por igual desfavoravel á Africa e á raça branca. As ainda mal estudadas causas naturaes que fizeram as raças negras estupidas e depravadas, na sua generalidade, actuam tambem sobre europeus que se estabelecem na area de habitabilidade d'essas raças, produzindo effeitos physiologicos e moraes semelhantes. Se, pois, uma colonia de brancos se fixasse, por exemplo, em Moçambique, e lá ficasse inteiramente isolada do mundo europeu e culto, extinguir-se-hia em curto praso, é claro; mas se não se extinguisse, dentro de alguns seculos os seus descendentes talvez ainda não tivessem a epiderme negra de todo,

mas já acreditariam em feitiços, comer-se-hiam uns aos outros, e venderiam os filhos como escravos, — se os verdadeiros negros, seus visinhos, tendo-lhes passado adiante na *evolução*, não prohibissem estas malfeitorias por meio de congressos, bloqueios e expedições.



Do hospital para a extremidade sudoeste da ilha, estende-se o bairro especialmente povoado pelos indigenas, e chamado Ponta da Ilha.

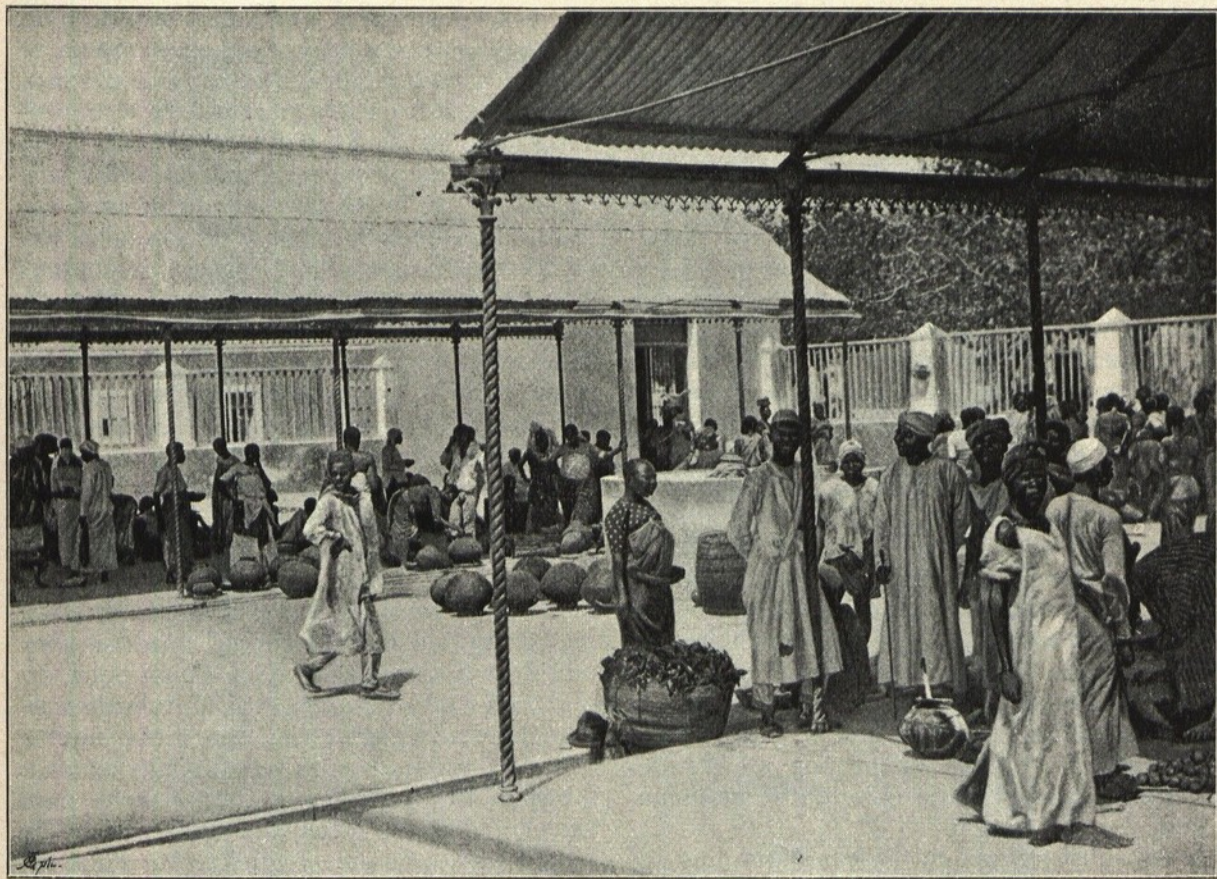
A engenharia ligou-o ao bairro europeu por uma larga estrada, em parte arborizada, traçada, proximamente, na linha media da superficie da ilha; mas essa estrada não acompanhou o nivel do solo, que ali se abate sensivelmente, antes lhe ficou sobranceira, e tão sobranceira que as coberturas das habitações assentes nos terrenos adjacentes estão n'um plano inferior ao seu leito. Essa estrada, guardada por muros baixos, como parapeitos, parece, pois, uma ponte lançada por cima d'um mar de palhotas.

As palhotas teem em Moçambique a forma quadrangular, altura de cerca de tres metros, coberturas de una até quatro pernadas tecidas de palhas seccas, olas de palmeiras e folhedo de cannaviaes fortemente enfeixados, acamados e presos a varas por descascar, com juncos, cordas ou rijos filamentos de plantas; e estes mesmos materiaes, fornecidos pelo mato, são empregados na contextura das paredes, que, todavia, tambem se cobrem de camadas de terra amassada ou rebocos de cal e areia, se o proprietario é um ricoço entre os seus. Cobrem áreas variaveis, mas sempre acanhadas, sendo as mais vastas divididas interiormente; as de melhor architectura fecham-se com portas de madeira, talvez roubadas na demolição d'um predio, e recebem luz por pequenas janellas com caixilhos, sim, mas raramente com vidros. O pavimento é a propria areia ou terra batida, que os commodistas cobrem de esteiras. Chaminé, ou qualquer orificio por onde saia o fumo da lareira, não é necessario onde o tecto e os muros são tamizes; vêem-se ás vezes as palhotas fumegando de tal modo por todos os intersticios, que custa a acreditar que não estejam incendiadas por dentro. A construção é descurada, tosca, muito inferior em arte e solidez á das moradias dos cafres de Inhambane e Lourenço Marques e d'alguns povos das margens do Zambeze. Desaprumam-se as estacas mal cravadas no solo, esgarçando aqui, esbarrigando acolá as paredes; os tectos tombam para o lado, como os chapeus

sobre as orelhas dos muleques endomingados; as portas indis põem-se com os humbraes, desunem-se as ramadas apodrecidas pela humidade e queimadas pelo sol, e toda

carnes lustrosas, que, lá em baixo, palpitam na faina de pilar arroz.

Ha sempre transito, movimento, bulicio, vida, na arteria d'aquella agglomeração hu-



MOÇAMBIQUE — O MERCADO

a fabrica toma a apparencia informe d'uma meda de mato, em que animaes bravios teñham aberto covil.

Na Ponta da Ilha, aos lados da estrada, ha milhares de *palhoças* — como diziam os nossos antigos, — apertadas umas contra as outras em massiços apenas extremados por viellas desalinhas, tão estreitas que um negro espadaudo, que passe por ellas de frente, arrisca-se a arrombar com os hombros as duas paredes fronteiras; todavia, n'estas fendas circula de contínuo uma população medeixa, donas de casa estendem roupa lavada ou cosinham em fogueiras accesas entre pedras, e saltitam ranchadas de creanças núas. N'esta mata de habitações rasga-se aqui ou acolá uma pequena clareira, onde vicejam pés esgalgados de mandioca ou hastes de feijão cafreal, e uma que outra arvore emerge á procura do sol, e atira com a ramaria para cima do parapeito da estrada, onde, a toda a hora, se encostam vadios a disfructarem os ralhos das visinhas, ou a cobiçarem as núas

mana. De manhã cedo, quando a areia solta da estrada ainda está regada pelo sereno da noite e o arvoredado frondoso que a margina junca o seu leito de folhas movediças de sombra, não ha em Moçambique mais aprazivel sitio do que aquelle, nem melhor recreio do que assistir, sentado no muro ao desfilhar dos ranchos que vão tratar da vida, fallando sempre, em voz de altercação, e rindo, rindo como só ri o negro, com a alma toda, com uma convicção communicativa, em girando-las successivas de gargalhadas, que estalejam espontaneas, estrepitosas, ao menor pretexto. Passam vendedeiras moças, como que espartilhadas nos pannos vistosos, tão cingidos ás fórmãs que não as vestem, forram-n'as; equilibram sobre a cabeça talhas de caju ou ceiras de mangas, e vão chalaceando com rapazolas, a quem os barretes e as largas camisas brancas retingem o azeviche dos rostos. Megeras que parecem ter dois ventres flacidos, descabido um sobre o outro, acarretam agua, e ralham no caminho com garotitos de tanga,

que as seguem agarrados ás orlas dos pannos. Mouros mal encarados, de turbante branco e bambu na mão, caminham ás pernadas tratando negocios com engoiados baneanes, que sobraçam peças de chita. Correm para a fortaleza, segurando as bayonetas, soldados de fardeta de linho manchadas de suor, que gosaram a dispensa do recolher nos braços de gordalhudas Venus, e ellas das portas dos seus paraísos de palha, encommendam-lhes em alta grita garrafas de *mata-bicho*. Circula, em summa, o sangue quente, o sangue africano da cidade, com as suas impurezas mas tambem com os seus globulos rubros, e só ali se sente bem, que Moçambique palpita, respira, vive.

Parte d'aquelles transeuntes matinaes, que se dispersam da população de sete ou oito mil almas que vive empilhada na Ponta da Ilha, dirigem-se ao *mercado* principal da cidade, que as vereações installaram n'uma das ruas capitaes do outro bairro, perto da tal praça da União, de cujas arvores chovem largatos. E' como um grande pateo fechado por edificações baixas e gradarias de ferro, de solo argamassado, sombreado aos lados por telheiros de zinco que se firmam em delgadas columnas de ferro. Tem um aspecto desenxovalhado, e ás horas das vendás animam-n'o pitorescos grupos de vendeiras e uma romaria colorida de molequagem.

As subsistencias em Moçambique não são caras, excepção feita das que vão da Europa, nem escassas. Não saciaríam, é certo, uma população de Gargantua, nem deliciaríam os gastronomos requintados da decadencia romana; mas os cosinheiros negros ou indios encontram nos mercados materias primas para a composição — ás vezes *secreta*, como a de certos medicamentos europeus, — dos oito ou dez pratos, que a cada almoço e a cada jantar desfilam sobre as mesas fartas da terra. Na provincia, em toda ella, come-se muito, por gosto, por luxo e para entreter tempo. Os dois maiores prazeres do colono já affeito aos costumes locaes, pelo menos os maiores que são confessaveis, consistem em comer, regando profusamente a comida, e em maldizer do proximo, e ambos são longamente saboreados á mesa abanada pelos *pancazes*, condimentando-se um ao outro. Uma gallinha assada com peripéri sabe melhor quando se morde ao mesmo tempo na sua pelle tosta e na do governador, e não ha especiaria que torne mais picante o caril do que uma anedocta escandalosa da vizinhança. Ora, para estes duplos festins nunca faltam acepipes nos mercados nem nos soalheiros, sendo estes ainda mais fartos e regalados do

que aquelles, porque, quando não têm novidades, inventam-n'as.

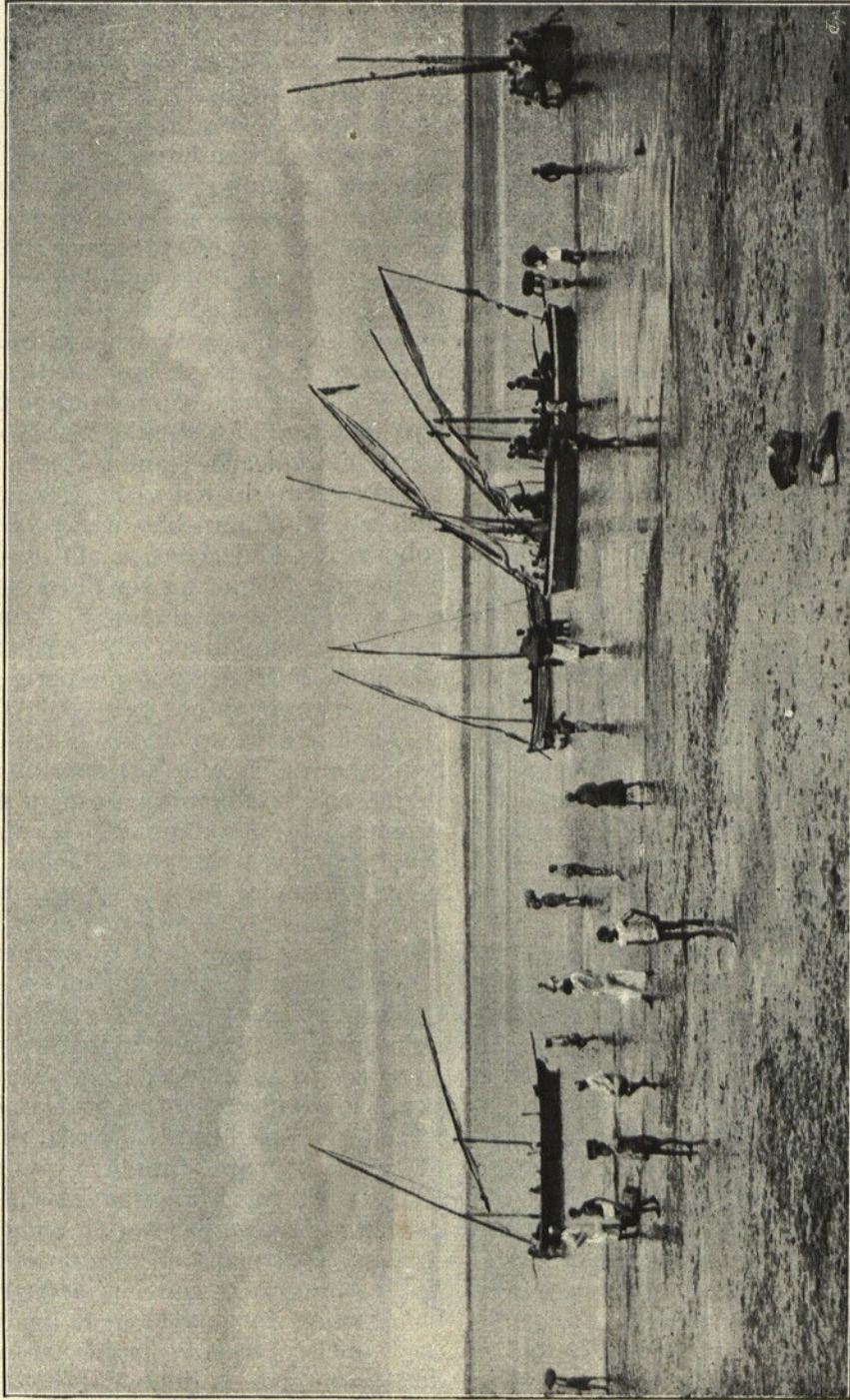
A gastronomia varia os seus *menus* explorando as *conservas*, que em todas as lojas se exhibem formando paredes de latas brilhantes, e a conservaria, quasi dispensa de todo as cosinhas e os cosinheiros, para quem se resigna a comer um jantar inteiro, desde a sôpa até aos fructos, sabendo todo a uma só coisa, a folha de Flandres. A *lataria*, como por lá se usa dizer, attingiu uma universalisação de que nem suspeita quem vive em terras de abundancia; ha tudo em latas, excepto appetite para lhes ingerir os contedos; e da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da França, da Italia, e até da Australia, vão para Moçambique conservas tão bem preparadas e temperadas, que algumas chegam a illudir o paladar, durante alguns dias. Mas só durante alguns dias. Depois, logo depois, todas ellas se reduzem perante o gosto á lata que as encerra, e talvez por isso a linguagem vulgar as designa todas pelo mesmo nome collecticio, *latas*, *lataria*. Chega-se a preferir á mais fina *lataria* do norte a massa de arroz ou de mapira, por ser fresca; antes se quer lubrificar a bocca com agua d'uma poça, do que com caldo de *lata*. Só as hortaliças escapam a esta repugnancia, que move muitas vezes os viajantes entranhados nas matas a atirarem fóra os ranchos de conserva, para viverem do que Deus dér, d'um pedaço de bufalo assado n'uma fogueira, ou d'uns tuberculos de mandioca. Os cosinheiros da terra, porém, têm artes para transformar as conservas, para debellar as suspeitas de que sejam *lataria* as virtualhas que servem, e assim as fazem entrar na melhor culinaria provincial, mascaradas, caracterisadas, embiocadas, com sabores imprevistos pelos fabricantes em combinações tão engenhosas como as da moderna chimica.

Mas a terra e o mar tambem lhes fornecem variados e copiosos recursos, e são esses que enriquecem o mercado de Moçambique.

O mar offerece-lhes peixes serras e garopas, cujas carnes gostosas, que fazem largas lascas brancas e tezas; linguados de tão delicado gosto como os da Europa e mais grossos do que elles; enormes charéus que têm na cabeça pedaços d'uma substancia organica que semelha a pedra, e infinita variedade de outra pescaria de menos estimação. Infelizmente, os pescadores indigenas pouco se affoitam fóra do porto, por serem duros os ventos e as ondas asperas; nenhum europeu se abalançou ainda a empregar na pesca material solido e aperfeiçoado, e as *cambôas*, — enormes rêdes presas a estacas cravadas na areia, com que se fecham, junto á praia, lan-

ços do mar, — nem sempre prendem peixe nas suas malhas quando as marés retiram, e são postas a saque por bandos de aves marítimas. Tão pouco faltam lagostas; ha cama-

A carne de vacca é magra, rija e insípida, e os cevados, pouco vulgares, não pertencem, decerto, á saborosa linhagem dos povoadores dos montados alemtejanos; mas abundam os



MOÇAMBIQUE — DESCARGA DAS LANCHAS DO CONTINENTE

rões tão grandes que d'um só se faz uma salada, sortimento de mariscos, e carangueijos em tamanha multidão que as suas tocas redondas convertem em crivos enormes bancos de areia descobertos.

cabritos e as aves. Não ha palhota, nos povoados ou nos matos, em volta da qual não debiquem e cacarejem gallinhas, embora pequenas e encarecidas pelo consumo, como também são caros os ovos, por isso que, se-

gundo a sciencia economica do preto, que não faz despeza com o sustento da creação, um ovo vale uma gallinha. Nos campos voejam as chamadas gallinhas da India, que lá são conhecidas por gallinhas de mato, tão bastas em algumas regiões que se matam á paulada, e que no mercado se compram a oito vintens ou dois tostões; e os sybaritas, que contractarem um caçador indigena, poderão ter todo o anno, e quasi diariamente, além das *pintadas*, pombos, patos bravos, perdizes mais volumosas do que as nossas, alguns coelhos, afóra rosarios de passaros de largos peitos carnudos. Tambem as hortaliças não são raridades, e a flora indigena dá, quasi de graça, ananazes, mangas, bananas, papaias, anonas, que fraternisam nos açafates de sobremesa com os dourados fructos do laranjal, acclimado pelos portuguezes em quasi toda a costa.

Estas subsistencias são, porém, fornecidas á capital pelo continente fronteiro, e especialmente pelos terrenos do Mossuril. Sem o continente, a ilha morreria de fome, e quando os temporaes a isolam do seu celleiro logo lhe encarece a alimentação.

Cada manhã, entre as 7 e as 9 horas, conforme as marés, larga do fundo da bahia, como se obedecesse á mesma voz, uma frota de trinta, quarenta, e mais lanchas, que levam a Moçambique generos para o seu consumo, mercadorias para o seu commercio de exportação, e numerosos passageiros de todas as raças e condições. A sua travessia é um bonito espectáculo, quando o tempo está claro. Agglomerada pela distancia, a frota parece a principio um bando cerrado de aves maritimas, que levantam vôo para ir saltar algum cardume de peixes voadores avistado ao longe; depois vae-se abrindo, vae-se espalhando, esmaltando de pequenos triangulos brancos um vasto campo azul, e, quando já se distinguem contornos e percebem movimentos, assiste-se a uma regata disputada tenazmente por muitos campeões. É a quem ha de chegar primeiro á praia, já coberta de grupos de negros, a postos para a faina das descargas. Pulam os cascos sobre as ondulações do mar, mostrando as quilhas como se soltassem vôos, e logo se somem, parecendo afundar-se; inclinam-se até se molharem as vélas prenes de vento, as bordas nivelam-se com a agua, curvam-se as vergas, em cujos topes tremem convulsamente bandeirolas entezadas, as prôas cravam-se na vaga para arremessarem ao ar turbilhões de espuma, como os garfos levantam da eira nuvens de palha moída, e as lufadas trazem sons confusos de gritos de arraes e rangidos de roldanas. Ha pouco iam duas lanchas a par redobrando de

esforços para se excederem uma á outra; agora, uma só tomou a dianteira a todas, e as outras dão-lhe caça phrenetica; logo, alguma das mais atrasadas, saltando como uma rã entre espadanas d'agua batida, deixará pela pôpa fóra a esquadilha inteira e, ferando o panno, resvalará pelo impulso adquirido até varar na areia. Uns após outros vão abicando os ligeiros barcos com motinadas de vozes e ruidos de ferros; e de cada um d'elles estende-se pelo mar uma dupla linha, um como vae-vem humano, de meios corpos negros carregando aos hombros fardos sombrios e passageiros de côres vivas.

Estas embarcações, todavia, não podem muitas vezes abrir ao vento as grandes vélas latinas, por haver calmaria pôdre, o que obriga os seus remadores a gastarem horas de esforços na travessia; e, apezar de serem solidas e affoitas, nem sempre ousam fazer-se ao mar embravecido, e então fica Moçambique sem communicações com o continente.

Para além do bairro indigena, na ponta sudoeste da ilha, o chão arenoso é quasi descoberto de edificações, e ahi se fizeram os cemiterios. O que dá sepultura aos catholicos, e que se denomina de S. Francisco Xavier, foi construido em 1871 e deveu o nome a uma tradição piedosa que perto d'elle tem os seus monumentos.

Quando o santo apostolo das Indias se partiu para Gôa, em 1541 aportou a Moçambique, e lá se demorou á espera de monção propicia para a continuação da viagem. Querendo uma vez passar-se da ilha ao continente — contam os seus biographos, — não achou embarcação que o transportasse gratuitamente, e aproveitou ensejo para mostrar aos indigenas estupefactos quanto pôde dispensar auxilios humanos quem é ajudado pelo favor de Deus: estendendo a capa sobre as aguas do mar, sentou-se n'ella, e esse improvisado baixel lá foi, sem véla nem remos, leval-o em salvamento á praia fronteira. Ao embarcar na capa, firmou os pés n'uma pedra, e n'ella se imprimiram as suas pegadas, para memoria perduravel do milagre.

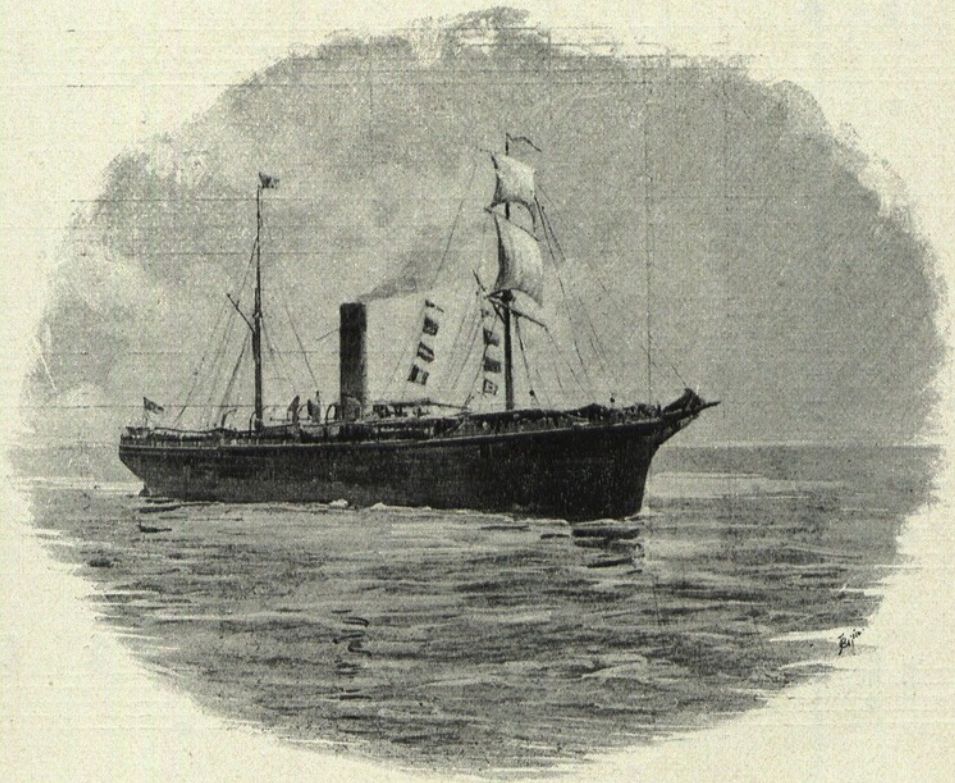
Sobre essa pedra, — dizem outras chronicas, costumava o santo ir meditar e orar; o facto é que ao penedo ficou ligado o nome de Francisco Xavier, fosse qual fosse o verdadeiro motivo da denominação, e sobre elle ergueu-se em tempos modernos, e foi ha dois annos restaurado, um padrão composto de uma base de marmore portuguez encimada por uma cruz de ferro. Singela gradaria resguarda o monumento, e n'uma das faces d'elle lê-se esta inscripção: *Serve de base a este padrão a pedra denominada de S. Francisco Xavier. Foi levantado em 1883.*

As duas pontas pequenas da ilha, estão, pois, assinaladas por uma fortaleza, tropheu de valor militar, e por uma cruz, memoria do apostolado christão no Oriente. Infelizmente, as populações accumuladas no chão que me-
deia entre esses dois symbolos da historia pa-

tria no seculo XVI, só as visitam como recordações mortas d'um passado que o presente mal comprehende. Junto da pedra de S. Francisco Xavier vivem mouros e gentios; dentro da praça, que Estevam d'Athayde defendeu, só quasi habitam degredados.

(Continúa).

Victor. Leica



FOLHA D'ALBUM

POR

OSCAR DA SILVA

Allegro vivace e grazioso

Piano

The first system of musical notation consists of a grand staff with a treble and bass clef. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The tempo is marked 'Allegro vivace e grazioso'. The first measure is marked 'mf'. The right hand features a triplet of eighth notes in the second measure. The left hand has a bass line with a 'Ped.' marking and an asterisk in the second measure.

The second system continues the piece. The right hand has a triplet of eighth notes in the fourth measure. The left hand has a 'Ped.' marking and an asterisk in the first measure.

The third system continues the piece. The right hand has a 'mf' dynamic marking in the third measure. The left hand has a 'Ped.' marking and an asterisk in the second measure.

The fourth system continues the piece. The right hand has a triplet of eighth notes in the first measure. The left hand has a 'Ped.' marking and an asterisk in the second measure.

The fifth system continues the piece. The right hand has a triplet of eighth notes in the second measure. The left hand has a 'Ped.' marking and an asterisk in the second measure.

First system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with triplet markings (3) and a fermata. The lower staff contains a bass line. The dynamic marking *p* is present.

Second system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with a fermata. The lower staff contains a bass line. The dynamic marking *mf* is present.

Third system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with triplet markings (3). The lower staff contains a bass line.

Fourth system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with triplet markings (3) and a crescendo hairpin. The lower staff contains a bass line.

Fifth system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with triplet markings (3) and a fortissimo (*fz*) dynamic. The lower staff contains a bass line with repeated notes marked with *Ped.* and an asterisk (*). The dynamic marking *brillante* is present.

Sixth system of musical notation. The upper staff contains a melodic line with triplet markings (3) and a decrescendo hairpin. The lower staff contains a bass line. The dynamic marking *dim.* is present.

8.^a
 Tempo I

pp harmonioso

p poco cres.

mf

cres piu

brilhante

M.D.

ME

A pagina inedita de melodia, que o distincto compositor Oscar da Silva oferece aos leitores dos SERÖES, vem muito opportunamente afirmar o justo conceito em que é tido o inspirado maestro e talentoso professor, auctor da opera MECIA que vae ter agora a sua primeira audiçãõ. Espirito cultivado pelo estudo constante dos grandes mestres, aqui e no estrangeiro, organisaçãõ artistica vibrando sob o influxo das mais elevadas concepções musicaes, Oscar da Silva apura a sua composiçãõ original, por vezes estranha, em levezas de tessitura phantasiosa, tão delicadas que parecem bordadas em rendilhado de complexa ornamentaçãõ, d'onde resalta em relevo, fnamente cinzelado, o pensamento musical.

TRAGICOS DESTINOS

Nos archivos da historia ha paginas, desvanecidas pelo mysterio, dobradas pela fatalidade, como se vincam as folhas d'um volumoso processo para busca de documentos interessantes, paginas que despertam intensa curiosidade, onde largas manchas de sangue ennegrecido apagam a leitura da verdade, mas onde ficam ainda indicios de cumplicidades affectivas, que surpreendem pela estranheza da acção, ou restam memorias de tragicos destinos que assombram pela grandeza da desventura. Em selecção fortuita de casos em que predominam enygmas de psychologia feminina, deixamos nos numeros anteriores a absolvição papal de Joanna de Napoles e o processo do collar de Maria Antonietta. No artigo que segue, registam-se alguns trechos da vida de Maria Stuart, cuja existencia accidentada e complexa, até na sua horrorosa execução, suggere os mais encontrados commentarios e provoca os mais oppostos juizos, consoante o imperio das doutrinas que debatem o conflicto da responsabilidade criminosa e da criminalidade inconsciente, fundidas divinamente no supremo perdão do Nazareno:—Porque muito amou e muito soffreu. . .

ENTRE OS acontecimentos mysteriosos e tragicos da historia, figura aquelle que sobresaltou a população de Edimburgo pouco depois da meia noite de 9 de fevereiro de 1567.

A historia d'esta noite prende-se a outro acontecimento não menos horroroso, dado exactamente onze mezes antes: uma vingança exercida em condições extraordinarias, em Holyrood, antigo palacio dos reis escocezes. Principiemos por este.

De tarde, ao anoitecer, e n'um pequeno gabinete, communicando com o quarto de dormir, a nova e formosa rainha da Escocia ceava com dois convivas da sua mais dilecta amizade.

Todos conhecem retratos de Maria Stuart. Diz-se que tinha formosos olhos azues e bellos cabellos castanhos; feições de delicada perfeição, molduradas n'uma coifa branca, dando a toda a sua phisionomia um ar de freiratica seriedade e tristeza. Aos vinte e quatro annos Maria Stuart era a mulher mais encantadora do seu tempo. A magia da sua formosura sobreviveu atravez dos seculos, de envolta com a calumnia, com os crimes, como a magnificencia dos cabellos castanhos escuros em formoso contraste com a suavidade dos olhos azues. Nenhuma mulher encontrou mais admiradores depois da morte do que esta rainha.

Ella sentara-se n'um canapé encostado á parede da alcôva — um pouco afastada, comquanto a porta a separasse apenas do quarto

principal. Ao lado d'ella sentára-se a fascinadora e perigosa condessa de Argyll, uma das poucas senhoras escocezas, que pelas suas maneiras fazia lembrar a Maria Stuart as da côrte franceza, onde passára a sua juventude e onde fôra educada.

O terceiro conviva da ceia era um italiano, David Rizzio.

Tres annos antes, um musico saboyano chegára ás gelidas praias da Escocia; e o porteiro de Holyrood, tendo-se compadecido do expatriado, permittiu por caridade que elle passasse a noite deitado n'um caixão que estava na loja da entrada. Agora, aquelle estrangeiro desterrado era o favorito da rainha, seu secretario, influindo poderosamente na politica e na administração da Escocia.

Os orgulhosos capitães, com antepassados que haviam feito guerra á corôa, os crueis Borderers, em cujas veias corria o sangue de homens que mataram reis, achavam-se dominados pelo brilhante estrangeiro; e até um Parlamento se reunira com o fim de passar sentença de morte ao proprio meio irmão da rainha, para que os dominios d'elle podessem ser dados a Rizzio.

Para o rancoroso espirito de um Douglas e de um Ker, nenhuma explicação plausivel poderia ter o procedimento da rainha. Eram rudes em demasia para comprehender subtilidades de sentimento e muito menos ainda para as justificar. Todavia para a rainha, meia franceza

pelo nascimento, e toda pela educação e pela sympathia, com as lembranças dos felizes dias da sua mocidade passados em Amboise e no Louvre, como noiva e rainha de França, e agora n'aquelle frio e triste reino do norte, o gracioso e perfeito meridional deveria ter-lhe apparecido como uma visão luminosa e ineffavel.

Mas não foram só os Mortons e Ruthvens que votaram odio de morte ao favorito Rizzio. Pouco tempo antes, tinha chegado ao reino um bello mancebo, do proprio sangue real, primo da rainha, lord Darnley, Henrique Stuart, o qual partira de Inglaterra com o expresso fim de conquistar a estima da rainha.

A viagem deu a Darnley o resultado que esperava; e o «grande rapaz», de dezenove annos, para quem a natureza fôra prodiga em belleza e avara em intelligencia, captivou o coração e obteve o amor de Maria Stuart. E n'ella o coração era tudo, ou pelo menos o dominador absoluto dos seus actos; por isso deu a sua mão ao recémvindo, do que depois se arrependeu amargamente.

Darnley era uma d'essas infelizes creaturas dotadas da sêde do mando, ambiciosas e me-

mãos do seu ministro; e pôde principiar como um estrangeiro desprezado, mas se possui realmente as faculdades necessarias acabará por dominar um reino. O pobre Darnley não sabia isto; ou illudira-se pensando que lhe bastava conseguir de sua mulher a frivola cerimonia de lhe collocar a corôa matrimonial na cabeça para ser rei da Escocia. A decepção e o despeito acirravam-lhe odio contra Rizzio.

Mas Darnley era um covarde, e sua mulher apercebeu-se d'isso; comtudo não se lembrou de que um covarde desesperado é o mais perigoso de todos os inimigos.

Sucedeu portanto que bem depressa ella o desprezava; e n'aquella noite, como em muitas outras anteriores, o marido da rainha não era do numero d'aquelles que cejavam juntos em tão cordeal intimidade no seu gabinete particular.

Havia mais tres pessoas no quarto, mas essas estavam como cortezãos de serviço, não como convivas: o medico francez da rainha e dois moços cavalleiros escocezes, mais ou menos relacionados com a casa real.

A ceia estava ainda na mesa quando a porta do quarto se abriu. Maria Stuart admirou-se da ousadia indiscreta e de vêr entrar o marido visivelmente perturbado e excitado. Encaminhou-se cambaleando até o canapé onde ella estava sentada e collocou-se ao lado d'ella.

A rainha olhou para elle surpresa, e perguntou-lhe se já tinha ceiado. A unica resposta de Darnley foi passar-lhe o braço em volta da cintura e beijar-lhe a face.

Era o beijo da traição. Subito reabriu-se a porta do gabinete e o terrivel Ruthven, o homem mais implacavel da familia do grande Douglas, entrou altivo, de armadura afivellada, punhal á cinta.

A' vista d'este homem, de quem ella ouvira ultimamente fallar como d'um condemnado e que se tinha levantado doente da cama para exercer a vingança dos nobres, a rainha adivinhou a tremenda conjura. Arremessando ao homem que a acabára de beijar a simples palavra «Judas»! Maria Stuart dirigiu se a Ruthven, interrogando-o:—Para que veio aqui?

Ruthven indicou-lhe a victima com gesto severo:

—Deixe sahir esse homem. Demais tem aqui estado.

—O que fez elle? Está aqui por minha vontade, protestou a rainha. E voltando-se do homem severo e forte para o fraco e covarde, perguntou ao marido:

—O que quer isto dizer?

—Nada, balbuciou tremulo lord Darnley.

Mas Ruthven cortou cerce o dialogo. Em poucas e crueis palavras—palavras que insultaram Maria Stuart como mulher e como so-



Ruthven entrou altivo...

dioces, sem um vislumbre de faculdade de governar.

Um homem pôde ter nascido czar da Russia, mas se não possuir a faculdade de o ser, tornar-se-ha em pouco um instrumento nas

berana—declarou-lhe que os dias do seu favorito estavam findos e avançou para o agarrar.

Então seguiu-se uma scena confusa. A rainha com toda a altivez da sua natureza generosa, collocou-se entre Ruthven e David Rizzio que se chegou á saia cobrindo-se com ella. Os tres servidores tentaram agarrar Ruthven, que desembainhou o punhal e chamou pelos companheiros que esperavam fóra da porta. Um dos conspiradores apontou uma pistola ao peito de Maria Stuart, um outro derrubou a mesa, e se a condessa de Argyll não tivesse levantado rapidamente um candelabro tudo teria ficado na escuridão.

Foi preciso usar da força para arrancar Rizzio de junto da rainha, cujo vestido lhe servia de fragil abrigo e que só em ultimo esforço abandonou. Ruthven ordenou a Darnley que segurasse sua mulher para que o homem que tinha acabado de lhe apontar a pistola, ficasse livre e podesse enlear em volta do corpo de Rizzio uma corda afim de o arrastarem para fóra do quarto, entre gritos de socorro que só chegaram aos ouvidos de Maria Stuart.

Alguns minutos depois um cadaver despedaçado, apunhalado cruelmente, era transportado para a loja do porteiro e metido n'um caixão que alli estivera durante tres annos ainda collocado no mesmo lugar; e o lacaio escocez, olhando para elle com aquelle malicioso instincto moralista proprio da sua classe, e imitando na reflexão um dos *clowns* de Shakspeare, observou:

— Eis o destino fatal; porque este caixão foi a sua primeira cama quando entrou n'este palacio, e agora ali está de novo deitado para sempre.

Ruthven escreveu depois uma narrativa, singularmente nitida e vivida, de toda esta scena extraordinaria, na qual elle representou o primeiro papel. Tão alquebrado ficou da lucta, que mal Rizzio desapareceu do quarto, cahiu desanimado n'uma cadeira na presença da rainha e com ironia pungente desculpou-se da infracção de etiqueta á mulher a quem acabara de arrancar Rizzio pelas suas proprias mãos. Relatou tambem o dialogo, a conversa havida em seguida e na sua presença, entre Maria e Darnley.

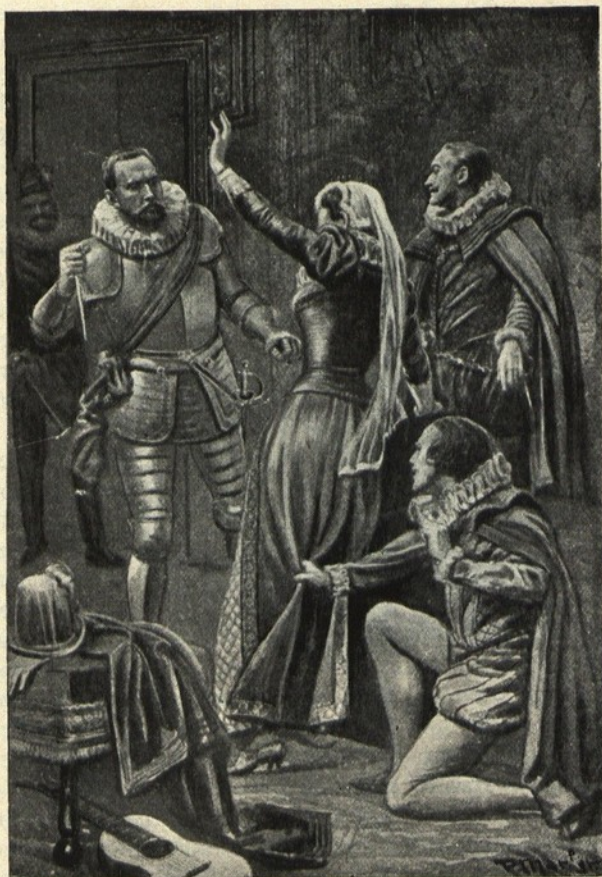
Este, exultando no seu triumpho, fez um covarde uso da oportunidade, insultando e censurando a mulher que o desprezára por tanto tempo.

— Covarde! Para isto te levantei do pó! Foi a unica resposta de Maria Stuart.

E notando em seguida que o marido tinha vazia a bainha do punhal, perguntou:

— Onde está o teu punhal?

— Não sei, respondeu.



A rainha collocou-se entre Ruthven e Rizzio...

— Ha de saber-se depois, retorquiu ella. Sahir-te-ha caro se por ti foi derramado o sangue de David! Pobre David! Bom e fiel servidor! Que Deus tenha compaixão de sua alma!

Estas palavras arrancadas pela dôr ao espirito altivo da princeza, profundamente ultrajada, foram os primeiros pronuncios da tempestade que deveria desencadear-se onze mezes depois.

Ruthven retirou-se cheio de pavor, deixando juntos mulher e marido. Adivinha-se, mais do que se sabe, o que se passou durante as quarenta e oito horas seguintes entre Maria Stuart e o mancebo desprezível com quem casára. Não é preciso ter conhecimento profundo da natureza humana para calcular quanto esforço e dominio sobre si propria deveria ter empregado uma mulher formosa e altiva, como esta, para aturar uma creatura de tão insignificante espirito e de tão miseravel procedimento, como o da especie de Darnley. A' meia noite do se-

gundo dia depois do assassinato, Maria Stuart e o marido desceram furtivamente até os subterrâneos abobadados do palacio de Holyrood, dos quaes uma passagem secreta dava com-



...procurando caminho por entre os tumulos...

municação com a crypta da arruinada abbadia. Procurando caminho por entre os tumulos, em que jaziam os antigos reis da Escocia, chegaram por fim a um ponto onde os esperavam cavallos aparelhados e d'alli partiram juntos.

Ruthven e os seus amigos haviam conspirado contra Rizzio em nome de Darnley. O fito da conspiração, verdadeiro ou fingido, tinha sido collocar-o no throno ao lado de Maria Stuart como reinante na Escocia. A sua fuga, em companhia d'ella, reduzia á iniquidade revoltante d'um assassinato toda a conspiração. Maria Stuart persuadira-o de que ella só poderia fazer mais por elle do que toda a liga dos Douglas, e por isso abandonava completamente os amigos.

Dentro d'uma semana a rainha da Escocia voltava a Edimburgo á frente de tropas aguerridas. Os assassinos de Rizzio fugiram; os restantes conspiradores foram perdoados. Mas Darnley não recebeu em premio a corôa tão ambicionada. Ao contrario, encontrou o desprezo e a suspeição por toda a parte. Debalde fez uma declaração solemne perante o conselho privado de que não tinha tomado parte na morte de Rizzio. Ruthven replicou, pondo perante os olhos da rainha uma carta devidamente sellada, na qual Darnley tomava sobre si toda a responsabilidade da conspiração.

Que efeito produziria em Maria Stuart este documento? A resposta é dada por um outro escripto em Craigmiller, no mez de dezembro seguinte, o celebre compromisso dos lords.

N'este intervallo, marido e mulher viveram separados. Nascera o futuro Jayme vi da Escocia e I de Inglaterra, mas Darnley não esteve presente ao baptisado do filho. Quando Maria Stuart esteve á morte em Jedburgh, elle appareceu n'um dia e retirou-se no seguinte. Chamado perante o conselho, onde tinham assento Moray, Argyll e Maitland — todos a quem havia trahido — e perguntado sobre a causa do seu descontentamento não soube responder. Desamparado pela rainha, e evitado por todos os nobres, o desgraçado viajava repetidas vezes, atravez da Escocia, com poucos criados ao seu serviço, e começou a temer pela propria vida.

Em dezembro, houve uma notavel conferencia entre a rainha e alguns dos principaes lords. Moray, Argyll e Maitland desejavam obter o perdão de Morton que depois de Ruthven foi o que tomára principal parte no assassinato de Rizzio. Pensaram que o melhor meio seria libertar a rainha de Darnley, e foram procural-a, acompanhados de lord Huntley, catholico, e do homem cuja influencia prejudicial cahira n'aquelle tempo como uma mancha sobre as paginas da vida de Maria Stuart, o perverso conde de Bothwell.

A rainha já tinha appellado para Roma para obter divorcio de Darnley. Fôra-lhe, porém, recusado. Quando os cinco lords vieram expôr-lhe os novos projectos, a sua primeira resposta foi que reflectira nas consequencias do divorcio d'onde lhe parecia resultar duvidas para os direitos de seu filho, e por o abandonara. Maitland de Lethrington, replicou:

— Minha senhora, nós que aqui estamos, os principaes da nobreza de vossa Graça e do vosso conselho, acharemos meio de sua magestade se desembaraçar d'elle sem prejuizo de seu filho: e, comquanto lord Moray seja um pouco menos escrupuloso como protestante, do que vossa graça é como catholica estou certo que elle tepará os olhos com as mãos, olhará por entre os dedos, e ha de vêr as nossas acções sem riada ter de lhes dizer.

N'aquelle epoca, e na Escocia, semelhantes palavras podiam ter uma interpretação unica. A rainha respondeu logo:

— Desejo que nada faças que por qualquer fórma possa empenhar a minha honra ou consciencia; portanto peço-vos que melhor será deixar as cousas como estão, esperando que Deus na sua bondade lhes proveja de remedio. Julgando prestar-me um serviço, poderá o fim não ser conforme aos vossos desejos; pelo contrario póde voltar-se por mal contra mim.

Se lord Maitland offerecêra indirectamente matar-lhe o marido, Maria Stuart afastava a offerta.

— Minha Senhora, concluiu elle, deixe-nos guiar o assumpto entre nós, e vossa magestade verá apenas o que fôr legal e approved pelo Parlamento.

Eram ambigüas estas palavras; e Moray, a quem os inimigos de Maria Stuart engrandeceram como homem de immaculada honra, jurou depois que nunca tinha presenceado proposta alguma que fosse illegal ou de deshonroso proposito. Aos seus ouvidos, portanto, as ultimas palavras de Lethrington não insinuavam projectos de assassinato. Aos da rainha, egualmente poderiam tambem significar apenas qualquer processo de divorcio parlamentar.

Logo depois de terem sahido da presença da rainha, Argyll, Huntley, Maitland e Bothwell assignaram o seguinte compromisso formal:

«Que por justos motivos era julgado conveniente e proveitoso para o bem commum, pela nobreza e lords abaixo assignados, que a corrupta besta, o moço doido e o orgulhoso requintado, não tivesse o governo d'elles; portanto concluíam todos que deveria ser posto fóra *por qualquer meio*, e quem quer que tomasse a responsabilidade de o fazer, por elles seria defendido e ajudado, porque seria por todos julgado e mantido o feito como se fóra por el'les proprios».

Assim foi decidida e garantida a morte do «grande rapaz» que viêra ao norte com o proposito de ganhar uma corôa.

A sentença fóra pronunciada, mas o executor não fóra designado. Era desnecessario. Havia entre elles um homem claramente apontado, pela sua historia passada e pelas suas relações presentes com a rainha, como instrumento proprio da morte de Darnley.

Era o conde de Bothwell, um Border reverso da peor especie. Maria Stuart tinha-o despojado antigamente dos seus estados. Mas depois do assassinato de Rizzio, fora o primeiro a reunir-se a ella, e desde esse tempo procedera como seu devotado partidario. Substituria Rizzio na affeição e acompanhava-a por toda a parte com tanta assiduidade que já déra azo a escandaloso commentario.

Na vespera do natal, Morton recebeu o perdão ambicionado; e o objectivo da liga dos lords estava portanto conseguido. Na mesma noite, Darnley, que tinha ido a Stirling para ser espectador do baptisado de seu filho, como se fosse simples comparsa da scena, cahiu subita e violentamente doente.

Tinham-lhe chegado aos ouvidos vagas noticias do pacto verbal entre a rainha e os nobres e da subsequente declaração escripta. Mal soube que estava assignado o perdão de Mor-

ton, retirou-se apressadamente do castello de Stirling, procurando refugiar-se em Glasgow. Mas caminhara apenas uma hora a cavallo quando foi atacado de mysteriosa e terrivel doença. Appareceram-lhe em todo o corpo pintas escuras azuladas, como indicando subita decomposição do sangue e sem poder ter-se em pé, exausto de forças, foi levado para Glasgow com todas as apparencias de morte proxima. A critica historica moderna, baseando-se em deduições scientificas, capitula esta doença de ataque de variola confluyente.

Mas Darnley não morreu. Estava ainda convalescente quando o proprio Bothwell, encontrando Morton na sua volta do exilio, abertamente propoz a este tomar parte no assassinato de Darnley. Morton recusou com o motivo expresso de que receiava cahir no desagrado da rainha. Bothwell assegurou-lhe que desta vez a rainha era parte consentidora no plano.— Traga-me a assignatura da rainha para garantia, retorquiu lord Morton, e então lhe responderei.

Tal garantia nunca foi obtida. Morton, que não tinha escrupulos, que estaria prompto a cooperar no assassinato se tivesse a segurança de que a rainha realmente o desejava, nunca teve essa segurança. Pelo contrario, recebeu um mensageiro de Maitland, um dos signatarios do compromisso de Craigmiller, para este fim expresso:— Diga ao conde de Morton que *a rainha nada quer ouvir* sobre o assumpto que lhe foi designado.

N'esta mesma occasião, quando Bothwell instava com Morton para que se juntasse com elle no premeditado proposito e Morton pelo seu lado procurava informar-se das disposições da rainha, Bothwell tinha na sua algibeira, affirmou-se depois, cartas de Maria Stuart dirigidas a elle, confessando-lhe um amor louco e instigando-o ao crime por phrases como estas:

«Eu poderia quasi ter tido dó d'elle; mas não receies, o plano ha-de levar-o á morte. . . . Considera se não poderás intentar meio mais secreto pela medicina. . . . Elle suspeita grandemente e comtudo confia em mim. Tu és a a causa d'isto; por minha particular vingança não o faria.»

Assim, pelos menos, foram as convicções dos historiadores que condemnaram Maria Stuart; todavia deve notar-se que Bothwell, consentindo a Morton ver uma só d'estas cartas, teria bem facilmente obtido a sua adhesão e ter-lhe-hia dado bem clara a segurança que aquelle tanto reclamava. Raras vezes se encontrará na historia secular uma fabula mais inverosimil, e que mais confiadamente houvesse sido aceita.

Morton era talvez o peor inimigo de Maria

Stuart. A opinião de muitos designa Morton como autor das celebres *cartas do cofre*, prova apresentada da connivencia e culpabilidade da rainha na morte do marido; e, curioso caso, foi o proprio Morton que inconscientemente testemunhou as proprias falsidades.

Emquanto Bothwell tentava baldadamente persuadir Morton em Edimburgo, Maria Stuart estava em Glasgow á cabeceira do leito de seu marido doente.

A primeira conversação entre elles foi descripta no depoimento do criado de Darnley, feito depois da morte d'este. E', portanto, uma informação de inimigo de Maria Stuart.

Começou de arguir o marido por ter dado ouvidos ás calumnias que contra ella se levantavam. Depois, com serenidade, perguntou-lhe qual era a causa da doença ou a que a attribuia.

Suspeitava acaso Darnley que tinha sido envenenado por instigações da mulher que estava ao seu lado? Eis a resposta d'elle:— Tu és a causa da doença. Só vem de ti que não perdoes as minhas faltas quando d'ellas me arrependo.

O principe continuou ainda admittindo que tivesse sido culpado, e entregando-se á clemencia de sua mulher. Maria Stuart escutou-o bondosamente; e deu-lhe esperanças de reconciliação. Darnley supplicou-lhe que não o abandonasse. Ella respondeu que as suas boas relações deviam ser conservadas em segredo para os lords.

Darnley tivera conhecimento, embora vago, do compromisso de Craigmiller. Talvez presentisse que a sua unica esperança de salvação deveria residir n'um appello á bôa indole de sua mulher. Esta ficou em Glasgow até que elle se achou bom paraprehender viagem, e depois partiram juntos para Edimburgo.

Se os depoimentos dos criados, que depois testemunharam contra a rainha, contem uma parcella de verdade, durante todo este mesmo tempo Maria Stuart esteve em communicação com Bothwell. Foi este quem veio ao seu encontro ás portas de Edimburgo, e quem os conduziu a Kierk-a-Field.

Era esta celebre construcção de forma quadrangular, e fôra occupada anteriormente por um convento de dominicanos, tendo ao lado uma igreja arruinada. Estava fóra dos muros da cidade. O quarto de dormir de Darnley foi escolhido no primeiro andar no flanco oeste, e um outro quarto justamente por baixo d'este para a rainha.

O historiador Froude poz em relevo propositado um incidente que occorreu quando a rainha foi ver pela primeira vez o seu quarto. Achou que a cama estava n'um logar menos apropriado ou errado, e zangada ou impaciente ordenou que a mudassem. Froude concluiu

que o motivo da mudança era já uma premeditada deliberação de conservar livre o espaço directamente correspondente á cama de Darnley no quarto superior, e destinado a ser ahí collocado o barril de polvora cuja explosão o havia de matar. O historiador talvez desconhecesse que a posição das camas n'aquelle tempo estava sujeita a um estricto codigo de etiqueta. Uma senhora da côrte de Francisco 1.º, escreveu um tratado sobre este grave assumpto, no qual reprova severamente a presumpção de certas damas flamengas que collocavam as suas camas defronte do fogão, posição exclusivamente reservada ás camas de pessoas corôadas. Maria Stuart era uma rainha; seu marido um simples lord, e portanto, se a cama de Darnley tinha sido correctamente collocada, era sem duvida uma falta pôr a d'ella n'um logar correspondente no quarto em baixo. Era natural que a viuva de Francisco 1 se apressasse a notar o erro e a ressentir-se da indelicadeza commettida.

Como usualmente succede os accusadores exaggeram o libello e se contradizem. Na mesma pagina, o mesmo historiador, depois de affirmar a premeditação na mudança do leito, declara que o plano primitivo do crime não era o de fazer saltar Darnley por meio de explosão, mas persuadil-o capciosamente a ir fóra da cidade como passeio ou exercicio, e então matal-o. Mas houve mudança de intenção *porque aquella poderia ser conhecida*.

Finalmente chegou aquelle memoravel domingo, 9 de fevereiro de 1567. A rainha Maria Stuart dormira alternadamente durante aquella semana em Kirk-a-Field e Holyrood. N'esta noite havia festa e baile de mascarar no palacio, por occasião do casamento de uma das damas da rainha, e ella promettera comparecer. Todavia, depois da ceia, veio passar algumas horas ao lado de seu marido doente. Bothwell estava presente, bem como Argyll e Huntley, trez dos que haviam assignado a obrigação de tirar a vida a Darnley. Em quanto estavam no quarto d'este, em cima, diz-se que os ouvidos finos de Bothwell perceberam ruido no quarto de baixo, e desceu para admoestar os imprudentes e recommendar silencio. Viu uma pilha negra de polvora dispersa no chão, e Hoy e Hepburn de pé junto d'ella, esperando que tudo estivesse quieto no andar superior. Bothwell voltou subtilmente para o quarto de Darnley. Os outros prepararam-se para sahir. Era meia noite dada.

Maria Stuart lembrou-se repentinamente de que tinha prometido estar presente no baile de mascarar, e despediu-se affectuosamente do marido. Beijou-o, e enfiou-lhe no dedo um anel. Depois encaminhou-se para a porta do quarto, e pronunciou estas palavras:—

«Foi justamente por este tempo no anno passado que Rizzio foi morto.»

Recordação casual ou aviso propositado? Extranha coincidência, que affecta ser presentimento, ou delação involuntaria que nasce do remorso?

Quatro pessoas ficaram a dormir n'aquelle torreão do velho mosteiro: Darnley, o pagem que dormia aos pés da sua cama e mais dois criados. Por uma hora ainda o doente solitario conversou e leu elle proprio para adormecer. Depois tudo cahiu em silencio.

A's duas horas uma forte explosão acordou a cidade de Edinburgo, e toda a ala oeste de Kirk-a-Field cahia em ruinas. Entre os escombros encontraram-se cahidos os corpos dos dois criados, um fetio em pedaços, o outro ainda com vida. Mas nem o cadaver de Darnley, nem o do seu pagem alli foram encontrados. Os seus corpos foram descobertos debaixo de uma arvore no jardim, a quarenta jardas de distancia, estrangulados, sem signal algum de fogo ou queimadura, com as roupas no chão junto d'elles. De como vieram ali parar, e do modo como elles haviam sido assassinados nunca houve explicação.

Hay e Hepburn declararam depois que effectivamente esperaram até que tudo estivesse silencioso no quarto superior para deitar fogo ao rastilho preparado e fugiram da casa fechando á chave as portas que iam deixando para traz. No jardim encontraram Bothwell e alguns mais; vigiaram até que a construcção voasse em estilhas pela explosão e depois vieram-se embora. Um chronista contemporaneo regista o boato de que os agentes de Bothwell estrangularam primeiramente Darnley e o pagem nas suas camas, trouxeram para fóra os corpos, e depois voltaram para fazer a explosão na casa. Uma outra versão conta que as duas victimas foram arremessadas pela violencia da explosão para o ponto onde foram encontradas, e que ali tinham sido estranguladas pelos assassinos.

No velho registo de mortos da parochia de Canongate que está guardado na repartição do Registo Geral em Edimburgo, a morte de Darnley está assim registada: «Sua Graça o Rei morto por uma explosão de polvora, em Kirk-a-Field em 10 de Fevereiro de 1567.» Foi esta a versão official.

A todas estas narrativas falta uma explicação logica, deduzida naturalmente dos factos. O fim da conspiração fora para matar Darnley; a explosão na casa fóra o meio adoptado para attingir aquelle fim. E' portanto incrivel que os assassinos tivessem matado primeiro a sua victima, depois levado-a para fóra de casa, e depois voltassem a effectuar a premeditada explosão. Por outro lado, se a explosão tivesse

realmente arremeçado os dois corpos, quarenta jardas pelo ar, seria impossivel que d'isto não tivessem apresentado signaes, muito mais inverosimil ainda terem sido achados juntos e



Viu Hoy e Hepburn junto da polvora...

em relação ás roupas encontradas ao lado d'elles o caso assumiria as proporções d'um milagre.

Quando Hay e Hepburn accenderam a mecha e fugiram, fechando á chave as portas por onde iam passando, certamente imaginaram que a victima visada ainda estava no quarto superior. Estavam porem enganados. Darnley e o pagem, cheios de pavor, tinham-se já levantado; e, levando comsigo os fatos que não haviam tido tempo de vestir completamente, desceram na ponta dos pés os degraus da fatal escada, passaram por diante da porta do quarto onde os dois assassinos vigiavam o montão de polvora, e sahiram da condemnada casa.

Não encontraram cá fóra melhor destino. Esperava-os infelizmente aquelle grupo de crueis e implacaveis homens que de pé aguardavam a explosão para ficarem seguros da sua obra. Inutilmente os dois fugitivos procuraram abrigo na escuridão da noite fria; as suas fórmas fluctuando no jardim feriram certamente a vista aguda do deshumano Bothwell e dos seus companheiros de conspiração.

Mas porque aquella fuga imprevista, subita? Porque aquelle pavor?

Procure-se uma explicação n'aquella ultima e significativa phrase pronunciada por Maria

Stuart quando deixou o quarto do marido: «Foi justamente por este tempo no anno passado que Rizzio foi assassinado».

Que pensamentos lhe revolveriam o espirito,



...levando consigo os fatos...

que sentimentos lhe agitariam o coração quando pronunciou aquellas palavras? Póde haver quem acredite que ellas eram pronunciadas com a satisfação de vêr finalmente chegada a hora da vingança tão longamente addiada. Mas aquelles que consideram a rainha Maria Stuart não inteiramente um monstro, mas ainda uma mulher, poderão dar-lhes outra menos cruel e perversa interpretação.

Pódem julgar que ella tivesse sido sensível ao arrependimento de seu marido, um rapaz de bello phisico, no verdor da mocidade ou de

se ter arrependido pela sua parte de ter discordado d'elle.

A rainha poderia ter sabido o que se estava preparando. Poderia temer-se do implacavel Bothwell e a quem não sabia resistir. Poderia ter mesmo consentido; mas o seu coração de mulher tel-a-hia no ultimo instante movido a dar aquella secreta advertencia ao homem cujos labios tinham acabado de se unir aos d'ella.

Talvez reflectindo n'aquellas palavras Darnley e o pagem as tivessem considerado como aviso, e por isso tentaram fugir. Em todo o caso o mysterio subsiste.

Taes os factos d'aquella memoravel noite, e tal a explicação que d'elles é possível conjecturar. A critica historica moderna não isenta inteiramente a rainha de culpabilidade no assassinato de Darnley; ao contrario accusa-a de cumplicidade. Todavia numerosos escriptores defendem-lhe o procedimento; ou descendo a analyses subteis de psychologia sentimental e acceitando, como justificação, os impulsos fataes, deterministas do temperamento, attenuam-lhe a responsabilidade que se acoberta com a inconsciencia, e separam-lhe nos actos praticados a influencia natural do meio, da educação, e da época em que a vida d'um homem era cousa levemente considerada. Como explicação final dos acontecimentos da noite de fevereiro, encontram no aviso, que ao ultimo instante deixou cahir dos seus labios, uma demonstração de arrependimento, embora tardio, da fraqueza anterior em ter consentido.

Mas no mez de maio seguinte, Maria Stuart casava em terceiras nupcias com o conde de Bothwell, apontado publicamente como o assassino de lord Darnley.

Quando estes requintes de voluptuosidade cruel infamam a personalidade humana, grande benevolencia de juizo é remettel-os para os dominios da pathologia mental, no vastissimo capitulo das preversões sexuaes.

Em todo o caso, as torturas moraes que experimentou aquelle espirito, até no supremo instante em que a sua gentil e formosa cabeça rolou no cadafalso, sómente ao segundo golpe do carrasco, fôram-lhe castigo doloroso e punição cruel. Extraordinario destino de mulher e de rainha!





CAPITULO QUARTO

A Senhora da Lapa

NATURAL é de saber que Adozinda passou o resto da noite debatendo-se n'uma angustia infernal. Impossivel lhe foi conciliar o somno. Se a espaços o espirito fatigado ia a caminho de amadornar e esquecer-se, embalado n'um amnesiamento providencial de todo o seu ser, desconfortado e exausto, breve um frio estremeção de alvo-roço percorria-a, e então ficava revivendo angustiadamente na tréva, de palpebras muito abertas, aquella scena horrivel de poucas horas antes. E de manhã acordou aturdida, arrendo em febre, com a cabeça pesada como um chumbo, e nas pupillas ardentes um brilho desvairado.

Como não se podia levantar, trouxéram-lhe o almoço á cama. Não comeu nada, por mais que junto d'ella a bôa da mãe insistisse, com os olhos rasos de agua. Foi logo chamado o medico, que depois de muitos tactea-mentos de pulso e exames á lingua e ás palpebras, se limitou a receitar chá de tília e repouso. Evidentemente o seu ronceiro empirismo seria incapaz de atinar com a verdadeira causa d'aquelle estado morbido, que n'uma violenta perturbação neuronica tivera sua principal origem.

No dia seguinte Adozinda, cada vêz mais perturbada e inquieta, disse que queria ser ouvida de confissão. Debalde a carinhosa mãe, de roda d'ella desfeita em pranto, observava que não era a doença caso para isso; em breve estaria bôa. «Agora confessar-se! Nem que estivesse para morrer... Crédo! Até era desafiar a bondade do Senhor.» Mas a filha, renitentemente, insistiu; a termos que não houve remedio senão fazer-se-lhe a vontade. Veio pois o padre Manuel, que ao entrar no quarto, e ao vêr a pobre creança n'aquelle afflictiva desordem, n'aquelle fulminante abysmo de ruina, persignou-se logo, benzeu-se e n'um supersticioso terror largou

a monologar, de olhos em alvo e mãos postas, os mais efficazes exorcismos que sabia.

Entretanto Adozinda, impaciente, afastando da testa o cabello em pastas humidas, erguendo o busto de cotovelo finque no travesseiro, fazia repetidos signaes á mãe para que a deixásse a sós com o confessor. Estava agitada, receiosa, trabalhada por qualquer intimo pavor ignorado, que lhe desordenava a alma e que a fazia soffrer.

— Crédo! filha, socega... — dizia-lhe a D. Bernarda, deitando-lhe um chale pelos hombros e beijando-a. — Nem que estivesses já na ultima, Deus do céu!

A filha porêz, anciadamente, com o braço estendido n'uma supplica vehemente e a garganta perra, insistiu. Depois, apenas se viu a sós com o padre, desfiou-lhe então rapidamente, febrilmente, com uma liberdade, uma audacia, um despejo de phrase e uma cruêza de pormenores de que o branco velho sinceramente pasmava, todos os successivos degraus do seu amor pelo delegado, as desconfianças, as suspeitas, e por fim aquella scena decisiva e horrivel entre os tres, no caramanchão. E allucinadamente depois pedia o perdão do seu peccado, e que lhe alcançassem do Senhor, para a sua alma arrependida e sem macula, o balsamo da paz, da serenidade antiga!

Desconcertado e boquiaberto, o padre Manuel, de olhos baixos, raspava com a unha machinalmente o sêbo da batina e não atinava com uma palavra a dizer... N'aquelle seu rudimentar pastoreio de almas, ia para meio seculo, nunca com effeito se defrontára com a sua ingenua fé um caso assim complicado e alarmante de psychologia feminina. Eram vulgares, sim, n'aquelle sua parochia viril e rude, em que a fecundação humana andava constantemente estimulada no exemplo, no contacto germinador com a terra,

eram vulgares as traições de amor, as violências eroticas, os assaltos brutos a virgindades desprevenidas; mas algumas lagrimas e suspiros sanavam breve o damno feito no coração das victimas; circulava o amor entre as almas como pelas arvores a seiva; tudo aquillo se fazia de instinto, serena e naturalmente, n'uma total consubstanciação do individuo com o renovamento incessante e fecundo da Natureza. Mas agora, com a sua querida Adozinda, não... mudava o caso de figura. Havia ali complicações de romance, mundanismos e diabolicas tentações que lhe faziam passar pela espinha calafrios de pavida ignorancia. Contra semelhantes desvários era declaradamente inefficaz a reduzida therapeutica do seu latim e dos seus conselhos. Não percebia nada!

E, aqui, uma outra circumstancia o fêz com mais aterrada incertêza considerar ainda aquelle phenomeno alarmante de creança. Pois, mal o confessor, de mãos abençoadamente estendidas para o leito, começou balbuciando a absolvição, Adozinda arremessou-se com violencia, desgrenhada e descomposta, em altos gritos, com a garupa para a frente, n'um soluçar de desespero, apertando os joelhos nos cotovelos, mordendo as mãos. Mais ella gritava, mais o padre Manuel, em pé e muito pallido, afervorava e renhia alto nas suas orações. Veio á porta do quarto, pediu para baixo um raminho de oliveira com agua benta; não deixou entrar ninguem. Depois espargiu demoradamente a victima, e, na intenção de despedir-se, deu-lhe a mão a beijar.

Adozinda tomou-a com uma querença afflicta de naufrago, e balbuciou entre soluços:

— Senhor padre Manuel! tenho a pedir-lhe uma coisa...

— Diga, minha rica menina...

— Não! não! duas coisas... Primeira, não se esquecer de que quanto lhe eu disse constitue segredo de confissão. Eu não duro muito... quero que esta vergonha vá comigo p'r'a cova.

— Morre agora, que idéa!

— Segunda coisa... os meus sapatos! — E os grandes olhos mortaes de Adozinda cravavam-se no timorato velho n'uma anciada supplica.

— Que quer então?...

— Que ninguem os veja, ninguem os ache... Ande, vá lá! Que ninguem, nem por sombras, suspeite que elles eram meus! que fui eu que os deixei ali!

— Diabo! isso agora... E' talvez tarde...

— Padre Manuel, por amor de Deus! poupe a meus paes ao menos esse desgosto, — in-

sistia Adozinda, muito afogueada, de joelhos sobre a cama.

— Está bem, eu lá vou...

E sinceramente acobardado, com a testa fria de suores, o padre Manuel sahiu do quarto de Adozinda, firme no proposito de lhe assegurar por completo, fôsse como fôsse, o illibamento da reputação.

Mal que elle sahiu, saltaram logo á frente, a tomar-lhe o passo, os paes de Adozinda, que se tinham conservado no mirante ao lado. Interrogaram-n'o mudamente com o olhar, e elle, mudamente tambem, encolheu os hombros. Mas Bento de Souza, ao vêr-lhe o semblante ensombrado e a testa apprehensiva e triste, aventurou:

— Então?... Achou-a mal?

— Está muito desassocegada.

— Mas será realmente coisa de perigo?

— Eu não sou medico...

— Demonio!

— E olhe, meu caro Souza, — acudiu com intimativa o padre, batendo no hombro do interlocutor, — agora é que o sr. disse bem... Demonio, demonio, sim... Deus Nosso Senhor me perdôe, mas ali anda maleficio de espirito ruim!

Esta insinuação quebrou-se inefficaz perante o espirito educado e o animo sensato de Bento de Souza. Não já assim com sua mulher, em cuja feminina imaginação tinham fóros de legitima verdade todas as attribuidas façanhas a duendes, lobishomens e mais habitantes do Invisivel, malfazejos cooperadores de Satanaz. Por isso, mal o padre Manuel sahiu, foi-se logo ao oratorio, onde procurou um velho e venerando escapulario, trazido, segundo a tradição, da Terra Santa, e lançou-o ao pescoço da filha. E queria que n'aquella mesma tarde lhe fôsem buscar a Chavães um celebre *endireita*, de inconcussa fama nos casos de affecções demoniacas, para vir *talhar o ar* e expulsar o démo do estremecido corpo da filha. Bento de Souza porém não consentiu. — Que bem grande, bem horrorosa era a suadôr, para que lh'a quizessem ainda aggravar pelo ridiculo!

— Mas que havemos de nós então fazer, valha-me Deus?... — contestava a mulher. — Havemos de deixar p'r'ahi assim a padecer, até mirrar-se de todo, esse anjinho?

— Não, isso não, mulher! mas deixa vêr se primeiro, pelos meios naturaes... Olha, sabes? p'r'a semana tenho que ir ao Porto e consulto lá os medicos.

— Ou traze mesmo um!

— Já se sabe!

E, afastando-se, Bento de Souza monologava, muito vagamente suspeito da origem do mal:

— Mas que diabo daria á rapariga!?

Entretanto, como logo correu boato na aldeia da doença de Adozinda, não faltavam a todo o momento as visitas no patim dos Souzas. D. Bernarda esquivava-se systematicamente a receber as varias familias burguezas, que com os seus lamentos de cumprimento e as suas consolações banaes não fariam senão aziumar-lhe o soffrimento. As filhas do escrivão da fazenda essas então nem por sombras as queria vêr. Mas recebia affavelmente as mulheritas do povo, e com ellas se demorava horas a colher allívios, n'uma affectuosidade complacente. A ingenua piedade d'estas fazia-lhe o effeito d'um balsamo. Com ellas á vontade desabafava, espai-recia. E uma trazia-lhe certa herva medicinal de fama, outra bentinhos, outra rai-zes para fumigações, outra mimos da sua propria dis-pensa. Ajudavam todas á lida da casa, revesavam-se

na assistencia junto da doente; e como esta não melhorava, acocoravam-se-lhe então todas invariavelmente, n'aquellas interminaveis noites de janeiro, pelo corredor fóra, a resar o terço, n'uma piedosa concentração monastica, envenenando o ambiente com um re-lentado cheiro a suor e a estrume.

Com a alma presa por este agudo cuidado, lá se foi Bento de Souza ao Porto, onde tinha que ir receber uma prestação por conta da ultima novidade e tratar outros negocios da casa. E então, cá em Leomil, a credice incorrigivel d'aquelle conciliabulo feminino, que ficára senhor da situação, recobrou logo sobre a docil mãe de Adozinda todo o ascen-dente, e a exorcista guerra ao demonio foi resolvida. Veio o *endireita* de Chavães ganhar doze libras. Quando elle entrou no quarto de Adozinda, esta, ao vêr subito ante si aquella figura grotesca e repellente,— um ho-munculo gibboso, calvo, côxo e quasi anão, de barba cerdosa e aspera como arestas de gelo, — tapou o rosto, prorompeu em gritos de pavôr. E logo elle para as mulheres, com um risinho intelligente:

— Aann!... Vêem?...

Dando como certo que aquelle raivoso paroxysmo não era senão indicio da presença do espirito immundo, sobresaltado já pela sua apparição.

Tomou, não sem custo, o pulso á doente, fitou-a bem nos olhos e palpou-lhe o ventre; decidindo por fim com emphase que a pobre menina *estava possessa*, e que tinha de lhe *talhar o ar* na testa e no peito.



...traçava com a faca grandes cruces no ar...

Veio alfazema, rosmaninho e alecrim em abundancia, fecharam-se as portadas da ja-nella, accendeu-se n'um fogareiro de barro uma grande fogueira aromatica; e então o charlatão saccoou da algibeira uma especie de faca de cosinha, com cabo de chifre de boi, que defumou espaçadamente; passando depois a traçar com ella grandes cruces no ar, sobre a cabeça e o peito de Adozinda, e di-zendo, perante a immobilidade idiota da vi-tima e os olhos de terror das testemunhas

*Bicho, bichão,
Sapo, sapão,
Cobra, cobrão,
Bicho de toda a nação,
Que andas por baixo do chão,
Nossa Senhora da Conceição
Te ponha a sua mão!
Que a d'ella tem virtude e a minha não...
Sejas fresco ou salgado,
Não unas a cabeça co'o rabo.
Assim como eu hoje não comi nem bebi,
Assim tu não medres aqui.
Bicho bravo!
Corto-te a cabeça, parto-te ao meio, secco-te o rabo.
Eu te talharei,
Porco sujo, e livrarei
Esta alma de quebranto!
Por obra e graça do Divino Espirito Santo,
Amen!*

Quando terminou, os destemperados ner-vos de Adozinda, crispados de impaciencia, fizéram-n'a romper em nova explosão de

gritos furiosos, acompanhados de hystericas convulsões que faziam ranger a cama. E estupidamente o impostor :

— Anda ahi, cão! larga, que não tens outro remedio !

E sahia do quarto, n'uma attitude triumphante.— Que aquillo era certo. Entretanto, se d'ahi a sete dias a menina não estivesse melhor, que tornásem a mandal-o chamar. Findo o que, lançou as libras em um saquito de malha de lã, que tornou a guardar entre a camisa e a pelle, embrulhou-se na manta, saltou para cima da mula, e deixou o patim a chouto, através da chuva formidavel que cahia.

Comtudo os sete dias passaram, e sobre elles outros sete, e, longe de melhorar, a pobre Adozinda sempre definhando... — O mal estava muito agarrado, na opinião d'uma visinha. Era precisa segunda esconjura.— Mas o peor é que agora não havia meio de a fazer. Bento de Souza regressára, com um medico de fama, que se limitou a receitar banhos de chuva e fricções de mostarda pela espinha. De sorte que não havia possibilidade de tornar a mandar vir o homem de Chavães. Para mais, cahira um grande nevão, que tornára os caminhos intransitaveis; e o pobre Souza, consumido de magua, quasi não arredava pé de junto da filha.

Nos primeiros dias, o doutor David mandára invariavelmente saber da saude de Adozinda; mas fallecêra-lhe a coragem para se apresentar pessoalmente; receiava trahir-se, ir pelo seu modo, pelo seu gesto perturbado, por alguma phrase do intimo mais irreprimivelmente arrancada, comprometter a situação e desvendar factos que continuavam sendo para toda a gente, menos para elle, o padre Manuel e as duas meninas, um indecifrel segredo. E assim então, naturalmente, este proceder do delegado, perante o animo suspeito e a alma extremosa de Bento de Souza, foi assumindo proporções cada vêz mais significativas. Elle não apparecia porque se sentia talvez culpado... Mas de quê...? Sem attingir, nem muito de longe, qual fôsse a verdadeira causa da penosa desordem physica e moral da filha, assentou no entanto de si para si o bondoso velho em que o doutor era perante ella réu de algum peca-dilho grave... o real causador de toda aquella afflicção e tristeza.— E odiou-o cordealmente.

Quem procurou o doutor David, logo no segundo dia depois da scena violenta do caramanchão, foi o padre Manuel. Disse-lhe que sabia tudo, expôz-lhe cruamente a situação; e depois de lhe exprobrar, com a sua auctoridade de «pastor de almas», aquella ligeireza e imprevidencia no galanteio, disse-

lhe que n'uma coisa haviam de ir trabalhar immediatamente e em commum os dois: salvar por completo da aventura a reputação de Adozinda!

— Pois que duvida tem! — disse com segurança o delegado.— E que receio pôde haver?... Só se algum de nós fallar...

— Engana-se... Ha um indicio!

— Não sei o quê?...

— Um indicio compromettedor, terrivel!

— Não sei, palavra de honra!

— A filhita do Souza, para não ser presentida, sahio descalça de casa... descalça sahio do caramanchão... No precipitado atabalhoamento da partida, os sapatos ficaram-lhe lá!...

— Oh, co'os diabos!

— Se alguém já deu com elles...

— E é o mais provavel!

— Se os reconhecem como sendo d'ella, é uma desgraça! A pequena morre de vergonha... fica deshonrada sem recurso e sem motivo.

— Sim, sem motivo, juro-lhe! — exclamou David, de mão no peito, sinceramente embaraçado. E passeiando nervoso pelo aposento: — Mas que diabo hade a gente então fazer?...

— Primeiro do que tudo, o amigo correr já, já, a casa do capitão e vêr se apanha este vestigio esmagador d'aquella loucura... conseguir saber o que se terá passado, apurar... se ainda é tempo.

— Pobre pequena!

E ao impulso d'esta sincera exclamação de piedade, o David partiu immediatamente.

Por felicidade a Sobredinha ainda de nada sabia. Porém o caseiro da horta ao lado, que accumulava essa qualidade com a função de jardineiro eventual do capitão, logo na manhã seguinte á scena déra com aquelle par de minusculos sapatos, cahidos á orla do caramanchão. Sorriu manhosamente, e, como sabia do namoro da Sobredinha e da cabeça de vento que ella era, no seu intimo calculou logo que os sapatos lhe pertenciam. Motivo pelo qual, sem nada dizer a ninguem, nem mesmo ao façanhudo militar, — que o matava com certeza, — guardou-os e calou-se muito bem calado, até vêr...

Com o delegado é que se não pode ter que não se abrisse um bocadinho. E então, quando o viu apparecer no quintal, cortejou-o, tosicou, e com uma inflexão muito especial:

— Muitos parabens, senhor doutor...

— Parabens porquê?...

— E olhe que ella não se constipou...

— Tu estás doido!? — exclamou David, empallidecendo.

Mas logo o manhoso labroste, com olhos espertos :

— Saiba vossa excellencia que eu ainda não disse nada a ninguem . . . Tenho-os em casa muito bem guardados !

— Mas de quem imaginas tu que são ?

— Ora, de quem *handem* ser ? . . . — Apon-tava para dentro da casa e batia, com a mão direita espalmada, junto ao punho da manga esquerda da camisa, como indicando um canhão de militar.

David teve nos olhos um relampago de alegria.

— Hasde-me dar esses sapatos !

— Ai, á vontade, sr. doutor, quando quizer ! — acquiesceu o jardineiro, curvando-se todo.

— Para recordação hein ? . . . Quanto não valem ! . . .

— Não é da tua conta !

— Olhe que eu ainda não disse nada a ninguem.

— Bem me importa a mim que digas !

Attribuiu o rustico a um censuravel cynismo esta declaração arrogante do doutor. Liberto porê, graças a ella, de responsabilidades, já essa noite na taberna da rua Direita contou o caso; d'ali a anecdotica picante alastrou n'um relance, naturalmente engrandecida; de sorte que, dentro em poucos dias, a reputação da filha do Sobrêda andava em Leomil chocalhada n'um tal rumor de escandalo, que o administrador julgou acertado pedir confidencialmente para Vizeu a immediata transferencia do capitão d'ali.

Teve a Adozinda uma alegria doida, e todo o dia cantou, levantou-se, e chegou a descer á sala de jantar, na manhã em que o padre Manoel, doido tambem de contente, lhe deu os sapatos que levára cuidadosamente disfarçados sôb a batina. Era o ultimo traço de esponja passado sobre a imprevidencia do seu erro. . . Moralmente ao menos, estava salva ! Já não lhe importava morrer.

Bento de Souza, ao vêr a sua querida filha aquecida por aquelle clarão promissor de vida, julgou azado o momento para lhe expôr um alvitre, no seu entender salutar, e que na mais candida intenção elle andava ruminando havia muito, — o qual era trazer junto d'ella o delegado. E fallou no doutor David á filha. Mas como o effeito saiu bem differente do que elle imaginára ! Adozinda, com os olhos crêspos de ameaça, afogueada e tremente, disse «que nunca mais queria vêr esse homem, pediu que não lhe fallassem n'elle, nem em nada que com elle tivésse relação, nunca, por modo nenhum !»

Fallarem-lhe n'elle p'ra quê ? quando ella o trazia inalteravelmente sempre no cuidado !

Seria requinte de crueldade recordarem-lhe esse ente, apesar de tudo, querido, cuja imagem avasalladora se lhe installára absoluta na alma, pervertendo-lhe a imaginação e alimentada á custa da sua propria essencia . . . O seu coração reclamava-o, repellia-o o seu orgulho. E esta absorvente concentração do seu querer, do seu sentir n'um homem vivendo longe, esta allucinada e vehemente pertinacia n'um sonho cuja realisação, tambem pelo seu querer, se não effectuaria nunca, mergulhavam-n'a n'uma melancolia irreductivel, consumiam-lhe rapidamente, n'um galopante dispendio interior, o organismo calido e melindroso.

Assim, o seu aspecto physico deperecia de dia para dia, a olhos vistos, a ruina, a consumpção d'aquella existencia de imaginação e de febre seguia n'uma velocidade pavorosa. Para mais, Adozinda, na doentia suggestão das suas ideas romanticas, recusava-se obstinadamente ao tratamento medico, não tinha regularidade nem continuidade nos remedios, porque pensava afincadamente em morrer . . . Nem a renovação vital da primavera lhe trouxe alentos novos. Se conseguiam leval-a então, sobre as tardes, de passeio a *Alamêda*, ainda ahi, á grande luz do exterior, a sua derrancada pallidez, a sua magreza, as suas olheiras rôxas, as suas manitas de cêra, mais dolorosamente contrastavam com o verde garrulo das arvores, com o voluptuoso aroma das flôres, com o jubileu cantante das aves, com a tonalidade forte e jucunda do céu.

Que a pobre menina estava *hectica* era já opinião corrente na aldeia. Ali, só um milagre . . . E para toda a casta de milagres e promessas começou a appellar a familia, o proprio pae, supersticioso a poder de tristeza e dôr.

Alguem lembrou levarem-n'a, no proximo agosto, á Senhora da Lapa. Tinham-se visto ali, por occasião da festa, curas tão admiraveis ! . . . Era longe, quinze leguas, e a menina estava tão fraquinha ! Mas o sr. commendador Guedes emprestava a liteira. Se haviam de fazer a viagem em dois dias, espaçavam-n'a por quatro ou cinco. — Valia a pena.

E assim se fêz.

No dia 14 de agosto, de manhã, chegava a pequena caravana ao alto da serra da Lapa, perto a Trancoso, em volta da qual, por toda a extensão d'aquelles baldios sem termo, se recortava o verde tenro dos fetos, sorriam as inflorescencias amarellas das giestas, rastejava da urze a renda delicada, e alisavam-se alcatifas colossaes de panasco, do qual a fina côr vermelho-arrôxada toma com as dobras do terreno os cambiantes do velludo, os maicios contrastes do setim.

Aquella hora no vasto adro é já grande o movimento. Acabam de armar-se á pressa as ultimas barracas, com o pinho verde a espreitar por entre as suturas da linhagem, e grossas vigas orradas de losangos ornamentaes de fita vermelha. Dentro, os proprietarios dispõem assaralhoados em vistosas pilhas os seus artigos de negocio: fazendas de lã e algodão, pannos crus, lenços, chitas, camiras. Os quinquilheiros penduram toda a sorte de tentações á beira das barracas. Nas montras dos ourives os grilhões e arrecadas prendem no seu magnetismo aurifulgente os olhos das serranas. E já os carros ambulantes circulam, com imagens, folhetos, *registos* e florinhas de papel. As vendedeiras de cavaças e pão de ló amesendram-se ás esquinas; marmitões passam derreados com as rolêtas; e ao fundo, junto á capella, ergue-se a tenda formidavel do *gigante*.

Depois, durante todo o dia, na scentelhação mordente do sol, ranchadas prasenteiras de romeiros iam chegando. E' esta a romaria mais popular em toda a Beira, depois da dos Remedios. Ahí vinham as grossas mulheres da Mêda, de Penedono e da Pesqueira, vestidas todas de burel, tamancos ou sapatos brancos de vitella, na camisa um cabeção derrubado, em fôlho, chapéu de abas enormes, um grande varapau; creadas de servir de Vizeu e de Lamêgo, viciosas, alvoroçadas, rubras, com saia e jaquetinha de folhos, lenço de sêda, chale no braço, sombrinha e cordão de ouro; abastados lavradores do Douro, muito adiposos, sem bigode, a barba curta enquadrando-lhes as maxillas, montados grotescamente em egoas esfomeadas; as grandes damas de Moimenta e Sattam, ostentando empafiantemente, com uma vaidade comica, vestidos de sêda cortados pelos figurinos de ha vinte annos; espigados morgaditos de provincia, com pessimos jaquetões aberrativos, governando cavallos manhosos, cstragados a poder de ignorancia; e contrabandistas, pastores, facinoras, ladrões, fidalgos, batoteiros, todos precipitando-se dos caminhos, premindo-se no adro, acotovellando-se ante as barracas, escalando as hospedarias, rompendo pela igreja; todos comendo, bebendo, vozeando, urrando, brilhando, sôb a crua incidencia do sol alto, por entre o zumbir estridulo dos insectos, as picadas dos pêtos, — as cega-regas do bosque, — lacerando ruidosamente a casca dos pinheiros, ou a toada barbara dos descantes e as supplicas plangentes dos aleijões enfiados em linha repulsiva ao longo dos caminhos.

No fundo, a capellinha, — muito solida e caiada, o portal verde escancarado, as duas grandes columnas torcidas, de granito, e a

cornija que ellas supportam, caprichosamente vestidas de ripas com tijelinas polychromas de papel, — tinha o aspecto alegre e presumçoso de quem sabia ser por ella feito todo aquelle ruidoso bulicio inacostumado. Junto á porta, a multidão comprava afadigada a um *irmão* medalhinhas de folha envidraçadas, com laço e a gravura da Santa em miniatura, e pregavam-n'as logo nas jaquetas, no peito, nos chapéus. E afastavam-se de respeito, a fazer logar aos padres que chegavam, em tristes garranos de aluguer, enquanto uma fiada humilde de penitentes se arrastava de joelhos para o altar-mór.

Este altar-mór, ou sanctuario, é constituido principalmente por uma enorme penha ou lapa de granito, em cuja concavidade fôra achada, segundo a tradição, por uma rapariga muda, em 1498, a imagem da Senhora. Essa famosa imagem pertencêra a um convento de freiras *bentas*, muito anterior ao começo da monarchia, sito junto ao logar do Sismeiro, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora do Mosteiro. Em 985, o mouro Almansor apoderou-se do convento, mandando applicar o martyrio a grande parte das monjas, levando captivas as restantes. Por essa occasião desaparecêra milagrosamente da igreja do mosteiro a imagem, que em meio d'aquellas lapas, e passados mais de cinco seculos, a tal pastora muda veio depois a achar.

Passado por grande milagre o caso, fêz-se-lhe immediatamente no mesmo sitio uma capella, com a Senhora alojada na lapa de granito, em compartimento envidraçado. No seculo XVII foi reedificada, addicionando-se-lhe então a poente um grande convento ou *collegio*, que foi dado aos jesuitas, e ainda hoje opprime com a sua negra mole sinistra a modesta capellinha.

No seu interior, n'aquelle fausto dia todo lumes e incenso, a multidão premia-se em torno do sanctuario, cada um esperando vêz para passar entre as duas lapas, larga concavidade que dá logar á vontade, ainda ao homem mais encorpado. Attribuiam-se ao facto d'aquella simples passagem as mais milagrosas virtudes; maleitas e mau ar passados de repente, curas de rheumatismo e gotta, de mordeduras de vibora, tentações do demónio, flatos, chagas malignas e partos felizes. Ao lado, enquanto esperavam, muitos não se fartavam de admirar, pela florída ladeira d'um lindo presepio, a estonteadora profusão das figurinhas de barro: cohortes guerreiras, summos sacerdotes, pastores, lavadeiras lavando n'uma torrente, pares bucolicos sôb as arvores, anjos, demonios, virgens, creanças, judeus.

Mas bem mais ingenuos e anachronicos assumptos havia ali para admirar, para vêr. Exemplo: n'um pequeno altar, á esquerda, agonisa em leito envernizado, á moderna, um burguez S. José, vestindo camisa de dormir cortada por qualquer dos ultimos padrões da rua Augusta, emquanto, no primeiro plano, um anjo avança muito grave pelo seu pé, trazendo-lhe uma tijelinha de caldo. E no altar defronte, ha um menino Jesus vestido galhardamente á Luiz xv, com sua fita de sêda côr de rosa a tiracollo, á laia de grã-cruz.

Por traz do altar-mór, na *casa dos milagres*, uma serrana explica á filha, pregada de susto, o milagre do sardão.

— Aconteceu, filha, c'uma mulher... Ella ia com uma teia fiada, de Santa Eufemia para Quintella, e o sardão sahiu-lhe ao caminho. A pobresinha, cheia de medo, foi-lhe atirando primeiro os novellos; mas o bicho comia-os e perseguia-a sempre. Ella então, n'uma afflicção, *chamou-se* á Senhora... e vae o sardão ficou logo morto ali! Era este, vês?

E mostrava á filha um saurio enorme, de papelão, pendente do tecto por arames.

Depois, em frente das penhas:

— Repara, filha: aquillo ali é outro milagre. N'aquella santa lapa curam-se todas as

doenças. Olha, *considra* bem... uma pessôa magra passa, mas custa-lhe; vae uma gôrda, *indes* que seja uma mulher occupada, e passa na mesma, e tem a sua hora sem dôres!

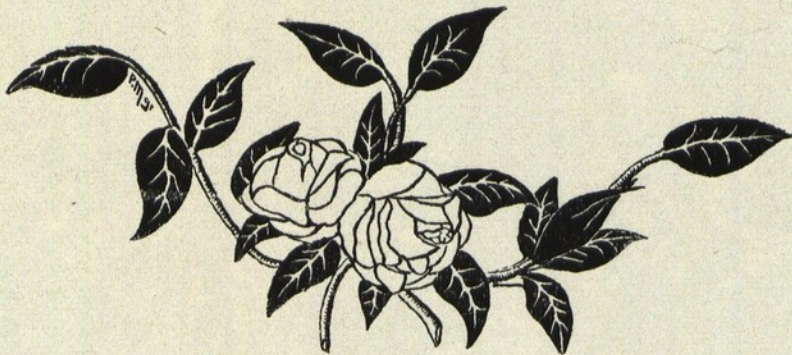
E a rapariguita abria para a concavidade uns grandes olhos espantados, seguindo machinalmente a fila interminavel dos que, supersticiosos e compenetrados, iam de manso deslisando por entre os dois penedos.

Lá apontava agora tambem á porta da capellinha a pequena Adozinda, de Leomil, completamente exhausta, com os olhos de cinza e a face fundo cavada, suspensa dos hombros do pae e do padre Manuel. A multidão olhava-a n'um confrangido respeito, — apontavam aos olhos das mulheres lagrimas enternecidas. Alguns, vendo tão pathognomónico avanço de ruina, abanavam a cabeça n'um desanimo incredulo.

E a pobre menina, passiva e resignadamente, pendendo a cabeça como um lírio, ia avançando ao santuario, ao tempo em que um grosso borborinho estrugia lá fóra, no terreiro. — Era a briosa musica de Tarouca que chegava, com velhas barretinas de cavallaria, — comida de pó, suada, vermelha, offegante, — soprando desesperadamente nos seus instrumentos de metal amolachados.

(Continúa)

ABEL BOTELHO.





QUADRO DE M. SCHMIED

«Du bist wie eine blume» (Tu és como uma flor) — Heine.

PULVERISANDO MONTANHAS

As civilizações novas de além-mar, os Estados Unidos do Norte principalmente, assombram a velha Europa com a resolução exstranha, por vezes paradoxal, quasi sempre monstruosa na grandeza, dos problemas economicos e sociaes. Incluem-se n'este numero os gigantescos TRUSTS do capitalismo americano, esses syndicatos monopolisadores de grandes industrias que não raro se consubstanciam n'uma personalidade — Rockefeller, o rei do petroleo; Carnegie, o rei do aço.

A organização d'estes monopolios, facilitada pelos artificios da legislação, apaixona quasi sempre a politica partidaria, e recentemente abalou em vigoroso estremecimento, como pavoroso terramoto, o proprio terreno financeiro onde elles germinam e florescem.

Todavia, ao invéz do que se passa aqui, onde a palavra monopolio desperta logo a idea associada de exploração abusiva e oppressora, lá os beneficios que prodigalisam ao consumidor e ao trabalho, attrahem-lhes tambem applausos e até lhes alcançam defesas do socialismo. Cita-se, por exemplo, a descida do preço do gallão de petroleo de 24 a 6 centimos de dollar desde 1871, com a formação do TRUST Rockefeller, de quem o consumidor não se queixa.

Estas empresas collossaes fórnam-se muitas vezes pela concentração das grandes industrias, e para ellas a intelligencia e a especulação inventivas entram com o maior quinhão. No artigo que segue descreve-se uma phase d'essa evolução economica na produção da mais importante materia prima da moderna actividade industrial — o ferro.

HA cerca de vinte annos, o encontro occasional d'um pequeno montão de areia preta na costa do mar accordou no espirito de Thomas A. Edison a idéa de um novo invento. A negrura da areia feriu-lhe a attenção por ser pouco vulgar; apanhou uma amostra e levou-a para a analysar no seu laboratorio. E quando Edison fixa bem um assumpto, ha toda a probabilidade de que mais cedo ou mais tarde o mundo recolha o beneficio de qualquer progresso notavel e pratico. D'este caso determinado, derivou a revolução n'uma das mais velhas industrias, e a descoberta do que ha de ser, segundo se affirma, uma das maiores empresas industriaes modernas.

A côr preta da areia era devida á presença de ferro nativo. Assim ficou provado, retirando particulas de ferro das particulas d'areia sob a influencia do seu electro-iman. Occorreu logo a Edison a idéa de trabalhar com a camada d'areia preta que descobrira na costa do mar, — na costa de Long Island — e separar o metal bruto da areia por meio de poderosos electro-magnetes. Sem demora inventou e fez contruir para a separação do minerio uma machina magnetica, a qual foi confiada a um empreiteiro.

Tudo poderia ter corrido rapidamente, se não se tivesse levantado uma borrasca bem inopportuna que não só destruiu a installação do empreiteiro, como tambem dispersou todo o pequeno deposito d'areia preta.

Aqui, um tanto dramaticamente, finalisou o primeiro capitulo das experiencias de Edison sobre minerios de ferro. Abre o seguinte annos depois, quando Edison resolvera já com exito os problemas da luz incandescente e do phonographo. Depois, outra vez convergiu toda a sua energia no estudo da metallurgia do ferro. Edison tinha, desde muito, uma theoria definida com respeito ao commercio d'este metal. Sustentava, que mais economico seria extrahir em grandes quantidades das minas o minerio de ferro de baixo teôr, quando fosse facil obtel-o em abundancia, do que



THOMAS EDISON

extrahir pequenas quantidades de minerio de alto teôr. O commercio do aço nos Estados Unidos tinha-se deslocado, desde alguns annos, de este para o oeste, devido á descoberta de minerios de alto teôr nos districtos de Western. Edison resolveu procurar depositos de minerios inferiores no Este, em New Jersey, New York, ou em Eastern Pennsylvania, os quaes, embora improprios para serem empregados immedia-

tamente nos altos fornos no seu estado natural, podessem ser trabalhados e separados pela acção magnetica. Sendo assim, o commercio de ferro do Este, poderia evitar a sua decadencia e readquirir ou exceder a sua antiga importancia.

Por aquelle tempo determinou-se uma intensa procura de jazigos de minerios de ferro de teor inferior, o que os fizera considerar economicamente sem valor e portanto abandonados pela especulação mineira.

Edison ideou umas agulhas magneticas descobridoras, que entrassem na terra, estando suspensas sobre um suporte de ferro, e em seguida mandou dispersar em pesquisas um exercito de homens, munidos das agulhas descobridoras, que percorressem e profundas sem todos os terrenos entre Lower Canada e as Great Smobry Mountains, de Carolina do norte. Fez-se um cuidadoso inventario dos depositos de ferro magnetico descobertos, calculou-se-lhes as existencias, avaliou-se-lhes os teões e ajuzou-se das centenas de toneladas que teriam de ser trabalhadas diariamente.

Ousados e confiantes, Edison e os seus associados compraram os direitos das minas n'um circulo de 3.000 acres de terra em New Jersey.

Edison calculou que possuia bastante ferro para fornecer os Estados Unidos durante setenta annos, descontando a exportação.

Todavia, muito havia ainda por fazer; primeiramente teria de inventar um novo methodo de extrahir os minerios das minas, e de os esmagar. Apenas os seus separadores magneticos estavam prompts para o trabalho, quando a pulverisação das montanhas esca-

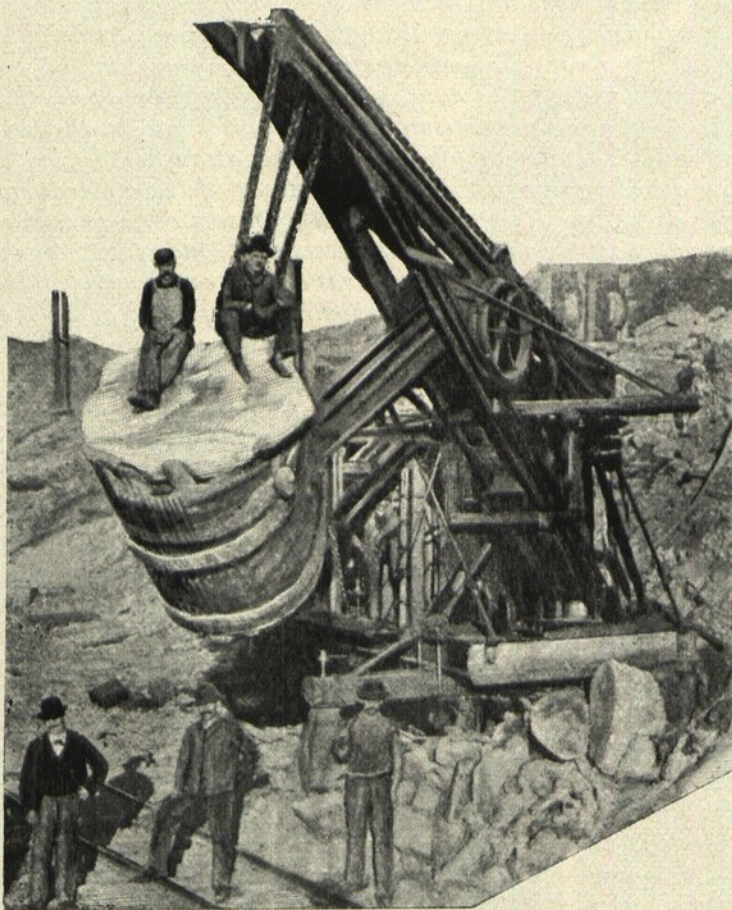
vadas fosse um facto; depois tinha de inventar ainda qualquer novo methodo de converter aquelle pó de ferro em *briquettes*, ladrilhos ou bolas semelhantes ás de carvão, apropriados á fusão nos altos fornos. Edison resolveu dedicar a vida inteira, se fosse necessario, todo o seu dinheiro, e toda a sua intelligencia á realisacão d'esta empreza collossal. A *loucura de Edison* tornou-se assumpto de zombaria entre os engenheiros praticos na metallurgia do ferro.

Mas a loucura de Edison breve assumiu um aspecto pratico, e nas montanhas de New Jersey, perto do Lago Hopatcong, começou de surgir uma cidade que depois tomou o nome do seu fundador. Um caminho de ferro ligou o centro dos trabalhos a um vasto mercado de ferro, apenas a 100 milhas de distancia. A rocha encontrada, como ganga do minerio, podia ser esmagada com tanta facilidade, que Edison dizia que tinha sido posta ali especialmente para tal fim.

De resto, as outras minas de melhor qua-

lidade estavam distante de milhares de milhas: Lago Superior estava a 1.200 milhas; Cuba a 1.600; Hespanha, a 3.800; e Africa a 4.300.

Para comprehender nitidamente o alcance economico do novo methodo de mineração imaginado por Edison, convem recordar quanto influe no preço de exploração possivel o custo do transporte a longas distancias d'um minerio em que seja minima a proporção de ferro disseminado. Sabe-se que este metal, de tão numerosas applicações, existe abundante no mundo, mas em combinação, d'onde é necessario extrahir-o, transformando os oxydos e os



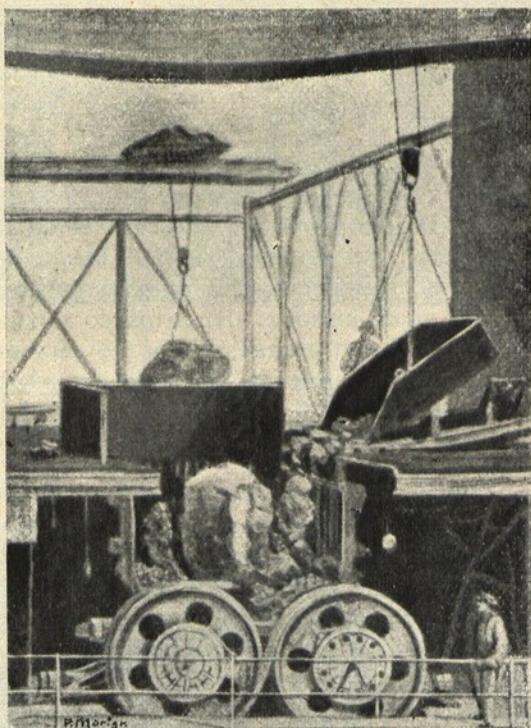
Um dos grandes escovadores a vapor, arrancando quatro a cinco toneladas de rocha por minuto

carbonatos de ferro naturais em ferro metálico. Sabe-se também que esta transformação se opera por meio de fusão e combustão simultâneas com o carvão, segundo diversos métodos metallurgicos, forno catalão ou altos fornos, sendo igualmente indispensável isolá-lo da *ganga* que o acompanha e da qual o não desembaraçam as preparações preliminares mecânicas de escolha, britagem e lavagem, effectuadas junto das minas, por meio do emprego conjuncto com o carvão de fundentes apropriados, o carbonato de cal ou a argilla. Sabe-se ainda que são numerosos, constituem montanhas os depósitos de minérios de ferro em que este existe disseminado em percentagem mínima. Ora descoberto o processo de separação magnética, quando o minério se pulverisasse, e conseguida a redução a este estado por meios mecânicos economicos, transformaram-se todos os minérios inferiores em superior qualidade, diminuía-se-lhes o volume a transportar, e facilitava-se-lhes a fusão subsequente.

Edison, o lugar, onde o próprio Edison realçou a maravilha dos seus novos processos metallurgicos, está situado nas montanhas de Musconetcong; e nem a todos é permitido entrada franca para examinar as instalações. A alma do negocio ainda é o segredo. A atmosfera que cerca os trabalhos, os operarios, os objectos estão sempre brancos, cobertos da fina e suffocante poeira ariente, que foi separada do ferro. Tem de se usar um «açaim» imaginado por Edison para preservar da poeira os pulmões; um pequeno açaim que se põe em cima do nariz e da boca sahindo da cara em forma de bico ou focinheira. Casas de diversissimos feitios, construidas sem attender a regras de architectura, estão ligadas entre si por longos «conductores»; trez ou quatro linhas de caminho de ferro de via estreita correm em volta do estabelecimento e entre os edificios; no alto, em emmaralhada rede os grossos cabos telo-dinamicos trazem, onde é necessario, a energia electrica; ouve-se o estrondo ensurdecador das machinas; a distancia, gigantescos guindastes elevam as suas cabeças altivas de cyclopes modernos e sente-se o estremecimento das montanhas dilaceradas pelos monstros escavadores.

Seguindo a linha dos rails, vae-se parar ao sitio onde trabalham os escavadores ou pás de ferro a vapor, semelhantes a animaes monstros; como porcos foçando e grunhindo, em busca de raizes entranham os focinhos na encosta, as pás de ferro escavam e enchem-se de minério. Cada uma d'estas gigantescas pás de ferro a vapor peza mais de 100 toneladas, e uma só cava do filão quatro ou cinco toneladas n'um minuto. Cada machina, que pôde ser

dirigida por meia duzia de homens, substitue o trabalho de duzentos operarios. Como capacidade productora do estabelecimento é para esmagar e concentrar 4.000 toneladas de



Cylindros esmagadores. pulverizando seis a sete toneladas de minério em alguns segundos

metal em vinte e quatro horas, as pás de ferro a vapor podem trabalhar facil e lentamente.

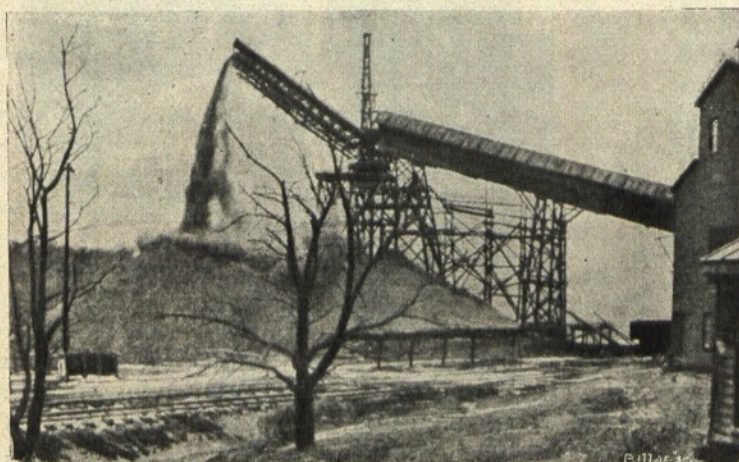
Em algumas outras minas da mesma qualidade, o minério tem de ser quebrado pela dynamite em pedaços do peso de 50 kilos, antes de ser transportado ás machinas esmagadoras. Aqui gigantescos guindastes electricos levantam o minério acima da boca da formidavel machina, onde se sovertem, como em guella de faminto monstro, as pedras que vão ser pulverisadas. Este machinismo consiste principalmente de dois cylindros, medindo mais de 6 pés de diametro, guarnecidos de grandes dentes de ferro, girando por meio de uma poderosa machina com a velocidade approximada de um minuto por milha na superficie exterior, e entre os quaes o minério se vae quebrando e esmagando.

Os minérios são deitados na boca dos esmagadores de uma altura de 10 pés, e são muitas vezes quebrados pelo simples embate da queda contra os cylindros.

Os fragmentos do minério passam immediatamente dos enormes cylindros para uma segunda bateria de cylindros onde 300 toneladas são reduzidas n'uma hora a pedaços não maiores do que um punho fechado; e depois para

um terceiro grupo de esmagadores, onde são novamente britados no tamanho de cascalho; e finalmente reduzidos a pó enxuto, o qual é conduzido por meio de transportadores em forma de correia sem fim para a officina de separação, á parte superior da construcção. D'ali o minerio pulverisado é espalhado sobre a superficie d'uns 500 magnetes dispostos em series collocadas umas abaixo das outras. As particulas d'areia cahem dentro d'uma calha, enquanto que as particulas de ferro são apartadas pelos magnetes e passam para uma outra calha. Nenhum ferro fica na areia, como nenhuma areia fica no ferro, o qual é levado por processos mechanicos para outro deposito — um dos mais curiosos depositos do mundo, — onde se veem grandes pilhas de centenas de toneladas de mineral de ferro em pó tão fino como farinha.

A areia salta da casa dos magnetes em cataracta, brilhante como oiro sob a luz do sol, e



A areia salta em cataracta da casa dos magnetes

amontoa-se em grandes collinas. E' magnifica areia, fina e crystalina, de muito valor para diversas industrias, e especialmente para composição de excellentes cimentos.

Emquanto a fina areia vae correndo da casa dos magnetes, o ferro em pó está soffrendo um novo tratamento que o torna utilisavel na fusão dos altos fornos. Esta transformação do ferro em pó em solidos *briquetes* foi um dos mais difficeis problemas que teve de resolver a inventiva inexgotavel de Edison. Era necessario que os *briquetes* fossem bastante porosos para se deixar penetrar pelos gazes dos fornos, mas ao mesmo tempo era preciso que não fossem tão porosos que deixassem absorver humidade ou agua, pois tinham de ser transportados em carros descobertos.

Edison fez numerosas experiencias até que se fixou n'uma mistura resinosa especial. O pó de ferro assim agglomerado é conduzido para uma machina que produz sessenta *briquetes* por minuto da massa viscosa com que é alimentada.

Em Edison, diariamente, 4.000 toneladas de minerio de ferro podem ser convertidas em ferro puro em fórmula de *briquetes*—4.000 toneladas de rocha sem valor podem transformar-se em 1.500 toneladas do mais util metal. Nas montanhas de New Jersey, Edison tem escavado fabulosos thesouros.

Podem comprehender-se e imaginar se as enormes difficuldades com que teve de lutar o inventor para levar a cabo tão completa revolução nos processos metallurgicos d'esta velha industria. E quando os maiores problemas estavam resolvidos, innumeraveis difficuldades menores se levantavam que tinham de ser tratadas cuidadosamente, levando mezes de experiencias quantas vezes infructiferas. Edison, o inventor, é a alma e vida de Edison, o logar. O seu magnetismo pessoal attrahe os homens, como os seus electro-magnetes attrahem as particulas de ferro. Elle impulsiona os homens e as machinas. Se não se sentisse a extraordinaria individualidade do homem, nada haveria na pessoa de Edison, na sua apparencia exterior, modestamente vestido com o seu fato do trabalho e largo chapéo de palha, que o distinguisse de outro qualquer operario do seu estabelecimento mineiro.

Durante os ultimos dez annos Edison tem-se entregado afincadamente á resolução dos problemas da metallurgia do ferro que empreendeu. O trabalho tem para elle uma estranha fascinação. Por horas inteiras senta-se silencioso contemplando uma ou outra peça do machinismo que inventou; e d'estas meditações resulta quasi sempre algum novo aperfeiçoamento ou nas peças da machina ou nos processos empregados.

São notaveis já os effeitos produzidos no commercio do ferro pelo aproveitamento que Edison conseguiu dos minerios pobres; e preveem-se os subsequentes resultados quando os processos de mineração Edison forem applicados em outras regiões, onde jazigos incommensuraveis de minerio de ferro esperam, ha seculos, a sua utilização industrial e economica.





A FEIRA DE EVORA

COM o volver dos tempos as feiras vão perdendo a sua antiga importancia economica. E' natural a evolução. Nos organismos sociaes como nos vivos, os órgãos soffrem as modificações correlativas á intensidade do seu exercicio, desenvolvendo-se ou atrophando-se consoante o predominio da funcção que desempenham; outras vezes por adaptações successivas aos meios novos de existencia, de sua natureza tambem variaveis, os órgãos transformam-se tão profundamente que na apparencia se torna difficil estabelecer-lhes a derivação. As feiras obedeceram ás leis geraes. A mais simples observação descobre a verdade banal do conceito. Em passadas épocas, quando a carencia ou a difficuldade de communicações e de transportes interrompia a circulação necessaria dos productos agricolas e industriaes, onerava de despesas e de riscos a deslocação, quando a intensidade do movimento commercial não attingia a acceleração febril que hoje o domina, quando a especulação intelligente e productiva não accendia disputas de concorrência tão calorosas como as que actualmente aquecem a vida economica universal, nem se feriam batalhas de tão numerosos combatentes a disputar primazias ou preponderancias decisivas na conquista das riquezas, como as que a cada momento agoram abalam o mundo dos negocios; era evidente que as feiras repre-

sentavam uma acção muito importante na economia, eram órgãos de principalissimas funcções. Claro está tambem que a meio tão diverso do antigo, a novas condições e circumstancias, as feiras transformaram-se radicalmente, multiplicaram-se, generalisaram-se nos mercados especiaes, de periodicas que eram tornaram-se permanentes. E, curioso aspecto de regressão atavica, tendo principiado por serem festas, adquirindo depois conjunctamente as funcções utilitarias de mercados, vão hoje outra vez restringindo-se á sua primitiva feição espectacular, á medida que perdem a importancia commercial. Junto dos grandes centros de população a mudança é completa, embora as feiras vão luctando sempre pela vida, buscando alento na tradição, que nos mecanismos sociaes representa



o beneficio de volante, vencedor dos pontos mortos e regularizador do movimento. Basta recordar para confirmação do asserto as diversas phases por que foram passando n'estes

ultimos vinte ou trinta annos as memoraveis feiras de Belem ou do Campo Grande em S. João é ainda



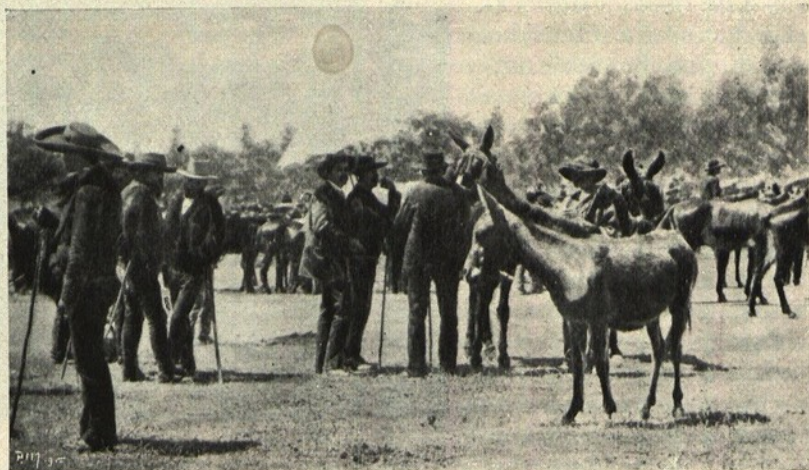
Entre as feiras actuaes, a de Evora pelo S. João é ainda uma das mais importantes do paiz, não obstante a diversão casual e festiva substituir já em grande parte a actividade de transacções que outr'ora n'ella se realisavam. Feira de lãs, reguladora de preços para a estação; feira de gado e de artigos de lavoura; enorme mercado de utensilios domesticos e de fornecimentos caseiros; exhibição característica, pittoresca de costumes alemtejanos, de aspectos de vida provincial, tão forte-

mente accentuada no nosso paiz, e tão desastradamente compreendida pela centralisação administrativa, absorvente, nivelladora, geometrica na disposição, nos preceitos e nos processos.

volta de Lisboa. E ainda, esta regressão tão característica é que mesmo na historia das exposições internacionaes ou universaes, desde a primeira de Londres á mais recente de Paris, essas grandes feiras da industria e do commercio modernos, se reconhece o caminhar apressado para a festa espectacular e deslumbradora que a critica economica aprecia severamente; porque na verdade, em obediencia ás leis geraes da vida, as exposições tambem se diluiram, se parcellaram, se subdividiram e se tornaram permanentes no mercado universal.

Todavia como preenchem funcções indispensaveis, as feiras subsistem onde ainda as necessidades commerciaes e o maior ou menor desenvolvimento do meio economico exigem o exercicio d'aquelles orgãos. No nosso paiz ainda ha annualmente feiras d'uma importancia consideravel, embora attenuada em comparação com periodos anteriores. Andam quasi sempre ligadas ás commemorações religiosas que constituiam em antigos tempos o calendario do povo, mnemonica tradicional de facil uso; realisam-se por isso, conforme as localidades e segundo os objectos especiaes a que se dedicam, pelas festas do Espirito Santo, pelo S. João, pelo S. Matheus, ou pelo S. Miguel, em elucidativa correlação dos trabalhos da lavoura com as épocas do anno, em enumeração chronologica ou em comprehensivo registo de contratos e de

ventos gelados no inverno, constante confirmação da sciencia pelo uso, das theorias da



ventos gelados no inverno, constante confirmação da sciencia pelo uso, das theorias da

reflexão e da emissão do calor segundo as cores pela experiencia dos seculos, o carro serve de casa, de leito, de hospedaria volante nas longas jornadas atravez das extensas charnecas da provincia. Mais alem agrupam-se os animaes para venda, as muares e os burros, os bois e os cavallos, das raças proprias da região ou mescladas das importadas de Hespanha. Aqui lavradores entendidos, alquiladores de profissão examinam attentamente, debatem, n'uma technica de difficil comprehensão para profanos, as qualidades e os meritos d'uma bella parella de muares resistentes, ou d'um cavallo do typo Alter ou do typo luso-andaluz na sua variedade alem-

tejana, elegante e graciosa á vista apesar das modificações que tem experimentado na grossura dos membros, crinas abundantes, finas,

tadas, contam-se massos de notas, onde ha annos se ouvia em contagem rapida o metalico som do ouro em libras a transbordar de bolsas de couro bem providas. Lá em cima, regulam-se as compras de lãs dos *barros*, ava-



lia-se o rendimento utilisavel na industria, separam-se as categorias de applicação. Alem, n'aquelle terreiro, apresentam-se os soffredores, e sobrios burros, resignados apesar da sua teimosia, aptos para todos os serviços de lavoura, presta-veis a todos os transportes.

Assim se vae passando em revista na vasta feira d'Evora toda a casta de animaes agricolas e todos dos productos que dos montes e as herdades do districto, e mesmo da região *sul*, acodem áquelle tradicional mercado, conjunctamente com os pandeiros e adufes onde em acompanhamento monotonico de reminiscencias



ondeadas, orelhas espertas, estreitas, bem plantadas na cabeça secca e longa. Acolá, sob a tenda formada com o auxilio do carro que se tranformou em loja de bebidas, senão em casa de pasto, fecham-se transacções avul-

mouriscas se percurte o rythmo das canções campesinas ao S. João, dolentes e arrastadas; e d'estes variados aspectos se dá idea geral nas photographias documentaes, que acompanham estas linhas descriptivas.



MODAS DE VERÃO

ENTRANDO a estação estival, como ao presente, a moda soffre também dolencias do esbraseado ceu; repousa um pouco, abate a habitual vivacidade, torna-se menos volúvel. Depois das criações magníficas e luxuosas que apparecem nos grandes centros dominadores do bom tom, determina-se uma corrente de *mundanismo campesino* exdruxula ligação de tendencias contrarias; e no vestuario, nos chapéus, no calçado, nas luvas, na profusão de rendas, na diaphana leveza das cassas e das cambraias demonstra-se sempre uma preocupação do campo, dos jardins assombreados, dos relevados frescos sob a copa fechada do arvoredo.

Assim os chapéus simplificam-se; reduzem-se quasi ás formas de palha fina (e no tecido d'esta está a moda) enfeitados por um tule fluctuante e um molho de flores.

Os corpos de renda entreabrem-se em promettedoras denuncias do que será a *toilette* de baile na proxima estação de inverno.

As luvas eliminam-se, substituidas por mitenes ás vezes, mas em geral ficam nas mãos, reduzidas pelos gestos expressivos da volubilidade feminina a pequenas bolas brancas de seda tecida em malha. A grande

moda é trazer os dedos delgados, gracios, nervosos ou sensualmente polpudos e brancos, todos cobertos de aneis. Aneis de todas as formas e de todos os generos, abundantes de pedras preciosas, complicados na ornamentação, ricamente esmaltados, antigos de preferencia.

O impulso da moda é tão poderoso que o velho preceito de bom tom que prohibia ás meninas novas e solteiras usarem aneis, adorno reservado exclusivamente ás casadas, está sendo muito infringido e os aneis custosos e artisticos enfiam-se igualmente nos pequeninos dedos que ainda não se entrelaçaram sob a estola do padre, ao fundo da egreja, perante o circulo de numerosa assistencia.

Generalisaram-se de tal sorte as botas brancas ou diversamente coloridas, em tons comprehendido entre o amarello canario e o verde secco das folhas, que a elegancia escrupulosa em distincção adoptou apenas o calçado em fino couro da Russia perfumado; e em pequenos sapatos abertos ou

decotados, como se usa dizer, alguns ha caprichosamente vincados de desenhos ornamentaes, segundo a copia de velhas usanças moscovitas. Os vestidos leves de inte-



rior, destinados a receber visitas nas casas de campo, affectam as mais variadas fórmãs e estylos; na sua maioria predominam as *blouses*; mas apparecem nos *ateliers* das grandes modistas *toilettes* completas cujo côrte geral se approxima da época romantica, mangas curtas, escapularios de rendas com guarnições fluctuantes, em fórmula de romeira que se entreabre na frente.

E' esta variedade infinita de estylos e de côrtes que caracteriza o momento actual; ha evidentemente uma lucta contra a monotona uniformidade dos annos passados.

Cada qual escolhe, segundo a sua individualidade, o modelo de velhos retratos celebres, quebra-lhe os exaggeros que o afastem da harmonia geral da época, modifica-o ligeiramente e assim se veste e encanta em moldura apropriada, na roupagem suggestiva.

Onde uma mulher, verdadeiramente elegante, estuda a moda que lhe convem, á estatura, á côr, á flexibilidade serpentina das formas delgadas ou á ondulante graciosidade de curvas abundantes, não é nos figurinos uniformes que o activo commercio espalha juntamente com os cortes de fazendas, como tambem não é na copia irreflectida dos modelos ousados que compõem em geral o vestuario do theatro. Já aqui o dissemos. Onde ella poderá ir buscar inspiração propria, se

não se contentar com a que lhe fornece a sua modista, é nas collecções de arte, nos bellos retratos que os pintores antigos e modernos estão produzindo, n'uma revivescencia de tradições historicas.

Assim procedem as supremas dominadoras do gosto e do luxo. Tudo em vestidos de interior e de recepção, porque nos de passeio continúa a predominar a extrema singeleza, que não exclue a elegancia, e que sem duvida não é menos encantadora, nem menos valor dá á formosura.



As nossas illustrações representam dois graciosos vestidos da estação, proprios para *garden party* e passeio.

Este segundo é em cambraia de ultimo fabrico, novidade em tecido d'este anno, côres claras em tons mortos ou esmaecidos, extremamente flexivel e adaptavel aos contornos, tallado em prégas, enfeitado com bandas de renda de *guipure* espesso, ou rendas de Luxenil, como a jaqueta que constitue o corpo.

O *fichu* em prégas miudas é tambem de cambraia como a tira que ajusta a jaqueta á cintura.

O chapéu é feito em *mousseline*, enfeitado de tulle e de margaridas.

O primeiro modelo que apresentamos é egualmente pensado para as mesmas cambraias, assente sobre tafetá, enfeitado de rendas fortes. O corpo de seda é cortado em feitio couraça, sobre o qual assentam as rendas. Umãs bandas do mesmo tecido cahem elegantemente desde o alto, e são apanhada ao centro por enfeites de or-

nato, imitando joias. O chapéu é de *mousseline*, com rosas e fitas de velludo. São modelos que podem ser reproduzidos em outras fazendas leves da estação.

Ping-Pong

DESDE algum tempo que o *Ping-Pong*, um novo jogo de destreza e de sociedade, absorve as atenções mundanas. E' um *lawn-tennis* de nova especie, em miniatura, para cima de mesa á qual se adapta facilmente. Terminado o *luncheon* ou o jantar levanta-se a mesa apressadamente, colloca-se aparafusada ou presa de maneira especial e pratica a pequena rêde divisoria dos *partners*, tomam-se as minusculas *raquettes*, sentam-se em circulo curioso os convivas e principiam

A gravura que reproduzimos mostra d'uma fôrma elucidativa e critica uma d'essas reuniões. Alli se observa a diversa attitude que os combatentes tomam, e a differente curiosidade dos que assistem, interessados na marcha da partida, bem nitida na pintura, conforme as edades e o temperamento, apanhados em flagrante, reaes, vividos nos typos, nas maneiras, nos aspectos. O *Ping-Pong* adquiriu rapida acceitação, e como no chamado grande mundo as aptidões de exerci-



partidas successivas, onde a gracil gentileza das damas tem mais uma vez ensejo de se demonstrar.

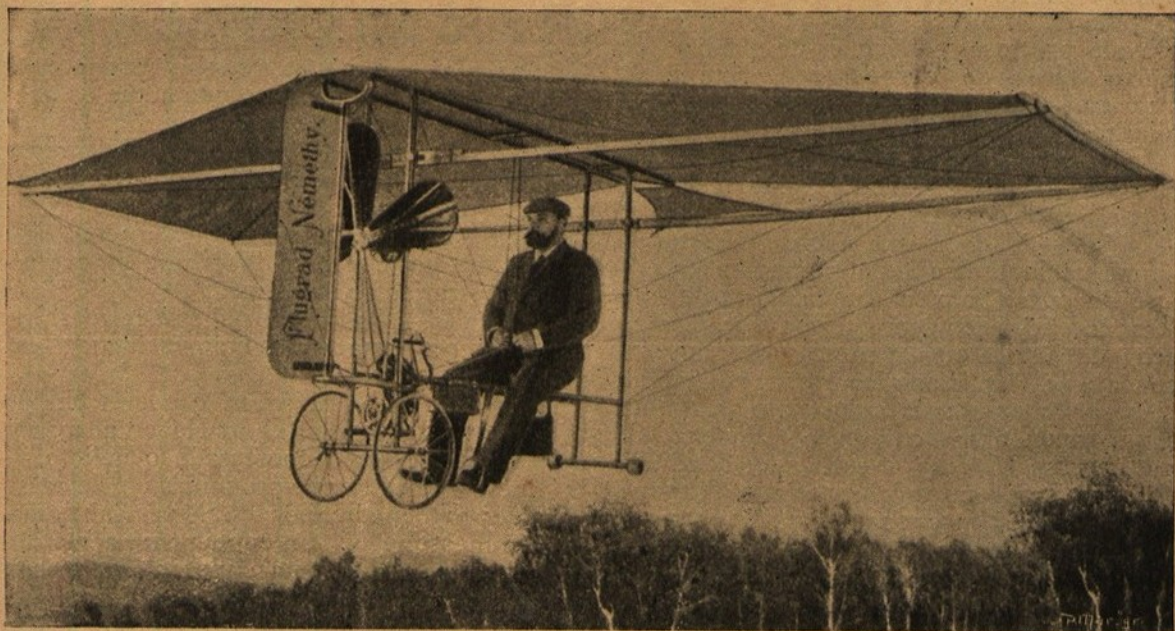
cios *sportivos* são cultivadas com esmero e tenaz profia, o novo jogo veio satisfazer aquelle gosto de bom tom.

VARIEDADES

SPORT AEREO

PROFIADAMENTE continúa o espirito inventivo a procurar resolução ao problema da locomoção aérea, experimentando todos os processos, tentando todas as imitações do vôo das aves, n'esta velha e constante ambição que já tornou tão celebres, como fabulosas, as classicas azas de cêra do pretencioso Icaro, sem fallar nas innumeradas azas de pau afivelladas bem contra vontade aos costados de muito audacioso infeliz. A mecanica moderna, porém, dispondo de todos os recursos que a sciencia e a industria vem todos os dias entregar ás combinações de raro equilibrio que aquella imagina, accelera a resolução final,

opiniões scientificas deverá ser uma conquista das mais notaveis a levar em conta de inventario ao seculo actual. O director de fabrica Emilio Nemethy, em Arad, na Hungria, construiu de pequenas dimensões um modelo de machina voadora, que a gravura representa suspensa no espaço para melhor comprehensão do engenho, e na qual o inventor deposita a maior confiança, feitas diversas modificações, julgando que ella voará tão facilmente como o desenho demonstra e custando preço concorrente com o da automovel para lhe dar a applicação geral de *sport*. A machina voadora munda-se desde já; não se restringe aos ser-



impulsiona as tentativas e anima esperanças de proximo exito. É este já o terceiro modelo de machina de voar que apresentamos n'este curto periodo, porque seguimos a evolução d'este invento que, no dizer de autorizadas

viços militares de campanha, nem ás communições rapidas do commercio. Nemethy utilisou na sua construcção os mesmos principios scientificos que determinam o fabrico dos *papagaios* e os fazem elevar no espaço, diver-

tido passatempo do rapazio n'esta época do anno. O novo apparelho semelha-se ao do engenheiro Kress, de Vienna d'Austria, ou ao do conselheiro Hoffmann, de Berlim. Um pequeno motor de gazolina, de triplice expansão, actua o parafuso ou roda voadora e a corrente de ar desenvolvida por debaixo da superficie do papagaio será sufficientemente forte, segundo a opinião do constructor, para manter fluctuante o apparelho, logo que elle se eleve na athmosphera; mas para o elevar projecta Nemethy uma rampa arrebatada, por onde role em rapida carreira, semelhante áquella que para o mesmo effeito faz a creança que pretende lançar o papagaio. No modelo definitivo a envergadura das azas será de 8 metros e a sua superficie de 18 metros quadrados para um peso total de 140 kilos, incluindo o viajante. Corresponde a 8 kilos por metro de superficie de aza, proporção derivada da do peso e tamanho de aza nas aves. A força calculada para o motor parece, porém, pequena para o

peso, embora Nemethy sustente ser sufficiente, e n'esta proporção de força motriz e de peso dos apparelhos está uma grande difficuldade do problema. Quanto mais peso, maior força; mas quanto maior força maior motor que augmenta o peso, e assim por diante. Uma das curiosidades da machina Nemethy, que estudou a fundo o vôo das grandes aves maritimas e de presa, em viagens e em excursões especiaes, é a disposição do assento do viajante e da sua ligação ao papagaio, a qual permite por simples inclinação do corpo, imitando os movimentos instinctivos das aves, sem auxilio de mecanismo, fazer variar a posição do centro de gravidade do apparelho e dar-lhe direcção em todos os sentidos. Ha n'esta ligação particular da machina Nemethy e n'este novo methodo de direcção do vôo uma interessante, nova e sem duvida fructuosa applicação de equilibrios e de condições de estabilidade, que são novos elementos para a resolução d'este problema.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista. continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

ABRIL — 21 *Austria* — Um incendio destroe o castello de Brunesse, na Styria, onde se encerravam preciosas collecções de quadros, de Alberto Durez, de Veronesse de Van-Dyck, porcelanas, medalhas riquissimas e magnifica bibliotheca.

— *Estados-Unidos* — A confederação toma posse das ilhas de Cagayau e Sibutu, compradas por 100:000 dollars á Hespanha.

— *Chili* — E' declarada a crise ministerial. O novo gabinete fica assim composto: presidente do conselho o sr. Annibal Zanarti; ministro dos negócios estrangeiros o sr. Orrego Luco; da justiça o sr. Ventura Carvalho; da fazenda o sr. Martiniano Rodriguez; da guerra o general Palacios; da industria o sr. Arthur Alessandri ou o sr. Joaquim Fernandez.

22 *Estados-Unidos* — Desencadeiam-se teriveis temporaes em todos os estados da America do Norte. Um cyclone mata 200 pessoas em Victoria, colonia ingleza. — Os Estados-Unidos, a Hespanha e a Allemanha avisam a republica de Venezuela de que não julgarão procedentes as decisões dos tribunaes venezuelanos, e de que serão considerados nullos alguns decretos do poder executivo da mesma republica. A Grã-Bretanha e os Paizes Baixos farão declarações analogas.

23 *Russia* — Celebra-se a primeira conferencia entre o sr. Delcassé e o chanceller da

Russia. — O ministro de instrucção publica ordena a reabertura de todas as universidades. Dois mil alumnos da universidade de S. Petersburgo votam n'uma reunião magna uma moção pedindo ao governo que addie os exames para o outomno.

— *Hespanha* — São firmados os decretos dissolvendo o parlamento e convocando os collegios eleitoraes.

— *China* — Um decreto imperial constitue uma junta encarregada do exame das reformas necessarias ao imperio.

24 *Austria* — Os radicaes allemães apresentam uma proposta prohibindo residencia aos jesuitas na Austria.

25 *Allemanha* — E' preso o secretario do ministerio do interior Robert Heder, accusado de falsidades, tendo confessado o delicto. — O imperador Guilherme pronuncia um discurso perante os beneditinos de Marialaah, affirmando-lhes que podem contar com a sua benevolencia. — Dá-se uma explosão em tres caldeiras na fabrica de ambar em Griesheim, a qual se incendiou logo. Morreram no sinistro 80 pessoas e ficaram feridas 140.

— *França* — E' assignado *ad referendum* o tratado de commercio entre a França e a Turquia.

— *Hespanha* — Na bibliotheca do palacio real é descoberto um roubo de consideravel

numero de moedas de ouro do tempo de Viro e Wamba, valiosissimos broches e muitos codices. — Os empregados dos carros electricos voltam a declarar-se em greve pelo não cumprimento do convenio de 1899, havendo tumultos e ficando feridos alguns agentes e grévistas.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 279 votos contra 122, a proposta auctorisando os viuvos a casarem com as cunhadas.

26 *França* — E' preso em Paris um austriaco accusado de entregar á casa Krupp o segredo do fabrico das armas francezas, sendo tambem presos quatro cumplices, operarios da fabrica de Commentry.

— *Argel* — Um bando de indigenas da kabilda de Beni-ben-Asser, trucidam a quasi totalidade dos habitantes da aldeia de Margueritte e fusilam o administrador, os gendarmes e o guarda florestal, bem como 50 colonos que tinham aprisionado.

27 *America do Sul* — O medico militar de Buenos-Ayres, dr. Villar, pretende ter descoberto um sôro contra a tuberculose.

28 *Marrocos* — O sultão manda passar uma ordem de prisão contra o grão-visir. Attribue-se este facto a intrigas da côrte.

29 *Hespanha* — Inauguração da exposição nacional de bellas artes em Madrid, com a assistencia da familia real e corpo diplomatico. Entre os varios quadros está exposto um retrato de senhora feito pelo pintor portuguez Malhõa que a critica distingue com pouco vulgares louvores.

— *Turquia* — Produzem-se manifestações anti-semiticas em Kustendil, penetrando os manifestantes na synagoga e maltratando os judeus.

— *Austria* — Os operarios de Leopold, sem trabalho e cheios de fome assaltam as padarias.

— *Portugal* — Chega a Lisboa acompanhado de sua comitiva a bordo do yacht *Prinzesin Victoria Luise*, o principe George de Baviera.

30 *Allemanha* — E' preso no palatinado em Berlin por dois policias disfarçados de mulheres, um celebre estirpador assassino de 18 mulheres a quem mutilou horrivelmente.

— *Inglaterra* — A camara dos commons confirma a approvação do imposto sobre a exportação do carvão por 251 votos contra 148.

— *Marrocos* — O grão vizir Ben Muza é exonerado e substituido por Garnia.

— *Canada* — Declaram-se em greve 600 trabalhadores dos caes de Montreal.

— *Argel* — Produzem-se manifestações anti-semiticas pela presença de Max Regis e do seu adversario politico Laberdesque em uma cervejaria de Tantonville recebendo o primeiro duas balas na cabeça e ficando gravemente ferido.

MAIO — 1 *Inglaterra* — Os mineiros inglezes decidem pôr-se em greve geral no caso de o governo manter o imposto sobre o carvão, diri-

gindo n'este sentido uma especie de *ultimatum* ao ministro da fazenda. — A commissão militar da camara dos commons rejeita o projeto de reorganisação do exercito apresentado pelo Sñr. Brodrick, secretario d'estado da guerra.

— *Italia* — Declaram-se em greve os barqueiros de Livorno que pedem augmento de salario.

— *India* — Um violento incendio destroe em Arrely uma fabrica de prensas para enfardar algodão, morrendo 33 operarios dos 45 em trabalho.

— *Chili* — O presidente Errazuryz dá a sua dimissão por falta de saude. Substitue-o na presidencia da republica o Sñr. Zanartu, vice-presidente.

2 *Inglaterra* — 750.000 operarios votam uma greve durante um mez se o governo persistir no imposto sobre o carvão.

— *Japão* — O ministerio japonéz dá a sua demissão collectiva.

3 *Florida* — Um incendio destroe a maior parte de Jacksonville. Os bairros incendiados tinham cerca de 3 kilometros de extensão, ficando destruidos 130 predios. As perdas avalliam-se em 15 milhões de dollars.

4 *Italia* — O rei Victor Manuel assigna um decreto creando uma ordem denominada *Trabalho*, para recompensar os operarios que se distingam em estudos relativos aos trabalhadores.

— *Allemanha* — Encerra-se a sessão legislativa de *landstag* prussiano. O imperador acceta as demissões dos ministros da fazenda e da agricultura.

5 *Italia* — O governo ordena que as alfandegas reclamem os certificados de origem para os vinhos importados.

6 *Malta* — Realisa-se um comicio de 25.000 pessoas, protestando contra a substituição da lingua italiana pela ingleza, ordenada pelo governo de Londres.

— *Hungria* — Celebra-se em Buda Pesth uma imponente manifestação socialista de sympathia aos estudantes russos.

— *Allemanha* — Em substituição dos ministros da fazenda, da agricultura e do commercio e industria demissionarios são nomeados os srs. Rheinhaben, Podbledlkl e Moeller sendo tambem nomeados: ministro do reino o sr. Hammerstein, presidente do districto de Metz o sr. Kroetke, secretario dos correios e telegraphos.

— *Estados Unidos* — O governo resolve reduzir a 40.000 homens o seu exercito nas Philippinas.

7 *Estados Unidos* — E' proposto ao presidente Mac Kinley a nomeação d'uma commissão mixta, afim d'esta estipular o preço do canal de Panamá para ser adquirido por aquella republica.

8 *Hespanha* — E' decretada a suspensão de garantias constitucionaes na província de Barcelona, generalisando-se a greve aos operarios de todas as industrias e officios, sendo conduzidos para bordo do *Pelayo* 21 agitadores.

— *Portugal* — E' apresentada pelo ministro da marinha ao parlamento uma proposta de

lei, auctorisando o governo a reformar a lei de 21 de abril de 1892, relativa aos serviços de soccorros a naufragos.

— *França* — Batem-se em duello á pistola, em Paris, Sorcey filho com Laurent Taillarde, trocando as balas sem resultado.

9 *Portugal* — E' apresentado ao parlamento pelo ministro da fazenda uma proposta de lei modificando os impostos de direitos de mercês e de emolumentos das secretarias d'Estado e outra auctorisando o governo a modificar o actual contracto com o Banco de Portugal.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 261 votos contra 58 a proposta do chanceller da fazenda fixando a lista civil em 343:000 libras sterlinas por anno.

10 *Allemanha* — E' presente ao Reichstag um projecto prorogando até 1903 o tratado commercial entre a Inglaterra e a Allemanha.

11 *França* — E' nomeada uma commissão encarregada de rectificar a fronteira do Congo francez e da região de Cabinda, pertencentes a Portugal.

— *Estados-Unidos* — E' imposto aos assucares argentinos o direito supplementar de 10 centimos por kilogramma. — Declara-se o *krack* na bolsa de New-York nos valores do *trust* das companhias do caminho de ferro e do aço, sobre os quaes se jogava loucamente. Repercutem-se em Londres as consequencias do desastre bolsista que determina numerosas ruínas ao mesmo tempo que enriquece os grandes financeiros especuladores.

— *Russia* — Manifesta-se um pavoroso incendio nas docas de Wladivostock, attribuindo-se a malvadez dos chinas.

— *America do Sul* — E' apresentado á camara dos deputados em Buenos-Ayres um projecto de lei creando o divorcio.

12 *Italia* — Os pedreiros e serventes de Milão declaram-se em greve.

13 *Italia* — Os coveiros dos cemiterios de Napoles declaram-se em greve.

— *Russia* — Um enorme incendio destroe parte da cidade de Bresteitowski, ardendo bastantes casas particulares e alguns edificios publicos.

— *Inglaterra* — O governo inglez apresenta um projecto de reorganisação do exercito augmentando de 25:000 homens o effectivo em tempo de paz.

14 *Estados-Unidos* — E' publicado um decreto que reorganisa o exercito dos Estados-Unidos, elevando o seu effectivo a 76:000 homens.

— *Belgica* — A União Syndica de Bruxellas vota uma moção contra a annexação do Congo, permanecendo a sua administração sob o cuidado do rei Leopoldo.

— *Hespanha* — Restabelecem-se as garantias em Barcelona, levantando-se tambem o estado de sitio decretado por occasião da ultima greve.

— *Portugal* — E' discutido na camara dos deputados o projecto de reforma da contribuição predial, resultando da discussão o rompimento das relações politicas entre o sr. Hintze Ribeiro, chefe do partido regenerador e da

actual situação, e sr. João Franco Castello Branco, seu antigo correligionario e ministro em passadas situações sob a sua presidencia.

— *China* — O governo do imperio celeste responde á nota collectiva das potencias aliadas em que estas declaram acceitar os offerecimentos dos plenipotenciarios chinezes que propõe pagar as indemnisações em 30 annuidades de 15 milhões de *taeis* provenientes dos direitos das alfândegas indigenas de Pekin.

15 *Portugal* — Abertura da exposição de pintura e esculptura em Lisboa da Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

16 *Allemanha* — Manifesta-se um violento incendio nas docas de Dantzig.

17 *Belgica* — Um incendio destroe quasi completamente o palacio de Amalienberg, propriedade do principe de Dinamarca.

18 *Estados-Unidos* — O syndicato dos patrões de New-York despede perto de 20:000 operarios de Albany.

— *Belgica* — A camara dos deputados approva por 65 votos contra 55 os creditos para as legações no Quirinal e no Vaticano.

20 *Estados-Unidos* — Declara-se uma grande greve entre os operarios machinistas e conductores de New-York. O numero dos operarios dos Estados-Unidos, Canadá e Mexico que abandonaram o trabalho é calculado em 50:000, reclamando o dia de trabalho de 9 horas com o mesmo salario que recebem pelo dia actual de 10 horas.

— *Portugal* — Sessão real no palacio das côrtes para a cerimonia do juramento do principe herdeiro sua alteza o senhor D. Luiz Filippe, em cumprimento do art. 79.º da Carta Constitucional.

21 *Estados-Unidos* — Rosevelt pronuncia um discurso na exposição de Buffalo, proclamando a necessidade da união dos Estados-Unidos e das republicas sul-americanas contra a oppressão da Europa.

22 *Inglaterra* — Uma violenta borrasca cae sobre Solent, apanhando o *yacht* Shamrock II, que tinha a seu bordo o rei Eduardo VII, o qual teve a vida em grave risco, ficando o *yacht* muito avariado.

23 *Inglaterra* — Fôrma-se em Cardiff um grande syndicato para abastecer o mercado francez de carvão, comprando em Virginia minas carboniferas e os caminhos de ferro que servem a sua exploração.

— *Italia* — A Italia auctorisa a Inglaterra a passar por Somaliland a expedição contra Haumollah. — Suicida-se na prisão de San Stefano por meio de enforcamento Angelo Brèsci, assassino do rei Humberto.

— *Hespanha* — Realisa-se em Madrid a abertura do congresso naval com a assistencia dos principes das Asturias.

24 *Hespanha* — Nos districtos de Malaga, Cordova e Granada, sente-se um violento abalo de terra, desabando bastantes casas e produzindo numerosas victimas.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva em segunda leitura por 149 votos contra 38 o projecto de lei da lista civil.

25 *Portugal* — Realisa-se no paço da Ajuda

um sumptuoso baile offerecido por Suas Magestades para solemnizar o acto do juramento da constituição do reino de Sua Alteza o Principe Real, como herdeiro da corôa.

— *Inglaterra* — Uma explosão de *grisu* na hulheira *Universal* de Cardiff mata 70 mineiros. — O embaixador da Russia e o sub-secretario de estado dos Estados-Unidos teem uma

informam os unionistas das potencias alliadas de que a côrte imperial celeste está disposta a pagar a indemnisação de 450 milhões de *taeis*, mas não acceta o juro de 4 0/0.

3o *França* — Edmond Rostand, notavel escriptor francez, auctor do *Cyrano de Bergerac* é eleito membro da Academia Franca.



Photo. J. Godinho

VISITA DE LADY NORTHCOTE AO CAMPO DE SAUDE DA COLONIA PORTUGUEZA EM BOMBAIM

Durante os mezes de novembro e maio, periodo annual em que a peste recrudescer em Bombaim uma grande parte da população abandona as casas da cidade e vae acampar nos arrabaldes n'una area não atacada, vivendo então sob tendas construidas de bambus e de largas folhas de palmeira. Denominam-se campos sanitarios e ficam sujeitos á inspecção e á vigilancia da autoridade municipal. Pela primeira vez os campos de Kennedy, em frente do mar, foram este anno pessoalmente inspecionados pelo governador geral da India ingleza, lord Northcote. A photographia reproduzida foi tirada na occasião em que lady Northcote visitava os campos de Prabhu Pathare, onde se refugiou o colonia portugueza de Bombaim.

conferencia ácerca da China. A Russia nega-se a accetar a indemnisação sem uma garantia internacional, a qual os Estados-Unidos recusam prestar.

26 *Russia* — Rebenta um violento incendio perto da fortaleza de Cronstadt, calculando-se os prejuizos em dois milhões de rublos.

28 *Inglaterra* — O congresso internacional dos mineiros pronuncia-se a favor do dia normal de trabalho de 8 horas.

29 *China* — Os plenipotenciarios chinezes

— *Austria* — O sr. Berger declara na camara que os radicaes allemães desprezavam o sr. Lueger, e este respondendo áquelle orador, disse considerar o partido allemão infame e traidor á patria. Os radicaes abandonaram a sala das sessões, insultando Lueger.

— *Italia* — E' lançado ao mar em Spezzia o grande couraçado *Regina Margherita*, de 13:426 toneladas, com a velocidade de 19 nós por hora. As caldeiras teem a força de 19:000 cavallos de vapor.

— *Estados-Unidos* — O inventor Edison é ameaçado anonymamente de sequestro de sua filha Magdalena se não depositar em determinado sitio 25:000 dollars em ouro. Edison avisa as auctoridades e manda collocar avisadores electricos em muitos pontos e janellas da propriedade em que habita.

— *Inglaterra* — O congresso internacional de mineiros, em Londres, vota a responsabilidade dos patrões em accidentes de trabalho, indicando-lhes a obrigação de indemnizar os operarios e de os governos concederem pensões aos inhabilitados. — Nota-se grande decrescimento de pedidos nas fabricas metallurgicas. — Os fabricantes da Escocia diminuem novamente os jornaes dos operarios.

— *Allemanha* — E' accentuada a crise metallurgica. A fabrica Krupp despede muitos operarios por falta de trabalho.

— *Africa do Sul* — Os boers apreçam 500 cavallos perto de Colesberg continuando a marcha para o sul.

— *Hespanha* — Declaram-se em gréve os empregados das pedreiras da Corunha, sendo secundados pelos operarios dos diversos officios, promovendo disturbios com a guarda civil que teve de fazer fogo, matando um e ferindo onze populares. E' proclamado o estado de sitio.

31 *Russia* — Continúa o movimento operario. Nas fabricas de Neusky, nos arredores de S. Petersburgo, estão em gréve todos os operarios.

— *Africa* — E' exonerado do seu cargo o governador de Kebdana, onde se commetteu o assassinio do francez Pouzet.

— *Austria* — A camara dos deputados approva o projecto de lei relativo á construcção de canaes e regularisação dos rios.

JUNHO — 1 *Portugal* — Decreto acceitando a demissão de ministro dos negocios estrangeiros pedida pelo conselheiro João Marcel-

lino Arroyo e nomeando para aquella pasta interinamente o actual ministro da fazenda conselheiro Mattoso dos Santos. — Batem-se em duello á espada o conselheiro João Franco Castello Branco e o dr. João Pinto dos Santos, ficando o ultimo com um ferimento na mão direita.

— *Italia* — A rainha Helena dá á luz uma princeza que se chamará Yolanda Margarida. — O governo ordena que se active a repatriação das tropas italianas que estão na China.

— *Estados-Unidos* — O governo decide manter o direito de fiscalisar os assumptos de Cuba, sendo esta resolução communicada á convenção cubana.

— *Russia* — A policia de Kiew expulsa 480 operarios judeus.

— *China* — Sae de Shangae para a Europa a esquadra allemã composta de 4 couraçados e 1 cruzador.

— *America do Sul* — Abertura do congresso chileno em Valparaiso.

2 *França* — O grupo radical socialista adhere ao congresso dos radicaes organizado para as reformas republicanas.

— *Allemanha* — O imperador Guilherme nomeia a rainha da Hollanda chefe do batalhão da guarda imperial.

— *Hespanha* — Realisa-se a eleição de senadores. De 190 eleitos, o governo obteve 117, os conservadores 36 e os restantes partidos 37.

4 *Turquia* — E' prohibida em Constantinopla a representação do drama *Cyrano de Bergerac* por se considerar esta peça revolucionaria.

— *Hespanha* — E' demittido o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Santos Isasa e nomeado o general Martinez del Campo para o substituir.

— *França* — O procurador geral da Republica junto do Alto Tribunal de Justiça, manda prender o conspirador conde de Lur-Saluces, que voluntariamente regressára a França.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e tradncções durante o mez de Maio

ABRIL — 27 *VIUVA, VELHA E TOLA*, comedia em 3 actos, imitação do sr. Pereira Cabral, *UM BEIJO*, comedia em 1 acto, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho, beneficio da actriz Barbara (Theatro do Gymnasio).

MAIO — 15 *O PERFIL*, comedia em 1 acto; *PORBEM*, comedia drama em 3 actos, originaes do sr. dr. Illydio Amado (Theatro de D. Maria em recita de caridade, e desempenhadas por amadores da primeira sociedade).

18 *O SEVERO*, comedia em 3 actos, versão livre do sr. Eduardo Garrido (Theatro do Gymnasio).

— *O NOIVADO DE MERLUCHET*, operetta em 3 actos, traducção do sr. Bruno de Miranda (Theatro Avenida).

22 *VIAGEM Á TURQUIA*, peça em 3 actos, de Blumenthal e Kadelburg, traducção do sr.

Accacio Antunes (Theatro de D. Amelia).

31 *A GUARDADORA DE GANSOS*, operetta de Letterier e Vanloo, traduzida pelo escriptor brazileiro sr. Arthur de Azevedo (Theatro da Trindade).

JUNHO — 1 *A ROSA ENCANTADA*, magica em 3 actos e 8 quadros, original do sr. Assumpção Sousa, musica do maestro Joaquim Gomes, por um grupo de amadores (Theatro do Principe Real).

5 *ALDEIA NA CÔRTE*, drama em 3 actos, original dos srs. D. João da Camara e Delphim Guimarães (Theatro de D. Amelia).

10 *OS FRANCEZES NO BUSSACO*, operetta em 3 actos, original do sr. Eduardo Fernandes (*Esculapio*), com musica do maestro Dias Costa (Theatro da Rua dos Condes).

NECROLOGIA

MAIO — 13 Philippe MENDEZ VIGO, em Madrid, senador vitalício e ex-ministro de Hespanha em Lisboa.

24 Francisco José TEIXEIRA BASTOS, em Lisboa, 44 annos, escriptor muito conhecido e estimado.

28 CONDE DE S. JANUARIO, em Paço d'Arcos, 72 annos, general de divisão reformado e estadista illustre, tendo exercido honrosas com-

missões no paiz e no estrangeiro, e gerindo por diversas vezes varias pastas nos ministerios progressistas.

30 CONDE GUILHERME DE BISMARCK-SCHONHAUSEN, em Varzim (Allemanha), 49 annos, 2.º filho do principe de Bismarck.

JUNHO — 7 RICHARD BIDRZELL, em New-York, notavel escriptor e grande orador americano; suicidou se lançando-se ao mar.



PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Novo banho de entoação dando tons variados

A formula seguinte apresentada por Mr. Hé-lain á *Société d'Etudes photographiques de Paris* permite modificar o tom usual das photographias sobre papel-citrato.

Os tons produzidos pelo emprego dos banhos de entoação preparados com sulfocyaneto d'amonía são totalmente modificados se se empregar na sua composição um iodeto alcanino. Com os papeis chamados «de citrato de prata» póde levar-se a entoação até ao vermelho carmim, conservando as provas até ao maximo (40 minutos approximadamente) no seguinte banho preparado pouco antes do seu emprego :

Agua (quantidade sufficiente para)...	1 litro
Sulfocyaneto d'amonía.	5 gr.
Iodeto de potassa.	0,gr50
Chloreto de ouro (dissolvido anteriormente e deitado pouco a pouco, agitando-se sempre com uma vareta de vidro).....	0,gr25

Este tom vermelho é naturalmente tanto mais puro quanto a substituição do ouro pela prata fôr mais completa, havendo portanto toda a vantagem em prolongar a operação de entoação. Diminuindo a quantidade de iodeto, o mesmo banho dá tons violetas tanto menos vermelhos quanto menor fôr a proporção d'este sal. Quando a redução chegar a 0,gr20 ou 0,gr25 obter-se-ha então o tom muito approximado do que se emprega geralmente na pratica corrente.

Todos estes tons se obteem facilmente sem que seja necessario prolongar a entoação tanto tempo como para se chegar ao vermelho.

Reforçador para negativos

Varios jornaes allemães dão conta de um novo banho reforçador que póde ser bastante util em casos especiaes, taes como para obter aguas bem illuminadas e muito transparentes etc., invenção do sr. Anders, de Dresden.

Em primeiro logar deve o operador certificar-se que nenhum vestigio de hyposulfito se

encontra no *cliché*, que estando secco terá de se immergir em agua, passando-o em seguida a uma tina contendo uma mistura em partes eguaes da solução seguinte :

A — Ferrocyano de potassa.	4 gr.
Agua distillada.....	250 cc.
B — Chloreto de ferro...	4 gr.
Oxalato de amonia.	4 »
Agua distillada...	250 cc.

Os *clichés* logo que tomem uma côr azul ou violeta, o que se produz rapidamente, retiram-se do banho lavam-se muito bem e seccam-se.

Este banho tem principalmente a vantagem de não produzir os contrastes tão accentuados como succede com os outros geralmente em uso.

Revelador e fixador simultaneos

O *Dilettante* indica o seguinte banho e assegura os melhores resultados, preparando se:

A — Agua.....	75 cc.
Sulfito de soda anhydro... . . .	15 gr.
Soda caustica.....	7 »
Pyrocátéchine.....	7 »
B — Agua.....	100 cc.
Hyposulfito de soda.	20 gr.

Para se utilizar, emprega-se:

Agua.....	20 partes
Solução A.	8 »
Solução B.	10 »

Entoador e fixador sem ouro

Transcrevemos do *Bulletin d'Anthony*, a formula seguinte na qual não entra o ouro e portanto mais economica:

Agua distillada.....	1150 gr.
Carbonato de soda.....	7 »
Acetato de chumbo.....	14 »
Hyposulfito de soda.....	170 »

O tom obtido com este banho varia de castanho até ao negro, devendo a prova ser bem impressa e immersa no banho sem lavagem.



PHILOSOPHIA INFANTIL

- Mamã, se eu casar, hei de ter um marido como o papá?
 — Certamente, meu amor.
 — E se não casar, hei de ficar como a tia?
 — Sem duvida.
 — Então, mamã, é muito triste a vida da mulher.

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 3 — Tiram-se 20 litros de cada vez.

N.º 4 — Ordenar primeiramente as cartas d'um baralho por naipes e por ordem decrescente: rei, dama, valete, dez, etc. Pode depois partir-se o baralho tantas vezes quantas se quiser. Para encontrar reunidas as cartas semelhantes, reparte-se o baralho por treze macetes seguidamente; cada um conterà as quatro cartas semelhantes.

N.º 5 — *Xadrez:*

- | | |
|---------------------------|--------------------|
| 1. P come P | 1. P 4 T R |
| 2. R 4 B R | 2. P 5 T R |
| 3. R 5 R | 3. P 6 T R |
| 4. R 6 Ra | 4. P 7 T R |
| 5. R 7 B Ra | 5. B 1 B R |
| 6. T come B | 6. P 8 T R faz Ra. |
| 7. C come T xeque e mate. | |

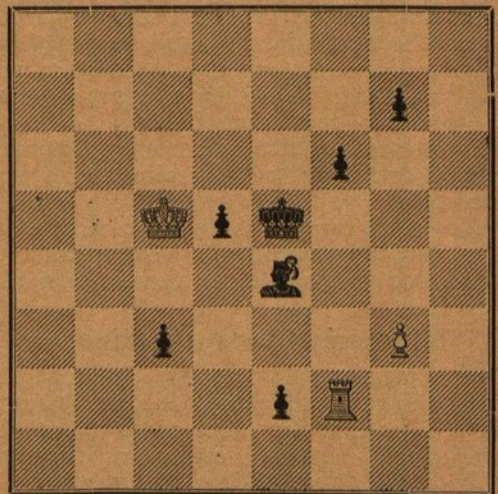
PROBLEMA

Num. 6

Um *touriste* pedestre fez uma viagem de 630 kilometros. Se tivesse andado cada dia 10 kilometros mais dos que andou, teria passeado menos 4 dias. Quantos dias durou a viagem e que distancia percorreu em cada dia?

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 6 NEGROS (4 peças)



BRANCOS (6 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em quatro lances